

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

GLAUCO DOS SANTOS SILVEIRA

POLÍTICA E RELIGIÃO: A ENCÍCLICA LAUDATO SI' SOB A ANÁLISE DO  
DISCURSO

PPGCR  
Faculdade Unida de Vitória

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 30/11/2018.

VITÓRIA  
2018

GLAUCO DOS SANTOS SILVEIRA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 30/11/2018.

POLÍTICA E RELIGIÃO: A ENCÍCLICA LAUDATO SI' SOB A ANÁLISE DO  
DISCURSO

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Ciências das Religiões  
Faculdade Unida de Vitória  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de pesquisa: Análise do Discurso

Orientador: Dr. Kenner Roger Cazotto Terra

Vitória-ES  
2018

Silveira, Glauco dos Santos

Política e religião / A encíclica Laudato si' sob a análise do discurso/  
Everson de Oliveira Souza. – Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória,  
2018.

viii, 94 f. ; 31 cm.

Orientador: Kenner Roger Cazotto Terra

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória,  
2018.

Referências bibliográficas: f. 87-94

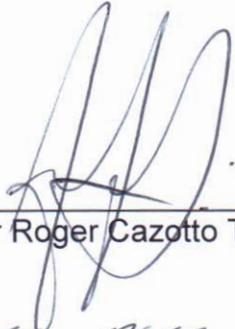
1. Ciências das religiões. 2. Análise do discurso religioso. 3. Laudato Si'.
4. Ecologia Integral. 5. Política e religião. 6. Encíclica Laudato si'. - Tese.
- I. Glauco dos Santos Silveira. II. Faculdade Unida de Vitória, 2018.
- III. Título.

GLAUCO DOS SANTOS SILVEIRA

POLÍTICA E RELIGIÃO: A ENCÍCLICA *LAUDATO SI'* SOB A ANÁLISE DO DISCURSO

PPGCR  
Faculdade Unida de Vitória

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.



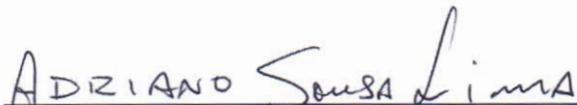
---

Doutor Kenner Roger Cazotto Terra – UNIDA (presidente)



---

Doutor Graham Gerald McGeoch – UNIDA



---

Doutor Adriano Sousa Lima – FABAPAR

## AGRADECIMENTOS

“Laudato Si’, mi’ Signore – Louvado sejas, meu Senhor!”

Escrever uma dissertação não é uma tarefa nem de longe fácil. Ainda lembro-me de que pensava que – após cinco anos de graduação e muita escrita no curso de Ciências Sociais – isto poderia ser mais fácil, devido ao prazo de dois anos. Logo – e muito rápido – essa crença se revelou falsa. Muitos foram os cansaços, leituras, “Ctrl+Z” e estresses com prazos a cumprir. Mas ei-la – e mesmo assim, sempre será um trabalho por completar, por melhor que possa parecer. Ao leitor mais crítico peço sempre sua compaixão e indulgência.

Aprendi desde pequeno com meus pais que devemos ser gratos pelo que recebemos. Na Bíblia Sagrada está escrito que devemos ser gratos por tudo. E, deixando neste momento as conjunturas de lado – pois as situações também precisam ser favoráveis para que um trabalho desta magnitude seja feito – quero agradecer às pessoas que tornaram possível este trabalho. Porque no fim é às pessoas que ele é dedicado. Foi por elas e pra elas que foi feito.

Inicialmente, agradeço a Deus por tornar isso possível. Os mais atentos perceberão que a frase inicial desta seção de “Agradecimentos” é a mesma utilizada pelo papa Francisco para iniciar a encíclica que foi o objeto de estudo dessa dissertação. Seja Deus um ser pessoal, a natureza, o acaso, o destino, ou vários a quem lê, meu agradecimento inicial vai a Ele. “Ele não desiste de você”, diz uma música cristã bem conhecida; e sempre serei grato a Ele por não desistir de nenhum de nós. Este mundo por mais cru que se revele – ainda mais na conjuntura atual deste ano de dois mil e dezoito aqui em nosso país – tem sim algo de fantástico e de mágico, e compartilho da visão do papa de que necessitamos voltar a vê-lo com este olhar.

Agradeço aos meus companheiros mais chegados de exílio em Vitória-ES, uma cidade magnífica, mas que sempre terá um teor de saudade pelos módulos que foram feitos de modo presencial e que se traduziam em afastamento de casa e da família por longas semanas. Ao Andreze, Fydell, Marcos (“Marcox”) e ao Richard meu muito obrigado pelas conversas e convívio, e à toda turma 17 do mestrado em Ciências da Religião fica meu agradecimento e forte abraço pela convivência e aperreios que tivemos juntos.

Agradeço às orações dos membros da Igreja Assembleia de Deus em Aerolândia 3, na cidade de Fortaleza-CE. Sempre estiveram atentos a intercederem por mim nas viagens, de maneira que o fardo de estar longe de casa e da família fosse mais suportável. Só Deus pode retribuir tal cuidado. Agradeço também aos amigos que se fizeram presentes de maneira virtual nestes exílios. Espero estar à altura de tal dedicação.

Sou grato à ajuda inestimável do meu orientador, professor Kenner, que sempre dentro do possível esteve à disposição para nortear a construção dessa dissertação. Sem sua ajuda essa tarefa teria sido sem dúvida ainda mais árdua.

Agradeço a meus pais e meus irmãos. Sem eles não seria nem um quinto do que sou, e qualquer falha que esteja presente em mim certamente não é por nenhuma negligência ou ação deles. Ensinarão-me o que é responsabilidade, dedicação, cuidado e amor. Assumir essa tarefa de realizar esse mestrado exigiu tudo isso, e nada do que foi feito teria sido possível sem sua ajuda.

Por fim, mas não menos importante, muito pelo contrário, agradeço a mulher que tem sido minha esposa. Paciente esposa. Dedicada esposa. Lívia, meu amor: tudo isto só foi possível por sua abnegação, seu carinho, seu amor. Esta dissertação repousa sobre muita coisa que compartilhamos em crenças acerca de um mundo mais justo e melhor, não só para nós, mas para todos. É uma contribuição nossa para um mundo mais digno nestes tempos tão sombrios. Aprendemos, e experienciamos um com o outro, que amar é sempre melhor e vale sempre a pena.

PPGCR  
Faculdade Unida de Vitória

Fortaleza, novembro de 2018.

Glauco dos Santos Silveira.

## RESUMO

O presente trabalho oferece, em três capítulos, dissertação de mestrado voltada à análise do discurso presente na encíclica *Laudato Si'*, redigida e publicada no pontificado do Papa Francisco. Para isso, o texto foi estruturado de modo a apresentar a análise do discurso e a apresentar a figura do papa e dos documentos eclesiais da Igreja Católica, de maneira que a partir de três eixos principais (religião, política e meio ambiente) a referida análise pudesse ser realizada, de forma que respondesse a seguinte pergunta: há atravessamentos de caráter político e ambiental na encíclica *Laudato Si'*, sendo esta um documento de viés religioso?

Palavras-chave: Análise do Discurso; Ciências das Religiões; *Laudato Si'*; Ciências Sociais; Ecologia Integral.



## ABSTRACT

The present work offers, in three chapters, a master's thesis focused on the analysis of the discourse present in the encyclical *Laudato Si'*, written and published in the pontificate of Pope Francis. For this, the text was structured in order to present the speech analysis and to present the figure of the Pope and the ecclesial documents of the Catholic Church, so that from three main axes (religion, politics and environment) could be fulfilled in a way that answered the following question: are there political and environmental crossings in the encyclical *Laudato Si'*, which is a document of religious point of view?

Keywords: Speech analysis; Sciences of Religions; *Laudato Si'*; Social Sciences; Integral Ecology.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 DISCURSO E MEIO AMBIENTE.....	12
1.1 O que é Discurso .....	12
1.2 Meio ambiente e Discurso na política .....	17
1.3 Meio ambiente e religião .....	24
1.4 Resumo do capítulo .....	32
2 A LAUDATO SI' .....	33
2.1 Documentos papais: a Encíclica.....	33
2.2 O contexto histórico da Laudato Si' .....	38
2.3 Repercussões da Laudato Si' .....	45
2.4 Resumo do capítulo .....	53
3 A LAUDATO SI' SOB A ANÁLISE DO DISCURSO.....	54
3.1 A ideologia religiosa na Laudato Si' .....	56
3.2 A ideologia política na Laudato Si' .....	64
3.3 A ideologia ambiental na Laudato Si' .....	73
3.4 Resumo do capítulo .....	82
CONCLUSÃO.....	83
REFERÊNCIAS .....	87

## INTRODUÇÃO

ESTUDANTE	Mas ideias exprimem as palavras!
MEFISTÓFELES	É verdade! Mas não o tomeis à letra; Serve a palavra onde as ideias faltam Disputa-se muito bem só com palavras, Com palavras sistemas se constroem Na palavra se crê com fé profunda, Da palavra um iota não se tira. <sup>1</sup>

Na vida prática, e devido a certa influência do pensamento científico, não é incomum a separação de diferentes esferas, que costumam ser tratadas como diferentes e, portanto, imiscíveis; contudo, mesmo que se admita na ciência (e na vida prática) tais separações, na realidade, no âmbito das ciências humanas, e mesmo das naturais, considerar que seja possível um isolamento do objeto em relação a seu meio tem sido cada vez mais questionado, e ponderar que tanto o pesquisador quanto o próprio objeto tem atravessamentos de outras esferas tem sido cada vez mais admitido.

Na nossa cultura, o fenômeno da religião é uma verdade inescapável. Os portugueses em suas peregrinações na busca de um caminho que conduzisse às “Índias” e que acabaram, anos depois, por assomarem às costas litorâneas brasileiras o fizeram, em parte, por motivações religiosas.<sup>2</sup> Durante muito tempo, a Igreja Católica<sup>3</sup> teve grande força na esfera civil, tanto governo colonial, quanto do governo independente do Brasil, realidade que só aos poucos, com a instituição da República, veio sendo modificada; entretanto, o Brasil ainda é conhecido como celeiro da religião e do fenômeno religioso, e essa realidade certamente não mudará tão rapidamente nos próximos anos.

Com as navegações, além da cultura europeia, em especial a ibérica, espalhou-se também a religião católica, muitas vezes sob o império da imposição e da força; outras vezes, sob a ação zelosa, respeitosa, até mesmo tolerante de missionários conscienciosos<sup>4</sup>. Seja como for, a Igreja Católica veio a se consolidar como a principal força da cristandade a nível

<sup>1</sup> GOETHE. *Fausto*. São Paulo: Martin Claret, 2011. p. 83

<sup>2</sup> Acerca disto veja BOXER, Charles Ralph. *O império marítimo português: 1415-1825*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2002.

<sup>3</sup> No corpo dessa dissertação optou-se, por questão de fluência de leitura do texto, a utilização de variados termos para se tratar da Igreja Católica Apostólica Romana: Igreja Católica, Igreja Católica Romana, Igreja Romana, etc. Todas essas variações dizem respeito à Igreja Católica Apostólica Romana. Nos casos que não se referirem especificamente a essa instituição, o autor manifestará, de forma clara, a qual instituição estará a se referir. Tem-se ciência que o autor poderia haver optado por uma simples sigla, mas pelo motivo apresentado no início, o autor reservou-se essa forma de escrita.

<sup>4</sup> Acerca disto ver BOXER, Charles Ralph. *A igreja militante e a expansão ibérica (1440-1770)*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007.

mundial, tendo uma capacidade de organização a nível global invejável a outras organizações. Sob sua direção, uma quantidade notável de fiéis regulam suas vidas e suas formas de ver e apreender o mundo. Seus líderes, os papas, não só no meio dos católicos, mas de todos aqueles que conhecem a Igreja Católica dividem opiniões. Mas é um fato inegável que, dentre os líderes religiosos, é de se admirar o destaque e o alcance das palavras proferidas pelo pontífice romano.

Em um mundo globalizado, onde as fronteiras nacionais muitas vezes estão borradas, admite-se que o que ocorre do outro lado do mundo tende a influenciar a outra parte do mundo e o mundo como um todo. Se isso é verdade na política e na economia, torna-se ainda mais verdadeiro no que diz respeito aos aspectos ambientais que, justamente por isso mesmo, tem nas últimas décadas se tornado um assunto que chama ainda mais atenção das autoridades acadêmicas e científicas, e se tornou questão de debate acirrado na esfera social e política.

Esta dissertação pretende analisar a encíclica *Laudato Si'* sob a ótica da Análise do Discurso, como um construto no qual é possível perceber atravessamentos das questões religiosa, política e ambiental. Como dito antes, parte-se da hipótese sustentada de que o documento em questão, mesmo sendo uma produção de uma instituição religiosa, não se restringe a esta, pois na vida real dos seres humanos tudo permeia tudo. Essa hipótese será verificada sob as lentes de conceitos propostos por um autor, José Luiz Fiorin, que são partes constituintes da disciplina de Análise do Discurso.

No primeiro capítulo, propõe-se introduzir o leitor nos conceitos dessa disciplina, configurar o que é discurso, e então perceber a importância do discurso na religião, meio ambiente e política, e como a política e a religião, as duas esferas que serão principalmente abordadas neste trabalho, veem a questão ambiental, a relação do ser humano com ele, seu posicionamento em relação às outras espécies e ao planeta. O foco será voltado às religiões mais próximas à discussão da *Laudato Si'*, àquelas que possuem mais influência regional, àquelas que possuem corpos diretivos que de alguma forma se manifestaram acerca da encíclica. Todas essas características, isoladamente ou concomitantemente, foram levadas em conta para a discussão sobre religiões ora feita.

No segundo capítulo deste trabalho, o foco foi voltado para o documento em si. Foi percorrido sobre o que é uma encíclica, sua posição dentro da esfera da burocracia do Vaticano e da tradição católica, a importância do contexto histórico imediato que o levou a ser escrito e as repercussões de sua publicação. Neste momento se buscou entender porque a encíclica *Laudato Si'* recebeu tanta importância na época contemporânea em relação a outras publicações pontifícias concorrentes, e porque se resultou tão festejada sua divulgação. Nesse

aspecto, optou-se por adotar a premissa de que colaboradores diretos na escrita argumentativa da escrita (como Leonardo Boff, mas não somente ele) teriam influência mais direta no texto, embora não se descarte a influência de outras instâncias, como o Patriarcado Ecumênico no discurso, embora estas instâncias não sejam exploradas nem mencionadas no texto. O espaço é restrito e não permite tal extrapolação. Em relação a esta limitação, o autor pede a indulgência de seus leitores, que são também avaliadores.

No terceiro capítulo, foi realizado o trabalho instrumental de análise direta da encíclica com a utilização do ferramental teórico proposto no capítulo 1, levando-se em conta todas as questões suscitadas no capítulo 2. Foi verificado se o problema colocado, ou seja, de que a encíclica não se restringe à esfera ideológica religiosa e que atravessamentos (caso não se restrinja ao escopo da religião) poderão ser detectados se existirem e como se articulam com a ideologia religiosa é pertinente e qual é a conclusão referente a este problema. Este capítulo é constituído de três seções, nas quais são, primeiro, verificados os aspectos nativos religiosos, já esperados em um documento de tal natureza; e se como esperado, possui atravessamentos vários que a esta esfera não se restrinjam, pela natureza plural de seu autor, o papa, a tarefa da seção seguinte será concentrada em detectar os possíveis aspectos políticos presentes na encíclica, e as congruências presentes nesses possíveis aspectos. Na terceira seção, esta mesma tarefa será feita, contudo, o foco será voltado para o aspecto ambiental.

Por fim, este trabalho apresentará as conclusões referentes às questões levantadas. As referências utilizadas serão apresentadas ao seu fim.

Tudo isto colocado, siga-se adiante.

## 1 DISCURSO E MEIO AMBIENTE

### 1.1 O que é Discurso

Na filosofia da linguagem é considerado que vemos o mundo tal como o construímos mediante a linguagem. Essa construção advém da ordenação daquilo que chamamos “coisa-em-si” (o que poderíamos considerar como o “mundo real”) pelas categorias próprias da linguagem que dão origem ao que se chama de “fenômeno” (entretentes, “coisa para o sujeito”). Nietzsche, cuja filosofia traz muito da reflexão acerca da linguagem na construção do mundo, coloca:

Devemos usar ‘causa’ e ‘efeito’ apenas como *conceitos* puros, como ficções convencionais, para fins de terminologia, de compreensão, e *não* de explicação. No ‘em si’ não há ‘elos causais’, nem ‘necessidade’, nem ‘ausência de liberdade psicológica’. O efeito aí não segue a causa. Aí não reina ‘lei’ alguma. *Nós* é que inventamos as causas, a sucessão, a reciprocidade, a relatividade, o constrangimento, o número, a lei, a liberdade, a motivação, a finalidade. Sempre que introduzimos, que misturamos nas coisas este mundo de sinais como se existisse um ‘em si’, não procedemos diferentemente do que sempre procedemos, ou seja, *mitologicamente*.<sup>5</sup>

Sendo essa ordenação dada pela linguagem, a linguagem cria a realidade do indivíduo, mas o faz segundo a versão que se coaduna com ele, com sua história de vida, suas idiosincrasias. A ilusão de realidade provinda do uso da linguagem normalmente ocorre pela confusão, bastante natural, uma vez que há a relevância da comunicação verbal para a espécie humana, e sua construção cultural<sup>6</sup>, fato que outros animais possuem, mas de maneira pouco incipiente justamente devido à ausência desse refinamento lingüístico<sup>7</sup>. Nietzsche, novamente, coloca que

A importância da linguagem para o desenvolvimento da cultura está em que nela o homem estabeleceu um mundo próprio ao lado do outro, um lugar que ele considerou firme o bastante para, a partir dele, tirar dos eixos o mundo restante e se tornar seu senhor. Na medida em que por muito tempo acreditou nos conceitos e nomes de coisas como em *aeterna veritates* [verdades eternas], o homem adquiriu esse orgulho com que se ergueu acima do animal: pensou ter realmente na linguagem o conhecimento do mundo. O criador da linguagem não foi modesto a ponto de crer que dava às coisas apenas denominações, ele imaginou, isso sim,

<sup>5</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Para Além do Bem e do Mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Martin Claret, 2008. p. 51.

<sup>6</sup> SKINNER, B. F. Seleção por Consequências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. Volume IX, nº 1, p. 129-137, Brasília, 2007. p. 131.

<sup>7</sup> Acerca disto, ver esse interessante artigo sobre uma “cultura” animal possível de ser observada na atualidade. CHAVES, Fábio. *Após décadas de pesquisa, cientistas afirmam que as outras espécies também criam cultura*. Disponível em: <<https://www.vista-se.com.br/apos-decadas-de-pesquisas-cientistas-afirmam-que-as-outras-especies-tambem-criam-cultura/>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

expressar como as palavras o supremo saber sobre as coisas; de fato, a linguagem é a primeira etapa no esforço da ciência.<sup>8</sup>

Contudo, que estruturas devemos apreender na linguagem? A partir de que pontos relativos a ela este trabalho irá se fundamentar, para a análise da encíclica *Laudato Si'*, de Sua Santidade, o papa Francisco?

Serão usados os conceitos promovidos por José Luiz Fiorin, alguns destes conceitos, posicionamentos deste autor de conceitos propostos ou discutidos por outros dois ícones da área da lingüística, a búlgara Julia Kristeva<sup>9</sup>, e o russo Mikhail Bakhtin<sup>10</sup>, principalmente os conceitos a seguir: intertextualidade, interdiscursividade e ideologia. Tais conceitos são cardeais para esta dissertação, pois será a partir deles que toda a análise do discurso que procura responder ao problema inicial proposto, a saber, se a encíclica possui ideologias além da religiosa, e como se dá a articulação dessas demais ideologias com a religiosa, será feita.

Fiorin considerará que, inicialmente, é necessária a distinção entre texto e discurso. Embora ambos, texto e discurso, tenham uma dimensão virtualmente ilimitada por sua propriedade de recursividade<sup>11</sup>, aquele é manifestação enquanto este é imanência<sup>12</sup>, de onde é necessário presumir que não existe texto sem discurso que o fundamente<sup>13</sup>.

O que é, então, o texto? Tomando como base Paul Ricoeur, Fiorin assim se colocará em relação ao que é texto:

Paul Ricoeur dizia que o sentido do texto é criado no jogo interno de dependências estruturais e nas relações com o que está fora dele. Isso significa, de um lado, que o texto é uma estrutura, no sentido de que ele é um todo organizado de sentido, que é composto com procedimentos linguísticos próprios. Com efeito, ele não é uma grande frase nem um amontoado de frases, mas se constitui com processos específicos de composição. Por outro lado, sabemos que não temos acesso direto à realidade, porque nossa relação com ela é sempre mediada pela linguagem. Por isso, um discurso não se constrói sobre a realidade, mas sempre sobre outro discurso. Assim, a conexão com que está fora do discurso é uma vinculação com outro discurso. É essa ligação que dá dimensão histórica ao discurso.<sup>14</sup>

Observem-se dois aspectos: a impossibilidade de acesso à realidade a não ser pela linguagem, como proposto pela filosofia da linguagem; e a materialidade do texto em relação

<sup>8</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008. p. 20-21.

<sup>9</sup> Acerca de Kristeva recomenda-se a visita a um sítio eletrônico a ela totalmente dedicado. *Kristeva*. Disponível em: <<http://www.kristeva.fr/>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

<sup>10</sup> Acerca de Bakhtin e da importância de sua obra na área da lingüística, confira BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. Editora Contexto, 2005.

<sup>11</sup> FIORIN, José Luiz. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, Beth; SOUZA-e-SILVA, Maria Cecília (Orgs.). *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012. p. 147.

<sup>12</sup> FIORIN, 2012, p. 147.

<sup>13</sup> FIORIN, 2012, p. 148.

<sup>14</sup> FIORIN, 2012, p. 146.

ao discurso. O texto pode se apresentar de várias formas, não apenas escrita. Na realidade, Fiorin listará uma série de suportes linguísticos que podem dar materialidade ao texto, e inclusive a possibilidade do texto incorporar suportes linguísticos diferentes de forma a dar origem a uma novo suporte para textos<sup>15</sup>. Além disso, ao diferenciar texto e discurso, o autor coloca:

O discurso e o texto são produtos da enunciação. No entanto, eles diferem quanto ao modo de existência semiótica. Aquele é a atualização das virtualidades da língua e do universo discursivo, isto é, torna as unidades *in absentia* unidades *in praesentia*. O texto é a realização do discurso por meio da manifestação.<sup>16</sup>

Tendo entendido o que é texto, e algumas das características que o distinguem do discurso, pode-se agora definir o que Fiorin entende por discurso:

O discurso é um objeto linguístico e um objeto histórico, o que significa que ele é uma construção linguística, gerada por um sistema de regras que define sua especificidade, mas, ao mesmo tempo, que nem tudo é dizível. O que se pode dizer forma um sistema e delimita uma identidade. Uma teoria do discurso deve, ao mesmo tempo, possibilitar a análise do funcionamento discursivo e de sua inscrição histórica.<sup>17</sup>

Nesses aspectos colocados, discurso é gênero e texto é espécie. Essas diferenciações feitas são fundamentais para a compreensão do que é intertextualidade e o que é interdiscursividade.

Em concordância com Saussure, Fiorin colocará que “Todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis”<sup>18</sup> e que “A intertextualidade é a maneira real de construção do Texto”<sup>19</sup>. Logo, o texto, mesmo quando parece estrutura isolada, possui em si uma conexão intrínseca com outros textos. Para poder evitar possíveis problemas ainda pendentes da correlação entre texto e discurso, Fiorin coloca:

Ora, nesse conjunto de níveis e de objeto, o que é exatamente a intertextualidade? Qualquer referência ao Outro, tomado como posição discursiva: paródias, alusões, estilizações, citações, ressonâncias, repetições, reproduções de modelos, de situações narrativas, de personagens, variantes linguísticas, lugares comuns, etc. O conceito foi sendo utilizado de maneira muito frouxa, ao longo do tempo.<sup>20</sup>

<sup>15</sup> Os textos são assim classificados como “não-sincréticos”, quando se valem apenas de um suporte linguístico; e “sincréticos”, quando advém da junção de dois ou mais. cf. FIORIN, 2012, p. 148.

<sup>16</sup> FIORIN, 2012, p. 148.

<sup>17</sup> FIORIN, 2012, p. 146.

<sup>18</sup> FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 164.

<sup>19</sup> FIORIN, 2006, p. 164.

<sup>20</sup> FIORIN, 2006, p. 165.

Sendo assim, a intertextualidade poderia ser considerada a interdiscursividade materializada, de modo similar ao que acontece nas formas anteriores investigadas, de texto e discurso<sup>21</sup>. Usando o conceito bakhtiano de “dialogismo”, Fiorin fundamentará que este pode ser considerado como “interdiscursividade”. Ou seja: que o discurso, que fundamenta o texto, não ocorre de forma isolada do meio no qual é sobrevivência e propagação. Ele *dialoga* com outros discursos, que ecoam no discurso original, e assim se reproduzem. O discurso conteria então aquilo que se chama de “polifonia”<sup>22</sup>: seria um conjunto de várias vozes, mesmo que seja um o locutor.

Fiorin afirma que duas observações precisam ser feitas em relação à interdiscursividade: ela é o modo de funcionamento real da linguagem, como esta se constitui; e é uma forma particular da composição do discurso. Ele pontua

Isso quer dizer que o real se apresenta para nós semioticamente, o que implica que nosso discurso não se relaciona diretamente com as coisas, mas com outros discursos, que semiotizam o mundo. Essa relação entre os discursos é o dialogismo. Como se vê, se não temos relação com as coisas, mas com os discursos que lhes dão sentido, o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem.<sup>23</sup>

Observe-se que a interdiscursividade não pressupõe a existência material de um discurso em outro discurso (ou seja, no texto em si), embora ele possa ocorrer também de forma material. Em outras palavras: tomado o texto como forma material, é possível haver interdiscursividade sem intertextualidade; contudo, o oposto não é possível, pois a presença de um texto noutro pressupõe a interdiscursividade<sup>24</sup>. Como coloca de maneira clara Fiorin, após a discussão complexa sobre a obra de Bakhtin<sup>25</sup>, muitas vezes de difícil compreensão:

Por isso, chamaremos qualquer relação dialógica, na medida em que é uma relação de sentido, interdiscursiva. O termo *intertextualidade* fica reservado apenas para os casos em que a relação discursiva é materializada em textos. Isso significa que a intertextualidade pressupõe sempre uma interdiscursividade, mas que o contrário não é verdadeiro. Por exemplo, quando a relação dialógica não se manifesta no texto, temos interdiscursividade, mas não intertextualidade. No entanto, é preciso

<sup>21</sup> Na verdade, aquelas categorias foram utilizadas como base para a compreensão dessas. A similitude, por isso mesmo, não denota paridade das comparações.

<sup>22</sup> Muitas vezes esses conceitos - polifonia e interdiscursividade – são tratados como sinônimos. Será mantida aqui essa equivalência, denotando a polifonia/interdiscursividade como um fato no discurso que para a análise proposta nessa dissertação deverá estar sempre em vista.

<sup>23</sup> FIORIN, 2006, p. 167.

<sup>24</sup> FIORIN, 2006, p. 174.

<sup>25</sup> O autor buscou entender em seu trabalho a diferença conceitual entre texto, enunciado e discurso em Bakhtin. Todo o processo foi necessário para se chegar ao que o autor define como intertextualidade e interdiscursividade. Neste trabalho esse árduo processo foi condensado.

verificar que nem todas as relações dialógicas mostradas no texto devem ser consideradas intertextuais.<sup>26</sup>

Tendo definido o que é texto, discurso, intertextualidade e interdiscursividade, cabe agora definir o que é ideologia para a Análise do Discurso.

Fiorin começa sua argumentação para a apresentação do que é ideologia partindo dos passos iniciais dados por Marx e Engels ao tratar da relação força de trabalho-salário<sup>27</sup>. A definição dada por Fiorin se baseia na confusão feita entre o que ele chama de “dois níveis da realidade”: um que é a essência, profundo, não-visível; e outro que é aparência, superficial, fenomênico<sup>28</sup>. Ideologia seria “falsa consciência”, expressão que denota, tão-somente, que as “idéias dominantes são elaboradas a partir de formas fenomênicas da realidade, não apreendendo, portanto, as relações sociais mais profundas”<sup>29</sup>, não contendo aí nenhum juízo moral, de valor. Em suma: a ideologia se fundamenta em um discurso sobre uma construção da realidade que não abarca de forma devida a realidade tal como se apresentaria socialmente. Há inversão de valores, e a representação da realidade acaba por se tornar, ela mesma, a realidade.

Contudo, não é essa definição de modo algum suficiente para a discussão aqui a ser feita, a saber, no campo da linguística e do discurso. Fiorin refinará o que é ideologia, afirmando que ela não é simplesmente “falsa consciência”, inversão entre aparência e essência, pois não é sempre que tal relação inversiva que lhe daria essa identidade acontece. Assim complementa o autor:

Mas é preciso avançar um pouco mais nessa reflexão. Por que determinadas ciências, como a Economia Política clássica, não chegam à essência da realidade e pairam apenas na aparência? Porque ela se identifica com os interesses da burguesia. Podemos então afirmar que não há um conhecimento neutro, pois ele sempre expressa o ponto de vista de uma classe a respeito da realidade. Todo conhecimento está comprometido com os interesses sociais. Esse fato dá uma dimensão mais ampla ao conceito de ideologia; ela é uma ‘visão de mundo’, ou seja, o ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade, a maneira como uma classe ordena, justifica e explica a ordem social. Daí podemos deduzir que há tantas visões de mundo numa dada formação quantas forem as classes sociais. Há visões de mundo presas às formas fenomênicas da realidade e outras que a ultrapassam, indo até a essência.<sup>30</sup>

O ponto essencial é a expressão usada por Fiorin da ideologia ser uma “visão de mundo”: ela é uma “explicação” do porquê as coisas supostamente são como são. Embora

<sup>26</sup> FIORIN, 2006, p. 181.

<sup>27</sup> FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. 6ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1998. p. 26-28.

<sup>28</sup> FIORIN, 1998, p. 26.

<sup>29</sup> FIORIN, 1998, p. 29.

<sup>30</sup> FIORIN, 1998, p. 29.

possa parecer que a fundamentação dessa definição seja o viés econômico, essa seria uma visão simplista da questão, posto que a realidade não se põe em instâncias separadas como apresentada na investigação científica<sup>31</sup>. É preciso também compreender que a ideologia fundamenta, se reflete, se reproduz nos discursos; ela dirige, mesmo que o autor não o faça “de caso pensado”, o discurso que este produz ou reproduz, e não raro acaba por embasar suas próprias crenças pessoais e a maneira como o autor do discurso age.

Tendo visto essas categorias da Análise do Discurso – texto, discurso, intertextualidade, interdiscursividade e ideologia – cabe agora se aperceber que discursos têm apresentado, principalmente na política ocidental e em maior escala na contemporânea, proeminência, e qual o discurso de algumas religiões no que diz respeito ao meio ambiente e da relação do homem com ele.

## 1.2 Meio ambiente e Discurso na política

Aristóteles coloca, em seu livro “Política”, que a política é inescapável ao ser humano. “o homem é um animal político”, coloca o filósofo<sup>32</sup>, e, nesse aspecto é inclusive superior a outros animais que vivam em sociedade, pois a aquele é facultado o dom da fala e do discurso, pois ao ser humano é possível a distinção do útil e do inútil, belo e feio, bom e mau, e o ser humano pode comunicar tais coisas a seus pares, enquanto aos outros animais só lhe é permitido aquilo que sua natureza limitada comporta<sup>33</sup>.

Platão, anterior a Aristóteles e mestre deste na Academia, já havia colocado a importância do discurso e das limitações deste no âmbito político de forma extensa em “A República”. Dedicará oito dos dez livros presentes no volume para comprometer-se a tratar da educação dos guardiões, responsáveis pelo governo da cidade, e em muitos momentos tratará da poesia, música e artes que deverão ser permitidas (ou proibidas) na cidade de maneira a fazê-la o mais perfeita possível. É partindo deste princípio, inclusive, que Platão sugerirá a correção de Homero, poeta épico já respeitadíssimo na Antiguidade:

Palavras como estas [de lamento e de temor] e todas as outras da mesma espécie, pediremos vênha a Homero e aos outros poetas, para que não se agastem se as apagarmos, não que não sejam poéticas e doces de escutar para a maioria; mas, quanto mais poéticas, menos devem ser ouvidas por crianças e por homens que devem ser livres, e temer a escravatura mais do que a morte.<sup>34</sup>

<sup>31</sup> FIORIN, 1998, p. 30-31.

<sup>32</sup> ARISTÓTELES. *Política*. São Paulo: Martin Claret, 2009. p. 56.

<sup>33</sup> ARISTÓTELES, 2009, p. 56-57.

<sup>34</sup> PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martin Claret, 2009, p. 75.

Platão, assim como Aristóteles, atribui à fala e ao discurso na política valor incomensurável. Embora tanto em um como em outro a democracia não seja o sistema de governo mais adequado ao ser humano<sup>35</sup>, nela, como não poderia deixar de ser, o discurso está também presente. É com esse pensamento em vista que Aristóteles falará:

Os demagogos fazem que os decretos da assembleia popular sejam soberanos, não as leis; eles ganham ascendência sobre o povo, em virtude de este se tornar, desse modo, soberano em tudo, e, por outro lado, eles também são soberanos relativamente à opinião do povo, uma vez que o povo crê neles.<sup>36</sup>

A figura dos demagogos perdurará até os dias atuais como aqueles que, através dos discursos, desvirtuará o povo, fazendo-o crer que sabe do que este precisa, ao passo que figurará aos olhos da população como aquele que é capaz de dar-lhe o que necessita. É tendo isto em mente que Rousseau, filósofo iluminista no século XVIII, em “O Contrato Social”, colocará:

Daquilo que precede segue-se que a vontade geral é sempre reta e tende sempre à utilidade pública, mas disso não se segue que as deliberações do povo tenham sempre a mesma retidão. Sempre se quer o próprio bem, mas nem sempre se consegue vê-lo. Nunca se corrompe o povo, mas o engana muitas vezes e é somente então que ele parece desejar o mal.<sup>37</sup>

Tal disposição, como Rousseau colocará, advém de uma informação insuficiente para a população e da ação de políticos que geram divisões.<sup>38</sup> Por isso Rousseau colocará que a partir do momento que o povo faculta suas decisões a representantes, acaba por perder seu poder político e sua liberdade<sup>39</sup>. Não deixa de ser irônico, portanto, que nas democracias do mundo, em larga escala, a forma de democracia que tenha prevalecido tenha sido justamente a representativa.

<sup>35</sup> O posicionamento de Platão será a favor de um governo monárquico, no qual o rei, esclarecido, nada deverá a um filósofo – ou de que um filósofo seja tornado rei. No caso de Aristóteles, formas puras de governo ideais se contrapõem a formas corrompidas destes mesmos governos. A democracia (em alguns casos, demagogia) se opõe a um governo constitucional no qual há uma maioria que governa visando o bem de todos. O balanço democrático entre maioria e benefício a todos é um dilema que se arrasta desde a Antiguidade até os dias atuais, onde é desejada uma democracia no qual não haja opressão das minorias. Embora haja confusão nos termos – pois, para nós, a compreensão comum de democracia é desta como o “governo da maioria” - Aristóteles, já em “Política” questionava essa visão simplista do assunto. Acerca desta discussão em Aristóteles, confira ARISTÓTELES, 2009, p. 151-156.

<sup>36</sup> ARISTÓTELES, 2009, p. 156.

<sup>37</sup> ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Contrato Social ou Princípios do direito político*. São Paulo: Editora Escala, 2008. p. 47.

<sup>38</sup> Acerca disto veja ROUSSEAU, 2008, p. 44-46.

<sup>39</sup> ROUSSEAU, 2008, p. 127-130.

Acerca ainda da importância do discurso no âmbito político, é necessário e indispensável falar de Maquiavel e do seu posicionamento sobre política. Na sua obra mais conhecida, “O Príncipe”, Maquiavel dará várias lições àqueles que querem alcançar o poder e mantê-lo. Na versão de sua obra comentada por Napoleão Bonaparte, o pensador florentino assevera: “a natureza dos povos é lábil: é fácil persuadi-los de uma coisa, mas é difícil que mantenham sua opinião. Por isso convém ordenar tudo de modo que, quando não mais acreditarem, se lhes possa fazer crer pela força”<sup>40</sup>. A essa afirmação, o então imperador francês retruca: “Hoje, mormente após o testemunho do papa, sou tido como um pio restaurador da religião e um enviado do Céu”<sup>41</sup>. O posicionamento de que é necessário ao líder político manter-se sustentado mediante o discurso é premente tanto entre os pensadores da política quanto entre os estadistas. Atribui-se a certas instâncias (como a religiosa, mas também a política, a acadêmica, entre outras) um discurso válido, que serviria à legitimação. Por isso Napoleão, em nota à Maquiavel, dirá:

Quanto ao trono da Itália, terei um discurso de Montga... Isso é necessário aos italianos, que apreciam bons oradores. Para os franceses, basta um romance. A ralé iletrada, que não lê, terá as homilias dos bispos e dos padres de minha confiança; e mais ainda, um catecismo com a aprovação do legado do papa, cuja magia derrubará qualquer resistência. Nada falta, uma vez que o papa ungiu minha frente imperial, sob a qual devo parecer mais firme que qualquer Bourbon.<sup>42</sup>

Interessante também é a questão colocada por Foucault na sua lição “A ordem do discurso”. O filósofo francês coloca no corpo de sua aula questões como a perenidade e ineditismo dos discursos, assim como a questão (principal) do discurso estar fundamentando e ser fundamentado pelas instituições. Coloca o autor:

O desejo diz: ‘Eu, eu não queria ser obrigado a entrar nessa ordem incerta do discurso; não queria ter nada que ver com ele naquilo que tem de peremptório e de decisivo; queria que ele estivesse muito próximo de mim como uma transparência calma, profunda, indefinidamente aberta, e que os outros respondessem à minha expectativa, e que as verdades, uma de cada vez, se erguessem; bastaria apenas deixar-me levar, nele e por ele, como um barco à deriva, feliz.’ E a instituição responde: ‘Tu não deves ter receio em começar; estamos aqui para te fazer ver que o discurso está na ordem das leis; que sempre vigiámos o seu aparecimento; que lhe concedemos um lugar, que o honra, mas que o desarma; e se ele tem algum poder, é de nós, e de nós apenas, que o recebe.’<sup>43</sup>

Tais são os posicionamentos gerais no tocante à política e ao discurso. Mas qual o posicionamento da política a respeito da natureza, do meio ambiente?

<sup>40</sup> MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 40.

<sup>41</sup> MAQUIAVEL, 2012, p. 40.

<sup>42</sup> MAQUIAVEL, 2012, p. 18-19.

<sup>43</sup> FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p. 6.

Aristóteles, ainda em “Política”, colocará que “as plantas existem em razão das necessidades dos animais, e estes para as necessidades dos homens”<sup>44</sup>, de onde decorrerá, naturalmente, que “Se a natureza nada faz em vão ou sem finalidade, necessariamente se conclui que fez tudo tendo em vista a espécie humana”<sup>45</sup>. Observe-se desde já o pensamento antropocêntrico, no qual na sua construção política, para Aristóteles inescapável, o homem se vale da natureza, pois esta existe apenas com fins a satisfazer suas necessidades. Normalmente, tal argumentação apresenta-se em conjunto com alegações que visem a justificação da guerra ou do crescimento e manutenção da economia. É com esse pensamento que Aristóteles dirá, mais tarde na argumentação complementar aos textos acima expostos:

Assim, a arte da guerra é, de certo modo, um meio natural de adquirir, uma vez que a caça faz parte dessa arte, que é usada não só contra os animais selvagens, como também contra os homens que, destinados por natureza a obedecer, recusam-se a submeter-se, de sorte que a própria natureza declara que uma tal guerra é justa.<sup>46</sup>

Esse mesmo pensamento de disposição irrestrita do meio ambiente, vinculada à concepção de posse, também aparecerá em Platão, que a apresentará, na já citada obra “A República” de maneira similar, como motivo originário de guerras, normalmente vinculadas à questão econômica, na forma de uma pergunta retórica:

Não precisaremos roubar a terra de nossos vizinhos, se queremos ter o suficiente para as pastagens e lavoura, e aqueles, por sua vez, não farão o mesmo com a nossa, se também eles se abandonarem ao desejo da posse ilimitada de riquezas, ultrapassando a fronteira do necessário?<sup>47</sup>

As bases dessa discussão política-ambiental se fundamentam na filosofia grega da Antiguidade por essa filosofia fundamentar o pensamento predominante no mundo ocidental. Mesmo a teologia cristã, originária do pensamento judaico, teve reformulações vinculadas ao pensamento grego. Pensadores cristãos que fizeram essa vinculação do cristianismo à filosofia grega que se destacam são Tomás de Aquino, mas principalmente Agostinho de Hipona, que buscou um construto na patrística entre a teologia cristã e os filósofos gregos da Antiguidade, em um movimento filosófico-teológico que acabaria por ser chamado de platonismo-cristão ou neoplatonismo<sup>48</sup>. A dicotomia platônica alma-corpo, que seria formalizada posteriormente pelo cartesianismo, já encontraria em Agostinho acolhida e seria assimilada pelo cristianismo.

<sup>44</sup> ARISTÓTELES, 2009, p. 66-67.

<sup>45</sup> ARISTÓTELES, 2009, p. 67.

<sup>46</sup> ARISTÓTELES, 2009, p. 67.

<sup>47</sup> PLATÃO, 2009, p. 61.

<sup>48</sup> STREFLING, Sérgio. *A atualidade das confissões de Santo Agostinho*. Porto Alegre: Telecomunicação, 2007, p. 259-272.

Este é apenas um minúsculo exemplo da correlação entre o cristianismo (religião, pensamento ocidental) com esta filosofia e, por conseguinte, com a política.

Somem-se a isso as doutrinas religiosas regionais e a variação nas doutrinas econômicas. Acerca destas últimas, vale lembrar o pensamento dos fisiocratas, que criam que toda a riqueza seria oriunda da terra, de forma que esta deveria ser propriedade privada, e que tal propriedade obviamente, deveria ser irrestritamente respeitada<sup>49</sup>. Essa base que sustenta a natureza como geradora de bens e sustentáculo da economia será ainda mais acabada no sistema econômico capitalista, na forma da busca dos Estados Nacionais por hegemonia, posto que o domínio econômico de uma nação não raramente redundava em domínio político. Partindo desse pressuposto é que, já no século XVIII, crenças fundamentadas na correlação economia-política serviam de esteio aos grandes impérios coloniais europeus. Acerca disto coloca Richard Middleton, historiador, acerca da crença britânica nos anos anteriores à guerra de independência americana:

O mercantilismo ortodoxo, a teoria econômica ainda aceita à época, afirmava existir uma quantidade invariável de riquezas no mundo. Assim, quanto mais riquezas uma nação possuísse, menos restaria para as outras. As conquistas recentes [na guerra contra a França] implicavam que os britânicos não só contavam com os suprimentos de matéria-prima de suas colônias, mas também dispunham de mercados crescentes para seus produtos manufaturados.<sup>50</sup>

As buscas por primazia econômica, que se traduzem constantemente em guerra, implicam também, posteriormente, em aumento da produtividade. Em uma época onde a indústria era ainda incipiente, e a terra fornece, normalmente, a matéria prima necessária para a produção de bens, isso se traduz em livre disposição da terra para produção em larga escala, com destruição do meio ambiente, dos biomas que suportam diferentes formas de vida. Marx e Engels já advertiam que “A burguesia não pode existir sem revolucionar continuamente os instrumentos de produção e, por conseguinte, as relações de produção, portanto todo o conjunto das relações sociais”<sup>51</sup>. Essas revoluções se traduzem em várias assertivas que, por saírem do econômico e transbordarem no social, conjuntamente atuarão no político, e normalmente, às expensas dos ecossistemas.

Os Estados Unidos, em âmbito de política e de meio ambiente, merece destaque singular<sup>52</sup>. Sede de inúmeras empresas de alcance global<sup>53</sup>, o país no século XX seria bastião

<sup>49</sup> HUBERMAN, Leo. *História da Riqueza do Homem*. Rio de Janeiro: LTC, 1973. p. 149-151.

<sup>50</sup> MIDDLETON, Richard. *A Guerra de Independência dos Estados Unidos da América: 1775-1783*. São Paulo: Madras, 2013. p. 22.

<sup>51</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Martin Claret, 2008. p. 48.

<sup>52</sup> Os motivos para isso serão aprofundados no capítulo 2.

da defesa do sistema capitalista, a ponto de, autoconsiderado “defensor da liberdade”, semear inúmeras ditaduras pelo globo além de promover guerras sob a alegação de difusão da liberdade, seja ela política ou econômica, e da democracia<sup>54</sup>. Este estado contraditório de coisas advém justamente de um regime político sujeito aos interesses econômicos empresariais, a ponto de, do período pós-guerras até os dias atuais, as fronteiras entre os Estados Nacionais estarem borradas pela necessidade de maior fluxo do capital e integração econômica<sup>55</sup>. No caso específico dos Estados Unidos, durante a Guerra Fria, coloca Moniz Bandeira, doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo:

A segurança dos Estados Unidos abrangia, já então, todo o sistema capitalista. Ela significava segurança de seus interesses e privilégios, fontes de abastecimento e mercados, propriedades e capitais, que adquiriam empresas e concessões e/ou implantavam fábricas nos mais diversos países. Onde quer que houvesse uma plataforma da Standard Oil, uma fábrica da Coca-Cola, uma fazenda da United Fruit, um frigorífico da Wilson & Sons, uma loja da Sears Roebuck, ou seja, uma instalação de qualquer corporação americana, no Oriente Médio ou na América Latina, na Europa ou na Ásia, ali estavam as *fronteiras nacionais* dos Estados Unidos. (grifo meu)<sup>56</sup>

Em suma, em nome de interesses econômicos, as convenções políticas consolidadas podem ser infringidas, não raro de maneira considerada pelo infrator justificável. Logo, bombardeios militares com grande poder de destruição, não só de construções humanas, mas do meio ambiente, aparecem como justificáveis na lógica da guerra, mesmo (e por isso mesmo) se é o fator econômico, e não político-militar, que é premente<sup>57</sup>; o mesmo caso no uso de artefatos nucleares ou de bombas incendiárias. Estima-se que somente na guerra do Vietnã, tenham sido despejadas 400.000 toneladas de napalm, e mais de 4 milhões de galões de herbicidas e desfolhantes químicos<sup>58</sup>. Coloca Moniz Bandeira que

<sup>53</sup> A seguinte lista apresenta apenas as 50 mais importantes. Muitas outras existem cujas atividades têm repercussão mundial. BARBOSA, Daniela. As 50 maiores empresas dos Estados Unidos segundo a Fortune. *Revista Exame*. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/negocios/as-50-maiores-empresas-dos-estados-unidos-segundo-a-fortune/>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

<sup>54</sup> Cf. BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Formação do Império Americano: da guerra contra a Espanha à Guerra no Iraque*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

<sup>55</sup> Acerca disto, confira a discussão proposta por BAUMAN, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011. p. 4-24.

<sup>56</sup> BANDEIRA, 2009, p. 196-197.

<sup>57</sup> Foi o caso dos bombardeios realizados pelo Reino Unido e Estados Unidos, de 1940 a 1945, com incentivo deste último, por motivos de hegemonia econômica, contra a Alemanha Nazista, vista mais, pelo presidente Roosevelt, como uma ameaça à primazia dos Estados Unidos no quadro econômico mundial, do que ameaça por sua ideologia política (nazismo). Só nesse período estima-se que tenham sido despejadas milhares de bombas no território alemão, causando de 420 mil a 570 mil baixas CIVIS. Esse bombardeio contínuo teria matado, proporcionalmente, mais pessoas do que a bomba atômica de Nagasaki. BANDEIRA, 2009, p. 134-135.

<sup>58</sup> BANDEIRA, 2009, p. 291.

Essas substâncias químicas para *defoliation* não apenas destruíam a folhagem das árvores e a vegetação, danificando o solo e o meio ambiente, como causavam envenenamento da população no Vietnã do Sul. Muitas pessoas morriam, crianças ficavam cegas e o gado e os suínos eram destruídos. O coronel William R. Corson, que serviu no Vietnã, denunciou corajosamente que, em fins de 1967, essa guerra química estava sendo travada em nome do *big business*.<sup>59</sup>

Curiosamente, autores como o historiador Leandro Karnal apontarão que há nos Estados Unidos uma desconcertante dicotomia entre os ideais que os fundaram e a sua prática político-econômica nos dias atuais. “Que estranho país é esse que torna o livro de Michael Moore um grande *best seller*, lota as salas de cinema que passam seus documentários e reelege, com ampla maioria, o alvo dessas críticas?”<sup>60</sup>. Pergunta muito válida e importante, uma vez que falamos de um povo que, de 1776, ano de sua independência, se tornou uma potência mundial em menos de dois séculos. Sua prerrogativa no século XIX seria a do “Destino manifesto”: “uma vocação dada por Deus a eles, um caminho claro de êxito em função de serem um ‘povo escolhido’”, como coloca o mesmo autor, ao falar da busca de explicações das diferenças sócio-econômicas entre os Estados Unidos e o Brasil<sup>61</sup>. O cumprimento deste “Destino Manifesto”, suscitado por uma lógica capitalista fundamentada pela ética protestante, principalmente calvinista<sup>62</sup>, se fez normalmente através da conquista de terras, base da produção agrícola, com expansão da agricultura e conseqüente dano ao meio ambiente e às espécies animais<sup>63</sup>.

O homem branco esquece a sua terra natal, quando - depois de morto - vai vagar por entre as estrelas. Os nossos mortos nunca esquecem esta formosa terra, pois ela é a mãe do homem vermelho. Somos parte da terra e ela é parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs; o cervo, o cavalo, a grande águia - são nossos irmãos. As cristas rochosas, os sumos da campina, o calor que emana do corpo de um mustang, e o homem - todos pertencem à mesma família. [...] Esta água brilhante que corre nos rios e regatos não é apenas água, mas sim o sangue de nossos ancestrais. Se te vendermos a terra, terás de te lembrar que ela é sagrada e terás de ensinar a teus filhos que é sagrada e que cada reflexo espectral na água límpida dos lagos conta os eventos e as recordações da vida de meu povo. O rumorejar d'água é a voz do pai de meu pai. Os rios são nossos irmãos, eles apagam nossa sede. Os rios transportam nossas canoas e alimentam nossos filhos. Se te vendermos nossa terra, terás de te lembrar e ensinar a teus filhos que os rios são irmãos nossos e teus, e terás de dispensar aos rios a afabilidade que darias a um irmão. Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele um lote de terra é igual a outro, porque ele é um forasteiro que chega na calada da noite e tira da terra tudo o que necessita. A terra não é sua irmã, mas sim sua inimiga, e depois de a

<sup>59</sup> BANDEIRA, 2009, p. 291.

<sup>60</sup> KARNAL, Leandro (Et Al). *História dos Estados Unidos: das origens ao Século XXI*. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p. 18.

<sup>61</sup> KARNAL, 2008, p. 25.

<sup>62</sup> KARNAL, 2008, p. 26-29.

<sup>63</sup> Acerca da expansão para o oeste no continente norte-americano feita pelo povo e pelo governo dos Estados Unidos, ver a excelente pesquisa consolidada em livro por BROWN, Dee. *Enterrem meu coração na curva do rio: a dramática história dos índios norte-americanos*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

conquistar, ele vai embora, deixa para trás os túmulos de seus antepassados, e nem se importa. Arrebata a terra das mãos de seus filhos e não se importa. Ficam esquecidos a sepultura de seu pai e o direito de seus filhos à herança. Ele trata sua mãe - a terra - e seu irmão - o céu - como coisas que podem ser compradas, saqueadas, vendidas como ovelha ou miçanga cintilante. Sua voracidade arruinará a terra, deixando para trás apenas um deserto. [...] Tenho visto milhares de bisões apodrecendo na pradaria, abandonados pelo homem branco que os abatia a tiros disparados do trem em movimento. Sou um selvagem e não compreendo como um fumegante cavalo de ferro possa ser mais importante do que o bisão que (nós - os índios) matamos apenas para o sustento de nossa vida.<sup>64</sup>

Essa citação, trecho de um discurso atribuído ao chefe indígena da tribo duwamish, cacique Seattle, ilustra as diferenças de concepção da natureza, dos seres vivos, dos recursos naturais, entre a tribo indígena e o povo dos Estados Unidos, impelido à “sua” terra pelos interesses econômicos. A diferença de concepção quanto ao meio ambiente dos dois povos é atravessada, em vários momentos, da visão religiosa que ambos os povos têm. Como o discurso religioso se posiciona quanto ao meio ambiente é de vital importância para esse estudo, e será assunto da próxima sessão.

### 1.3 Meio ambiente e religião

O ser humano o é por ser no mundo<sup>65</sup>. Nesse aspecto, apenas ao ser humano, através da linguagem, é permitido ter uma visão que possa compreender e formular a noção de mundo, de sua inserção nele, e das conseqüências decorrentes de ambas as afirmações anteriores<sup>66</sup>. É de se esperar, portanto, que a religião (fundamentada em muitos casos, em textos sagrados escritos, mas também em textos em outras linguagens) englobe tais discussões, das quais decorrerão automaticamente para nossa discussão, o trato que as religiões dão ao meio ambiente e à questão ecológica. Em um espaço tão reduzido, não é possível açambarcar todos os vieses inerentes a esse aspecto. Se procurará, contudo, dar as linhas mais gerais mais pertinentes a essa discussão.

As grandes religiões monoteístas, com a maioria, comparada às outras religiões<sup>67</sup>, de adeptos, iniciará essa exposição. O cristianismo, herdeiro de muitas das visões de mundo do judaísmo será exposto em conjunto com este, ao que se seguirá o islã<sup>68</sup>. Além destes, veremos

<sup>64</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. *Carta do Chefe Seattle*. Disponível em: <[http://www.ufpa.br/permacultura/carta\\_cacique.htm](http://www.ufpa.br/permacultura/carta_cacique.htm)>. Acesso em: 22 abr. 2018.

<sup>65</sup> DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *O que é realidade*. 7ª Ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1990. p. 17.

<sup>66</sup> DUARTE JÚNIOR, 1990, p. 17.

<sup>67</sup> Dos sete bilhões de pessoas no mundo, estima-se que cerca da metade sejam pertencentes a religiões monoteístas. O número destas que são católicas, por exemplo, é apresentado no próximo capítulo.

<sup>68</sup> Muitas características do Islã são tributárias a essas duas religiões. Mas devido à grande diferença de práticas do islã que são estranhas ao mundo ocidental, é preferível tratá-lo à parte. Veja-se, contudo, que tal separação

como o taoísmo, o budismo tibetano e a religião sikh se posicionam em relação ao mundo no qual o ser humano está inserido.

Ao judaísmo e ao cristianismo está vinculada a Bíblia<sup>69</sup>, que apresenta, no livro do *Gênesis*, a formação do mundo e das criaturas que viriam a habitá-lo, entre elas, o próprio ser humano. Nessa conjuntura da criação, ao homem é facultada a disposição do mundo e das coisas nele presentes, pois ao homem é facultado o domínio sobre elas:

Então disse Deus: 'Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão'. Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. Deus os abençoou e lhes disse: 'Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra'. Disse Deus: 'Eis que dou a vocês todas as plantas que nascem em toda a terra e produzem sementes, e todas as árvores que dão frutos com sementes. Elas servirão de alimento para vocês. E dou todos os vegetais como alimento a tudo o que tem em si fôlego de vida: a todos os grandes animais da terra, a todas as aves do céu e a todas as criaturas que se movem rente ao chão'. E assim foi.<sup>70</sup>

Esse posicionamento bíblico, que estará presente tanto no judaísmo quanto no cristianismo, colocará o ser humano como ser central de todo o processo criativo, sendo a terra e outros seres apenas adendos necessários à sua boa existência, uma vez que ele foi criado à imagem de Deus e isso necessariamente o coloca em um patamar acima dos outros seres, que não recebem tal distinção. É nesse contexto que o ser humano aparece como a “coroa da criação” do criador, expressão modificada, mas corriqueira nos meios cristãos<sup>71</sup>, baseada no Salmo 8, que diz:

Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que ali firmaste, pergunto: Que é o homem, para que com ele te importes? E o filho do homem, para que com ele te preocupes? Tu o fizeste um pouco menor do que os seres celestiais e o coroaste de glória e de honra. Tu o fizeste dominar as obras das tuas mãos; sob os seus pés tudo puseste: todos os rebanhos e manadas, e até os

---

não deve, em momento nenhum, desvincular a crença do Corão como revelação última da verdade de Alá, em complemento as anteriores – judaísmo e cristianismo – que fundamenta o islã. Acerca disto ver BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante. 2012. p. 27. Observe-se que para muitos autores há diferença na nomenclatura em relação ao “islã” e ao “islamismo”, podendo essas palavras, utilizadas sem distinção na vida cotidiana, significarem coisas bastante distintas no meio acadêmico. Tendo isso em mente, o autor optou por utilizar a nomenclatura presente em um livro bem acessível e razoavelmente conhecido no Brasil, “O livro das religiões”, de Jostein Gaarder et al, este autor, o mesmo de “O mundo de Sofia”. GAARDER, Jostein. Et Al. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 127-146.

<sup>69</sup> No caso do Cristianismo, com o acréscimo dos livros que formam o chamado “Novo Testamento”.

<sup>70</sup> Gênesis 1.26-30.

<sup>71</sup> Uma simples busca no Google acerca desse assunto pode retornar mais de 3 milhões de resultados, e isso apenas em português.

animais selvagens, as aves do céu, os peixes do mar e tudo o que percorre as veredas dos mares.<sup>72</sup>

Esse posicionamento é coerente com a posição de Marcial Maçaneiro, padre católico e doutor em teologia, que assim expõe:

Notável é que, ao criar as pessoas humanas não se liga como para os outros animais, que são criados segundo a sua espécie, do ser humano predica-se que é criado ‘à nossa imagem conforme nossa semelhança’, isto é, de Deus. Quando da criação dos animais os pronomes possessivos referiam-se a eles próprios, ao passo que na criação humana os pronomes possessivos referem-se a Deus. Isso significa que os seres humanos não têm o ponto de referencia em si mesmos, mas em Deus. A espécie humana é feita para remeter a Deus. As demais criaturas são referidas a terra, ao ar e ao mar.<sup>73</sup>

Logo, ao ser humano não é característico a composição em conjunto com a natureza, pois a cosmologia se apresenta totalmente antropocêntrica<sup>74</sup>. Tais características se apresentam de maneira contígua no judaísmo e no cristianismo, em que, diferente de muitas tradições mitológicas, a forma consolidada da religião que viria a ser formalizada apresenta a divindade como uma e, por isso, suficiente à criação<sup>75</sup>.

O islã, em linhas gerais, vê a criação como obra divina destinada a cumprir a vontade daquele que a fez, e nisso se aproxima bastante do cristianismo e do judaísmo. Vê o mundo visível como manifestação do Deus invisível, e, por conseguinte, obtendo com tais características, a ordem e certa harmonia que são inerentes ao criador, que as fez do nada<sup>76</sup>, sendo este mundo, e tudo que o compreende – vida animal, vegetal, seres humanos, o planeta físico em si – uma obra do “misericordioso”, do “compassivo”<sup>77</sup>. Acerca disto, Marcial coloca que:

Allah é o criador, mantenedor e provedor de todas as coisas. Governa o mundo com justiça e misericórdia, sem contradição entre esses atributos. Nada escapa a sua presciência divina: ‘Allah insere a noite no dia e o dia na noite; ele é one-ouvinte e onividente’ (Sura 22,61; também 13,9). Ele cria e segue cuidando da criação: ‘acima de vós criamos sete céus em estratos, e não descuramos da nossa criação’ (Sura 23,17). Com sabedoria Allah estabeleceu o devido lugar a cada criatura, na ordem cósmica da terra.<sup>78</sup>

<sup>72</sup> Salmo 8.3-8.

<sup>73</sup> MAÇANEIRO, Marcial. *Religiões e ecologia*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 56.

<sup>74</sup> O comentário bíblico Benson, Pulpit Commentary, Comentário de Barnes e os comentadores da Bíblia de Cambridge mantém essa mesma concepção em relação à interpretação aqui dada, que, no contexto do que é falado com a encíclica, é coerente com o argumento aqui apresentado. Cf. BIBLE HUB. *Genesis 1:26*. Disponível em: <<https://biblehub.com/commentaries/genesis/1-26.htm>>. Acesso em: 03 jan. 2019.

<sup>75</sup> STADELMANN, Luís. *Criação e ecologia na Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2007. p. 15.

<sup>76</sup> Alcorão, Suratas 2, verso 117 e o verso 164.

<sup>77</sup> Alcorão, Surata 2, verso 164 e Surata 39, verso 5.

<sup>78</sup> MAÇANEIRO, 2011, p. 93.

Se, por um lado, o islã se apresenta de forma similar ao judaísmo e cristianismo, difere nele o aspecto de que ao ser humano não é facultado um poder irrestrito sobre a criação. O ser humano atua aqui na terra, segundo o islã, como herdeiro de Allah, e, por conseguinte, como gestor da terra, sua herança, em conjunto com outras heranças que a ele são facultadas pelo Deus soberano<sup>79</sup>.

Este posicionamento parece ser contraditório, uma vez que na surata 2 (Al Bâcara, “A Vaca”), no verso 35, aparece: “Determinamos: Ó Adão, habita o Paraíso com a tua esposa e desfrutai dele com a prodigalidade que vos aprouver; porém, não vos aproximeis desta árvore, porque vos contareis entre os iníquos”<sup>80</sup>. Na verdade, assim como no caso da Bíblia Sagrada cristã e da Torá hebraica, várias são as interpretações dependendo da referência utilizada. No caso do Alcorão Sagrado, podemos ter como referências Malik ibn Anas (715-795), escritor do Muwwatta, considerado o mais antigo compêndio a sobreviver da lei islâmica<sup>81</sup>; Muhhamad Al-Shafi’i (767-820), fundador da escola jurídica islâmica de mesmo nome, afirmando tanto a autoridade divina como a especulação humana sobre a interpretação dessa autoridade, junto a lei, como legal<sup>82</sup>; Ahmad ibn Hanbal (780-855), considerado o fundador da mais tradicionalista escola de interpretação do islã<sup>83</sup>; e por fim, Abu Hanifa (699-767), considerado por alguns como o homem que na sua época alcançou o maior grau de desenvolvimento do pensamento legal, a ponto de sua doutrina ter sido seguida pela maioria das dinastias islâmicas, pois estabeleceu uma sistemática na jurídica islâmica, fundamentando-se na técnica<sup>84</sup>. Esses quatro, fundadores das quatro principais escolas sunitas de interpretação e aplicação legal do Alcorão, não esgotam, todavia, as possibilidades.

Contudo, se no alcorão há reafirmação da livre disposição do homem do usufruto da criação, conforme a tradição judaica e cristã, essa disposição não é de forma alguma tão ampla quanto naquelas. A santidade da vida humana, cumprida nos pilares do alcorão, repousa no respeito à sacralidade presente na natureza, pois Allah é aquele que criou e que sustenta a vida, não somente no tempo presente, mas em todo tempo por sua vontade inequívoca, presciente e soberana. Acerca disto colocou Karen Armstrong:

<sup>79</sup> Acerca disso ver Alcorão, Surata 2, verso 30.

<sup>80</sup> Alcorão, Surata 2, verso 35.

<sup>81</sup> ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Malik ibn Anas. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Malik-ibn-Anas>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

<sup>82</sup> ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Shafi’i. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Shafiiyah>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

<sup>83</sup> MAKDISI, George. Ahmad ibn Hanbal. 2019. *Encyclopaedia Britannica*. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Ahmad-ibn-Hanbal>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

<sup>84</sup> ANSARI, Zafar Ishaq. *Abu Hanifa*. 2019. *Encyclopaedia Britannica*. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Abu-Hanifah>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

São os escritos do alcorão, das *Haddit*, atos e ditos do profeta, e a *sharia*, orientações jurídicas com base no alcorão, que constituem o tronco onde toda ideologia muçumana se desenvolve. Allah representa para os adeptos do islã uma verdade inquestionável. A conduta moral, cívica, política e pessoal é vivida de modo a agradá-lo. É inarredável o ritual religioso da vida cotidiana, pois a religião é a essência da vida e das relações sociais.<sup>85</sup>

Essa religião, como ritmo e essência da vida (e não só restrita à ação humana) que faz o escopo do islã preencher todos os tratos dos adeptos com todas as esferas daquilo que constituem sua vida no mundo.

A visão das chamadas “religiões ocidentais” difere substancialmente das visões de mundo apresentadas nas religiões orientais<sup>86</sup>. Contudo, uma análise da questão ambiental na esfera religiosa que não traga à tona as religiões orientais não estaria, de forma alguma, completa, mesmo que se valendo de exemplos notáveis, mas de modo algum esgotando as possibilidades<sup>87</sup>.

O taoísmo é uma religião que foi iniciada pela obra de dois filósofos: Lao Tsé, a quem é atribuída a obra fundamental *Tao Te Ching*, e Zhuangzi, que viveu três séculos depois, e consolidou o sistema filosófico e religioso<sup>88</sup>. Jurgen Moltmann, eminente teólogo do século XX, traçará paralelos entre a criação no *Tao Te Ching* e no cristianismo e judaísmo, pontuando diferenças fundamentais entre estas, assim colocando: “As concepções de força divina de vida no *Tao-te-king* e no Antigo Testamento são especialmente próximas. O que naquele é designado com *ch’i* e, neste, como *ruah* se equiparam em mais de um aspecto. Mas também existem diferenças nítidas.”<sup>89</sup>

A diferença está na importância atribuída à criação como um todo. Se, no cristianismo e judaísmo, o ser humano é colocado como que sendo figura proeminente, no taoísmo todas as coisas atuam conjuntamente, e ao ser humano só é possível algum “crescimento” em “progresso” enquanto em conformidade com o Tao, que perpassa todas as esferas de todas as coisas.

<sup>85</sup> AMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 56.

<sup>86</sup> Sobre essa discussão ver JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e Religião Oriental*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

<sup>87</sup> Optou-se, assim, pelo taoísmo, para retratar um pouco da religiosidade chinesa – a República Popular da China é indispensável para qualquer discussão sobre meio ambiente, como será visto no capítulo 2. No capítulo 2, serão vistas também o posicionamento de líderes sikhs e do Dalai Lama (budismo tibetano) sobre a Laudato Si’. Por isso optou-se por tais religiões.

<sup>88</sup> WILKINSON, Philip. *Guia Ilustrado Zahar Religiões*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 251-253.

<sup>89</sup> MOLTANN, Jürgen. *Ciência e Sabedoria: Um diálogo entre ciência natural e teologia*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2007. p. 239.

O princípio ético supremo do taoísmo é *wu-wei*, o conceito de não-interferência, ou de seguir o fluxo. A natureza e o Tao não têm favoritos, e o adepto do Tao deve mostrar uma imparcialidade semelhante. Sábios do taoísmo filosófico eram estimulados a se desprender do mundo e viver em sintonia com a natureza. No taoísmo religioso esses ideais ganhavam uma nova interpretação: o Tao e o sábio deviam preferir o bem. Os adeptos eram ensinados a seguir *wu-wei*, a tentar ser ‘flexíveis’ em suas reações ao mundo, a ser humildes e cultivar seu lado feminino.<sup>90</sup>

Como se pode ver, o posicionamento do taoísmo (filosófico, mas com pouca variação assertiva em seu aspecto religioso) é de que o taoísta deve seguir o curso do Tao, cuja percepção pode ser alcançada na natureza, uma vez que o Tao não é passível de descrição ou explicação. “O Tao que pode-se discorrer não é o eterno Tao”<sup>91</sup>, já coloca o Tao Te Ching em seu capítulo e versos iniciais, e isso reflete um “caminho” que deve seguir o fluxo da natureza, em suas variações (como o próprio ciclo da vida, que é respeitado pelos taoístas<sup>92</sup>). Sobre isso coloca Moltmann:

Todas as coisas retornam ao Tao, como assomaram do Tao: essa é sua redenção. Retornam a seu solo de raiz, no qual repousam e permanecem eternamente. Nesse retorno ao lar, as coisas encontram sua determinação. Ela é o sentido de sua existência e a meta de seu movimento. Esse assomar e retornar constitui o ciclo da natureza nesta terra: dia e noite, verão e inverno, primavera e outono. Para Lao-Tsé, essa idéia do ciclo é tão forte que ele também a emprega para a metafísica do mundo. Nela o Tao não é apenas a origem e meta, mas também o movimento: o Tao sai de si para os dez mil seres e retorna com eles para si mesmo. ‘Retorno é o movimento do Tao. No sentido contrário corre o movimento do *caminho*’ (cap. 40). Para onde retorna o Tao? Retorna a seu nada. ‘Retorna ao nada’ (cap. 14). O retorno do Tao a si mesmo garante a todos os seres o retorno correspondente a seu fundamento. Em harmonia com o Tao, eles retornam ao lar.<sup>93</sup>

E conclui, acerca do pensamento ocidental:

Na concepção cristã da história universal o início e o fim não se correspondem, pois o fim é maior do que o início. Começa com a criação temporal, e termina no Reino de Deus. Tudo que ocorre na história entre criação e reino é transformado pelo juízo final e conduzido ao Reino eterno de Deus. Há, de fato, uma correspondência entre fim e início, mas não uma identidade. O tempo criado com a criação de todas as coisas não tem uma estrutura circular, mas é determinado pela transcendência do futuro do Reino eterno. Disso se segue que a criação temporal deve ser entendida não como ‘sistema fechado’ com estrutura de tempo circular, mas como um ‘sistema aberto’ com estrutura de tempo irreversível. Saída e retorno dos dez mil seres poderiam se repetir incessantemente, mas o movimento permanece sempre igual. O mundo do Tao não é aberto ao futuro. *Te*, a virtude do caminho, não é direcionada ao futuro. A ‘iluminação’ está em harmonia com o Tao eterno, mas não tanto a esperança, que segundo a concepção bíblica vai adiante em harmonia com a promessa de Deus.<sup>94</sup>

<sup>90</sup> WILKINSON, 2011, p. 258.

<sup>91</sup> WIKISOURCE. *Tao Te Ching, Capítulo I*. Disponível em: <[https://pt.wikisource.org/wiki/Tao\\_Te\\_Ching/I](https://pt.wikisource.org/wiki/Tao_Te_Ching/I)>. Acesso em: 25 mar. 2018.

<sup>92</sup> WILKINSON, 2011, p. 260-261.

<sup>93</sup> MOLTSMANN, 2007, p. 236-237.

<sup>94</sup> MOLTSMANN, 2007, p. 238-239.

O Tao não possui na natureza nenhum privilegiado. Esse pensamento confronta de forma direta o pensamento ocidental, antropocêntrico. Seu fluxo não segue um *télos*, um propósito; ele seria, se existe um propósito, o próprio propósito. Encerra o sentido em si. Opõe-se à concepção das religiões monoteístas, de um propósito específico e determinado pela divindade.

A religião sikh, também chamada de siquismo, foi uma religião fundada em fins do século XV pelo Guru Nanak, no subcontinente indiano, à época dominado pelas religiões hindu e muçulmana e com filosofias a elas vinculadas, e tendo por característica justamente lhe fazer oposição<sup>95</sup>. Assim como o cristianismo, judaísmo e islã, o siquismo crê em uma única divindade que criou e mantém esse mundo, embora esta seja absoluta e inescrutável<sup>96</sup>. Após serem guiados por dez gurus humanos, que estabeleceram as bases de sua fé e seu modo de vida (inclusive em comunidade, por eles chamada de “Khalsa”), os siques receberam de seu décimo guru, Gobind Singh, o direcionamento de que não receberiam nenhuma liderança humana religiosa posterior, devendo sua vida ser guiada pelo “Décimo primeiro guru”, uma compilação de escritos da fé sikh cujo nome é Guru Grant Sahib<sup>97</sup>.

Os siques mantêm a visão de mundo dicotômica característica das religiões monoteístas do hemisfério ocidental; contudo, essa relação pode ser ruim apenas pela maneira como o homem se porta em sua vida. Neste aspecto, a criação em si não possui mal intrínseco. Ao invés de se absterem da vida e do mundo,

Como os adeptos de outras religiões indianas, [os siques] creem no conceito de carma, a lei de causalidade moral que diz que viver uma boa vida levará a uma reencarnação favorável. Almejam ascender através de uma série de estados morais, de malfeitor a *gurmukh*, um ser totalmente devotado a Deus. Por fim, esperam alcançar um estado de beatitude espiritual que os situe para além do ciclo de morte e renascimento. Deus os ajuda nesse esforço para chegar a esse estado de perfeição, mas, mesmo sendo esse um estado não mundano, eles não devem tentar alcançá-lo renunciando às coisas deste mundo. Ao contrário, uma vida cotidiana bem vivida é essencial no siquismo.<sup>98</sup>

<sup>95</sup> Pode parecer contraditório, mas o siquismo, ao mesmo tempo que rejeita características das duas religiões citadas, serve-se de alguns aspectos de ambas em seu próprio escopo. Tanto que, na tradição sikh estão presentes duas figuras: Mardana, um muçulmano, e Bala, um hindu, que acompanhavam o guru Nanak em suas viagens. A tolerância é base da fé sikh e será visitada ainda nessa seção.

<sup>96</sup> Ou “Adi Granth”. O livro da fé sikh, mais do que direcionamentos morais, apresenta louvores e preces que os siques devem ler. Assim, ao que parece, seu ensinamento advém mais da prática da fé do que do ensino sistemático de sua doutrina.

<sup>97</sup> WILKINSON, 2011, p. 209-214.

<sup>98</sup> WILKINSON, 2011, p. 209.

Embora, normalmente, essa vida bem vivida possa significar em muitos contextos e de várias formas a khalsa (comunidade da fé), o fato dos sikhs verem os demais seres humanos como dignos de encontrar seu próprio caminho através de suas próprias religiões permite uma série de correlações de aspecto ético e moral singular no estudo das religiões. Sua tolerância em relação às pessoas de outras fés e às outras religiões é tão notável que os sikhs, em seu livro sagrado, Guru Grant Sahib, contém textos feitos por pessoas não pertencentes à fé sikh<sup>99</sup>.

O budismo, longe de ser uma corrente unificada, como parece aos olhos ocidentais, possui várias vertentes, que apesar de manterem certas doutrinas fundamentais, possuem diferenças notáveis entre si. O budismo possui seu início na vida e obra de Siddharta Gautama, que se tornou “Buda”, ou seja, “iluminado”<sup>100</sup>. Com mais tolerância e mobilidade do que o hinduísmo, o budismo se espalhou da Índia pelo oriente, e é encontrado também em períodos mais recentes no mundo ocidental<sup>101</sup>. Preserva a visão moral hindu do carma, que acabará por direcionar o trato dos adeptos com as outras criaturas vivas, embora o mundo, como o vemos, seja em vários aspectos visto de forma desfavorável, mas pelo posicionamento do adepto do que por um mal que lhe seja intrínseco.

Os mundos surgem e desaparecem em ciclos. No mundo das reencarnações os seres que sentem peregrinam de uma pretensa existência para a próxima, impelidos pela cegueira, o desejo e o ódio. Aqui também podem ser psicologicamente interpretados os seis níveis tradicionais da existência: deuses (sentimento perturbador: orgulho) são seres com grande abundância de dinheiro e de poder; semideuses (ciúmes) são seres cuja vida é a fama, concorrência, disputa; homens (desejo e confusão); animais (confusão) são seres presos aos instintos; espíritos (desejo) são estados de ações e neuroses compulsivas; habitantes infernais (ódio) são estados de mania de perseguição, profundo tormento interior e paranóia. Assim, à medida que vivemos a realidade, surgem sempre novos sofrimentos, segundo a lei do *carma* (= causa e efeito). Mas existe outro plano de realidade, a realidade absoluta: aqui vazio, espaço e alegria são inseparáveis. Por isso tudo quanto acontece é em última análise expressão do jogo da fantasia e alegria do espírito. Isto quer dizer que todos os pensamentos são sabedoria, todos os ruídos são *mantras* (= vibrações iluminadas), e todos os seres são Budas, quer eles o saibam quer não. Tudo quanto acontece está bem assim como é, só porque pode acontecer; tudo é puro e perfeito.<sup>102</sup>

O princípio básico do budismo de “conduta correta” presente no nobre caminho óctuplo gera uma série de práticas que, variando conforme a corrente budista, se traduzem em não causar mal a nenhum ser vivo, entendido aí normalmente outros animais<sup>103</sup>, mas também,

<sup>99</sup> WILKINSON, 2011, p. 215.

<sup>100</sup> SCHERER, Bukhard (Org.). *As grandes religiões: Temas centrais comparados*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005. p. 18.

<sup>101</sup> WILKINSON, 2011, p. 183.

<sup>102</sup> SCHERER, 2005, p. 50.

<sup>103</sup> WILKINSON, 2011, p. 194-195.

em alguns casos, dizendo respeito a todos os seres vivos<sup>104</sup>. É por isto que autores apresentarão como vinculados ao budismo ensinamentos como: “Não poluas a água. Não lança teu lixo nos rios e lagos. Assim proteges a vida dos seres que ali permanecem”<sup>105</sup>.

Nesta seção pudemos ver, de forma ampla, as principais correlações entre meio ambiente e o discurso religioso. As visões de mundo gerais que permeiam essas religiões deverão ser levadas em conta nos próximos capítulos e de uma forma ou de outra nortearão a análise do discurso da encíclica *Laudato Si'*. A encíclica será tema do próximo capítulo, pois é indispensável conhecer tanto o que é uma encíclica como o contexto no qual esse documento é escrito, e no caso da *Laudato Si'*, as repercussões que ela traz. Contudo, tal tarefa não poderia ser realizada a contento sem a devida explicação do que é um discurso, e de suas expressões políticas e religiosas no tocante ao meio ambiente.

#### 1.4 Resumo do capítulo

Neste capítulo foram dadas as bases para a análise que será feita da encíclica *Laudato Si'*: utilizando como ferramenta os conceitos propostos pela Análise do Discurso (a saber: texto, textualidade, intertextualidade, interdiscursividade e ideologia), as “visões de mundo” da política ocidental e em maior escala, contemporânea, sobre a questão ambiental, e as “visões de mundo” fornecidas por algumas religiões sobre esta mesma questão. No próximo capítulo, serão explicados o que é uma encíclica, qual o contexto histórico da *Laudato Si'* e as repercussões de sua publicação, questões indispensáveis a serem levadas em conta uma vez que tornarão visível porque, entre tantas encíclicas, foi eleita nesse estudo a *Laudato Si'* como digna de análise especificamente.

---

<sup>104</sup> SCHERER, 2005, p. 133-134.

<sup>105</sup> MOSES, Jeffrey. *Unidade: Os princípios comuns a todas as religiões*. Rio de Janeiro: Sextante, 2009. p. 31.

## 2 A LAUDATO SI'

No capítulo anterior foi visto o que é discurso, a visão de mundo presente nele, assim como os paradigmas normalmente presentes nos discursos relativos a questões ambientais e a questões políticas. Neste capítulo, será necessário o aprofundamento no que diz respeito à Laudato Si' propriamente, em seu contexto histórico e nas repercussões por ela causadas.

### 2.1 Documentos papais: a Encíclica

O papa é também um bispo. Cabe, portanto, lembrar que além de ser uma figura importante nos aspectos político e administrativo, o papa é também um chefe religioso e um ensinador<sup>106</sup>. Mesmo gozando de enorme autoridade na Igreja Católica<sup>107</sup>, o papa não tem na prática poder ilimitado para suas ações, uma vez que existem bases consagradas pela tradição e pela base teológica da fé católica<sup>108</sup> que ele é conduzido a manter, inclusive pela ação dos papas anteriores<sup>109</sup>. Contudo, apesar de sua importância nos outros âmbitos relativos ao papado, é de se esperar que o “Bispo de Roma” seja figura proeminente no aspecto do ensino<sup>110</sup>, uma vez que sua ação acabará por conduzir um rebanho estimado em mais de um bilhão de fiéis<sup>111</sup>.

Nos dias de hoje é considerado que a encíclica (caso da Laudato Si') é o documento mais importante no tocante ao conteúdo programático de como será o pontificado de um papa,

<sup>106</sup> ALLEN JR., John L. *Conclave: A política, as personalidades e o processo da próxima eleição papal*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 36-37.

<sup>107</sup> Quando se trata de proposições *ex cathedra*, a posição do papa é considerada infalível, conforme a fundamentação proposta no documento “Pastor Aeternus”, no qual se lê: “il Romano Pontefice, quando parla *ex cathedra*, cioè quando esercita il suo supremo ufficio di Pastore e di Dottore di tutti i cristiani, e in forza del suo supremo potere Apostolico definisce una dottrina circa la fede e i costumi, vincola tutta la Chiesa, per la divina assistenza a lui promessa nella persona del beato Pietro, gode di quell’infalibilità con cui il divino Redentore volle fosse corredata la sua Chiesa nel definire la dottrina intorno alla fede e ai costumi: pertanto tali definizioni del Romano Pontefice sono immutabili per se stesse, e non per il consenso della Chiesa.” “Constituzione Dogmatica Pastor Aeternus, Del Sommo Pontefice Pio IX”. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/i-vatican-council/documents/vat-i\\_const\\_18700718\\_pastor-aeternus\\_it.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/i-vatican-council/documents/vat-i_const_18700718_pastor-aeternus_it.html)>. Acesso em: 08 jan. 2018.

<sup>108</sup> O Magistério episcopal do qual o papa é a figura mais proeminente é uma das bases do catecismo católico, juntamente com a Sagrada Escritura e a Sagrada Tradição. VATICANO. *O crescimento na inteligência da Fé*. Parágrafos 50-141. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/p1s1c2\\_50-141\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p1s1c2_50-141_po.html)>. Acesso em: 08 jan. 2018.

<sup>109</sup> ALLEN JR., 2003, p. 36

<sup>110</sup> ALLEN JR., 2003, p. 31-40. Observe-se, por exemplo, que o papa emérito Bento XVI tem doutorado em teologia, pelo menos sete doutoramentos honorários e ainda é capaz de se comunicar em dez diferentes línguas. “Alemão adota o nome Bento XVI”. *UOL Educação*. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/biografias/bento-16-joseph-ratzinger.jhtm>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

<sup>111</sup> TERRA. *Número de católicos aumenta para 17,7% da população mundial*. 2017. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/numero-de-catolicos-aumentou-para-177-da-populacao-mundial,3c814a93b17b42d56d7086c94cb35870fzls4q7r.html>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

principalmente a primeira<sup>112</sup>. A origem do termo dado ao documento vem do grego *kúklos* (“círculo”), indicando que esse documento, considerado uma profunda reflexão do pontífice sobre determinado assunto, deva circular amplamente pela Igreja<sup>113</sup>. Essa prática é considerada antiga pela Igreja Católica, e teria sido iniciada já nos primórdios da Igreja, com vistas a “ensinar sobre um tema doutrinal ou moral, avivar a devoção, condenar os erros ou informar os fiéis sobre eventuais perigos para a fé”<sup>114</sup>. Naquele contexto, tinha por finalidade prática a unificação das bases da fé<sup>115</sup>. Observe-se o caso, por exemplo, da encíclica *Veritatis Splendor*, de João Paulo II, a décima por ele publicada, condenando o relativismo moral e teológico, que causou profunda repercussão no âmbito da Igreja, provocando inclusive julgamento e condenação de teólogos que se desviassem das linhas por ela traçadas<sup>116</sup>.

Normalmente as encíclicas são tituladas pelas primeiras palavras que a compõem, e sua redação oficial normalmente é em latim – contudo possam ser redigidas também oficialmente em outra língua<sup>117</sup>.

Embora seja de circulação ampla entre a Igreja, a encíclica pode ser dirigida a um público específico, como no caso da encíclica *Non abbiamo bisogno*, do papa Pio XI, destinada ao povo italiano<sup>118</sup>, ou dirigida a toda uma população mais ampla, não limitada à católica, como é o caso da *Laudato Si’*.

O corpo oficial da *Laudato Si’* possui cerca de 112 páginas<sup>119</sup>. Sua nomenclatura advém do cântico *Laudes creaturarum* (“Cântico das Criaturas”), atribuído a Francisco de Assis<sup>120</sup>, escrita em um dialeto do italiano chamado “úmbrico”, no qual a expressão “*Laudato*

<sup>112</sup> ALLEN JR., 2003, p. 37. Observe-se que há discordâncias em relação à primazia da encíclica em relação aos outros documentos papais, como exposto, por exemplo, em “Quais os documentos usados pelo papa?”. Disponível em: <<https://blog.cancaonova.com/felipeaquino/2007/08/09/quais-os-documentos-usados-pelo-papa/>>. Acesso em: 08 jan. 2018, no qual a bula é considerada o principal documento. Contudo, entre as cartas, não parece haver questionamentos no tocante à primazia da encíclica, conforme se pode ver em “O que é uma encíclica”. Disponível em: <<http://arqrio.org/noticias/detalhes/3243/o-que-e-uma-enciclica>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

<sup>113</sup> ALLEN JR., 2003, p. 37.

<sup>114</sup> ARQRIO. *O que é uma encíclica*. 2015. Disponível em: <<http://arqrio.org/noticias/detalhes/3243/o-que-e-uma-enciclica>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

<sup>115</sup> ARQRIO, 2015

<sup>116</sup> ALLEN JR., 2003, p. 38.

<sup>117</sup> AQUINO, Felipe. Quais os documentos usados pelo papa?. *Canção Nova*. Disponível em: <<https://blog.cancaonova.com/felipeaquino/2007/08/09/quais-os-documentos-usados-pelo-papa/>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

<sup>118</sup> VATICANO. *Carta Encíclica non abbiamo bisogno del Summo Pontífice Pío XI, acerca del fascismo y la acción católica*. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/pius-xi/es/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_19310629\\_non-abbiamo-bisogno.html](http://w2.vatican.va/content/pius-xi/es/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310629_non-abbiamo-bisogno.html)>. Acesso em: 08 jan. 2018.

<sup>119</sup> VEIGA, Edison. Em 192 páginas, papa Francisco celebra o meio ambiente. 2015. *Estadão*. Disponível em: <<http://sustentabilidade.estadao.com.br/noticias/geral,em-192-paginas--papa-francisco-celebra-meio-ambiente,1706677>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

<sup>120</sup> VEIGA, Edison. Em 192 páginas, papa Francisco celebra o meio ambiente. 2015.

si” (em português, “Louvado sejas”) aparece várias vezes<sup>121</sup>. A encíclica manteve a expressão dialetal em detrimento do usual latim.

É considerado que foram publicadas mais de duzentas encíclicas<sup>122</sup>, sendo que a *Laudato Si'* é considerada a primeira encíclica do papa Francisco, apesar de ser a segunda publicada em seu pontificado (a primeira publicada, *Lumen Fidei*, é considerada em grande parte obra de seu antecessor, o papa Bento XVI<sup>123</sup>). Foi uma encíclica aguardada pelo caráter singular do pontificado de Jorge Mario Bergoglio – primeiro jesuíta a assumir o trono papal<sup>124</sup>; primeiro papa nascido na América<sup>125</sup>; primeiro a adotar o nome “Francisco”<sup>126</sup>, características que anunciavam um papado diferente dos anteriores, de João Paulo II (um dos mais duradouros da Idade Contemporânea)<sup>127</sup>, e de Bento XVI, considerado em alguns casos como uma continuação direta em suas bases políticas, administrativas e doutrinárias, do anterior<sup>128</sup>.

Acerca disso, o autor Cláudio de Oliveira Ribeiro, organizador do livro *Evangélicos e o Papa*, coloca que “a nova encíclica está em consonância com atitudes e palavras do pontífice desde os seus primeiros dias como papa, que sinalizam um estilo pastoral mais aberto, progressivo e despojado para a igreja”<sup>129</sup>. Ele inicialmente pontua:

O Papa Francisco, ao promulgar a Encíclica *Laudato Si'*, recria, de forma belíssima e corajosa, o vínculo perdido da liderança católico-romana com as transformações teológicas e pastorais propostas e decorrentes do Concílio Vaticano II (1962-1965). Depois de décadas de retrocessos, de integristas e de conservadorismo dos pontificados de João Paulo II (1978-2005) e de Bento XVI (2005-2013), surge um novo horizonte de aberturas.<sup>130</sup>

<sup>121</sup> Uma versão pode ser encontrada em “Cântico das Criaturas”. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2ntico\\_das\\_Criaturas#cite\\_note-2](https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2ntico_das_Criaturas#cite_note-2)>. Acesso em: 08 jan. 2018.

<sup>122</sup> Nesta página oficial do Vaticano é possível contar 212, mas algumas (como a *Laudato Si'*) ainda não estão presentes nela. Disponível em: <[http://www.vatican.va/offices/papal\\_docs\\_list\\_po.html](http://www.vatican.va/offices/papal_docs_list_po.html)>. Acesso em: 16 fev. 2018.

<sup>123</sup> VEIGA, Edison. Em 192 páginas, papa Francisco celebra o meio ambiente. 2015.

<sup>124</sup> AZEVEDO, Reinaldo. Primeiro Papa do Continente Americano e Primeiro Jesuíta a assumir o controle da Igreja. 2017. *Veja*. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/primeiro-papa-do-continente-americano-e-primeiro-jesuista-a-assumir-o-comando-da-igreja/>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

<sup>125</sup> AZEVEDO, 2017.

<sup>126</sup> LEVI, José Manuel. Primeiro papa a adotar o nome Francisco nasceu em Buenos Aires. *RTP Notícias*. Disponível em: <[https://www.rtp.pt/noticias/mundo/primeiro-papa-a-adotar-o-nome-francisco-nasceu-em-buenos-aires\\_v635481](https://www.rtp.pt/noticias/mundo/primeiro-papa-a-adotar-o-nome-francisco-nasceu-em-buenos-aires_v635481)>. Acesso em: 08 jan. 2018.

<sup>127</sup> UOL. *Veja os papas com os mandatos mais longos da história*. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/album/2013/02/14/veja-os-papas-com-os-mandatos-mais-longos-da-historia.htm#fotoNav=9>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

<sup>128</sup> G1. *A trajetória do Papa Bento XVI*. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/02/conheca-trajetoria-do-papa-bento-xvi.html>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

<sup>129</sup> RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (Org.). *Evangélicos e o Papa*: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco. São Paulo: Editora Reflexão, 2016.

<sup>130</sup> RIBEIRO, 2016, p. 12.

Francisco é visto, em linhas gerais, como um papa mais liberal<sup>131</sup> quando comparado a seus antecessores (a ponto de, em alguns casos, se poder perguntar se o novo pontífice seria um “comunista”<sup>132</sup> – o que não deixa de ser irônico, uma vez que é bastante conhecida a posição anti-marxista da Igreja Católica, devido a questões doutrinárias<sup>133</sup>). Sua encíclica é considerada, pelo tema, como uma encíclica “histórica”<sup>134</sup>. Contudo, mesmo tendo a figura de Sua Santidade, é possível considerar que a encíclica, embora leve seu nome, não seja obra exclusivamente sua. Como dito antes, o papa, como principal referência quando se trata de líder religioso<sup>135</sup>, possui muitas outras atividades que requerem sua atenção.

Acerca disto, coloca Allen Jr.:

O peregrino João Paulo II apresenta-se como figura impressionante aos produtores de noticiários da CNN, mas também deixa para os outros muitos detalhes cotidianos – mais, dizem alguns, do que seria possível ao presidente-executivo de qualquer multinacional antes de o Conselho Diretor pedir-lhe moderação. [...] Certa vez assinou três críticas diferentes à obra de um grande teólogo católico, o jesuíta belga Jacques Dupuis, cada uma delas alterada em aspectos importantes, embora todas fossem supostamente expressão da autoridade professoral e quase infalível do papa. João Paulo estava simplesmente assinando o que era colocado à sua frente, sem ler as letrinhas menores.<sup>136</sup>

No caso específico de Francisco e da *Laudato Si'*, é corrente que o papa teria contado com a ajuda do teólogo brasileiro Leonardo Boff, afastado da Igreja Católica em 1984, após processo na Congregação para a Doutrina da Fé, à época comandada por Joseph Ratzinger<sup>137</sup>, que em 2005 viria a se tornar o papa Bento XVI, predecessor do papa Francisco. Leonardo Boff, inclusive, foi membro da Ordem dos Frades Menores, como também são chamados os franciscanos. Boff é bastante conhecido por sua teologia voltada ao debate ecológico<sup>138</sup>. Além disso, seu posicionamento político é visto por muitos como inclinado à esquerda<sup>139</sup>, o que fez

<sup>131</sup> “Liberal”, neste contexto, nesse sentido: de mais aberto a novas opiniões e práticas; não no sentido econômico-político do termo.

<sup>132</sup> BBC. *Seria o Papa Francisco comunista?*. 2015. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150608\\_papa\\_comunista\\_lgb.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150608_papa_comunista_lgb.shtml)>. Acesso em: 16 fev. 2018.

<sup>133</sup> ALLEN JR., 2003, p. 23-26.

<sup>134</sup> BBC. *Papa divulga encíclica “histórica” sobre aquecimento global*. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150618\\_papa\\_enciclica\\_meio\\_ambiente\\_lgb](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150618_papa_enciclica_meio_ambiente_lgb)>. Acesso em: 16 fev. 2018.

<sup>135</sup> ALLEN JR., 2003, p. 17; 31.

<sup>136</sup> ALLEN JR., 2003, p. 19-20.

<sup>137</sup> UOL. *Papa consulta Boff para escrever nova encíclica*. 2014. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2014/10/02/papa-consulta-boff-para-escrever-nova-enciclica.htm>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

<sup>138</sup> COSTA, Marcelo Timotheo da. Em nome do Pai: o Francisco de Assis de Leonardo Boff. *Revista Topoi*, Volume 17, número 33, p. 444-467. Rio de Janeiro, 2016. p. 464.

<sup>139</sup> Isso decorre do fato de Boff ser um dos expoentes da chamada “Teologia da Libertação”, vista como uma corrente doutrinária de “esquerda” dentro do Vaticano, e de sua própria visão de Francisco de Assis, fundador da ordem da qual tomou parte.

com que seu auxílio ao papa na época pudesse ser visto com desconfiança<sup>140</sup>, uma vez que ele foi afastado pelo próprio Vaticano<sup>141</sup>. Embora tenha sido consultado pelo papa, é importante ressaltar que Boff e Francisco mantêm visões em vários pontos distintas nos aspectos ambiental e teológico. A excomunhão de Boff e o fato de posteriormente ser convidado a dar consultoria ao líder da Igreja Católica lembra a questão levantada por Hans Kung em seu livro “Infalível”, sobre a infalibilidade do magistério da Igreja. Embora Francisco muitas vezes reconheça falhas na interpretação das Escrituras, como será visto no capítulo 3, em nenhum momento formaliza que este erro seja da Igreja Católica.<sup>142</sup>

Outra pessoa que teria auxiliado o papa como consultor na redação da *Laudato Si'* teria sido o bispo responsável pela Prelazia do Xingu, Dom Erwin Kräutler<sup>143</sup>. Atuando na região amazônica há mais de cinquenta anos, o bispo intermediaria a compreensão do pontífice da realidade de indígenas e de seus aliados, frente às tentativas de revogação de seus direitos para que as áreas de suas terras pudessem ser liberadas às atividades de mineração, agrícolas e de construção e especulação imobiliária, que, embora vistas como danosas ao meio ambiente, são também encaradas como lucrativas<sup>144</sup>. Críticas a essa maneira de viver e pensar, no qual o lucro material é colocado acima da sobrevivência do ser humano, das outras espécies e do planeta em si, ao passo que ocorrem em conjunto com uma visível desconsideração pelos diretamente afetados e pelos menos privilegiados nessa equação, estão constantemente presentes na encíclica. Acerca disso, diz Leonardo Boff:

É a primeira vez que um papa aborda o tema da ecologia no sentido de uma *ecologia integral* (que vai além, portanto, da ambiental) de forma tão completa. Grande surpresa: elabora o tema dentro do novo paradigma ecológico, coisa que nenhum documento oficial da ONU até hoje fez. Fundamental é seu discurso com os dados mais seguros das ciências da vida e da Terra. Lê os dados afetivamente (com a inteligência sensível ou cordial), pois discerne que, por trás deles, se escondem dramas humanos e muito sofrimento também por parte da mãe Terra.<sup>145</sup>

<sup>140</sup> Isso pode ser visto na posição incerta de Boff se deveria ou não ir encontrar o Papa Francisco no Vaticano, mesmo tendo sido convidado por ele. Entrevista com Leonardo Boff. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/563682-leonardo-boff-em-entrevista-o-papa-francisco-e-um-dos-nossos>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

<sup>141</sup> COSTA, 2016, p. 460.

<sup>142</sup> Acerca da celeuma envolvendo Hans Kung e suas obras “Infalível” e “A Igreja”, veja-se “Declaração sobre os livros do professor Hans Kung”. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19750215\\_libri-kung\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19750215_libri-kung_po.html)>. Acesso em: 30 jul. 2018.

<sup>143</sup> REDAÇÃO A12. *Dom Erwin Kräutler irá colaborar em encíclica sobre a ecologia*. Disponível em: <<http://www.a12.com/redacaoa12/santo-padre/dom-erwin-kraeutler-ira-colaborar-em-enciclica-sobre-a-ecologia>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

<sup>144</sup> REDAÇÃO A12. *Dom Erwin Kräutler irá colaborar em encíclica sobre a ecologia*.

<sup>145</sup> CARTA CAPITAL. *Encíclica do Papa traz ecos da América Latina, diz Leonardo Boff*. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/enciclica-do-papa-traz-ecos-da-america-latina-diz-leonardo-boff-6793.html>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

E pontua:

Um elemento merece ser ressaltado, pois revela a ‘forma mentis’ (a maneira de organizar o pensamento) do papa Francisco. Este é tributário da experiência pastoral e teológica das igrejas latino-americanas que, à luz dos documentos do episcopado latino-americano (CELAM) de Medellín (1968), de Puebla (1979) e de Aparecida (2007), fizeram uma opção pelos pobres, contra a pobreza e em favor da libertação. O texto e o tom da encíclica são típicos do papa Francisco e da cultura ecológica que acumulou. Mas me dou conta de que também muitas expressões e modos de falar remetem ao que vem sendo pensado e escrito principalmente na América Latina. Os temas da ‘casa comum’, da ‘mãe Terra’, do ‘grito da Terra e do grito dos pobres’, do ‘cuidado’, da interdependência entre todos os seres, dos ‘pobres e vulneráveis’ da ‘mudança de paradigma’ do ‘ser humano como Terra’ que sente, pensa, ama e venera, da ‘ecologia integral’ entre outros, são recorrentes entre nós.<sup>146</sup>

Por esses motivos, torna-se, assim, impossível dissociar um documento como a encíclica, de seu tempo. Isso pode ser visto em outros documentos papais e encíclicas (como no caso da encíclica *Rerum novarum*, de Leão XIII<sup>147</sup>, que trata das questões das relações de trabalho em um mundo industrial, com muitas de suas mazelas denunciadas constantemente, inclusive em romances, como *Germinal*, de Émile Zola). Logo, no caso de uma encíclica com tantas repercussões e de caráter tão singular quanto a *Laudato Si’*, torna-se essencial a compreensão do contexto histórico de sua escrita e lançamento. Isto é o que buscará ser feito na próxima seção.

## 2.2 O contexto histórico da *Laudato Si’*

A preocupação com o meio ambiente tem sido um tema de preocupação relativamente recente na história da humanidade<sup>148</sup>. Essa preocupação tem crescido e influenciado outras áreas do conhecimento, e não só a biologia<sup>149</sup>, porque se reconhece que a questão ambiental permeia todas as discussões relativas ao seres humanos<sup>150</sup>, sobretudo pela grande explosão demográfica ocorrida nos últimos anos, principalmente nos países em

<sup>146</sup> CARTA CAPITAL.

<sup>147</sup> G1. *Saiba mais sobre as Encíclicas que marcaram a história da Igreja*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/as-enciclicas-pontificias-que-marcaram-a-historia.html>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

<sup>148</sup> PINHEIRO, J. Q. Psicologia ambiental: A busca de um ambiente melhor. Número Especial: Dossiê Psicologia Ambiental. *Estudos de Psicologia (Natal)*. V. 2 (2), p. 377-398. 1997.

<sup>149</sup> Acerca disto recomenda-se a leitura do excelente artigo de José Eli da Veiga, professor titular de economia e administração da Universidade de São Paulo, que trata dos “Indicadores de Sustentabilidade”. A sustentabilidade é um dos conceitos mais discutidos no que diz respeito às políticas ambientais, e demonstra como, ao tratar do meio ambiente, não se pode escapar a discussões que abrangem outras áreas como a economia, a política, o desenvolvimento social e a educação. VEIGA, José Eli da. Indicadores de Sustentabilidade. *Estudos Avançados*, V. 24 (68), p. 39-52. 2010.

<sup>150</sup> PINHEIRO, 1997, p. 378.

desenvolvimento, onde os problemas de ordem política, econômica e social são mais prementes do que nos considerados países “centrais”, ou “desenvolvidos”<sup>151</sup>.

A encíclica *Laudato Si'* foi publicada oficialmente dia 18 de Junho de 2015<sup>152</sup>. Nesse mesmo ano, seis meses depois, haveria a Conferência do Clima em Paris, no qual foi traçado um acordo (chamado de “Acordo de Paris”) para a diminuição da emissão de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>), um dos principais gases responsáveis pelo Efeito Estufa<sup>153</sup>. A Conferência das Nações Unidas Sobre as Mudanças Climáticas de 2015 (doravante COP 21, da sigla em inglês *Conference of the Parties*) foi a vigésima primeira conferência deste tipo realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), e culminou no Acordo de Paris, que entrará em vigor a partir de 2020<sup>154</sup>. Contudo, para desapontamento de muitos, os Estados Unidos, um dos principais emissores de gases causadores do Efeito Estufa<sup>155</sup>, viriam a anunciar sua saída do Acordo de Paris mais tarde<sup>156</sup>.

O posicionamento posterior do Governo Americano (segundo a lógica da campanha presidencial de Donald Trump, de “América Primeiro”) era algo que a encíclica já viria a criticar quando do seu lançamento, dois anos antes. A questão levantada, tanto nos debates em Conferências da ONU, quanto nos círculos acadêmicos, era como seria possível conciliar o desenvolvimento e o progresso humanos com a preservação da natureza. Questão, inclusive, que iria permear as discussões feitas no ano de 2012, no Rio de Janeiro, na Conferência Rio+20, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Natural, considerado inclusive o maior evento realizado pela ONU<sup>157</sup>. Observe-se que tanto na Rio+20, quanto na COP 21, as discussões não são exclusivamente sobre o meio ambiente em si, ou seja, de caráter meramente bio-ecológico, mas também e principalmente, da relação do ser humano com esse meio ambiente (com a “casa comum”, como dirá a encíclica). Logo, questões de âmbitos outros, como as discussões de caráter social estão presentes, inclusive apresentando divergências no que seria melhor para as pessoas e de sua adaptação a novas práticas com

<sup>151</sup> PINHEIRO, 1997, p. 378.

<sup>152</sup> VATICANO. *Laudato Si'*. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html)>. Acesso em: 08 jan. 2018.

<sup>153</sup> UNRIC. *Saiba tudo sobre a Conferência da ONU sobre Alterações Climáticas (COP 21) – Parte I*. Disponível em: <<https://www.unric.org/pt/actualidade/32066-saiba-tudo-sobre-a-cimeira-sobre-alteracoes-climaticas-parte-i>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

<sup>154</sup> EUROPEAN COMMISSION. Paris Agreement. Disponível em: <[https://ec.europa.eu/clima/policies/international/negotiations/paris\\_en](https://ec.europa.eu/clima/policies/international/negotiations/paris_en)>. Acesso em: 16 fev. 2018.

<sup>155</sup> EMBRAPA. *Quais são os países que mais emitem gases do Efeito Estufa*. Disponível em: <[http://www.aquecimento.cnpem.br/conteudo/historico\\_aq\\_paises.htm](http://www.aquecimento.cnpem.br/conteudo/historico_aq_paises.htm)>. Acesso em: 16 fev. 2018.

<sup>156</sup> ACOSTA, Jim; LIPTAK, Kevin. Trump on Paris accord: “We’re getting out”. *CNN Politics*. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2017/06/01/politics/trump-paris-climate-decision/index.html>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

<sup>157</sup> JORNAL DO BRASIL. *Rio+20 é o maior evento realizado pela ONU, diz porta-voz*. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/ambiental/noticias/2012/06/22/rio20-e-o-maior-evento-ja-realizado-pela-onu-diz-porta-voz/>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

vistas a preservar de maneira satisfatória o meio ambiente<sup>158</sup>. Observe-se que, devido à renúncia de Bento XVI em fevereiro de 2013, o papa Francisco, eleito em 13 de Março de 2013, viria ao Brasil em Julho do mesmo ano, devido à Jornada Mundial da Juventude, ou seja, pouco mais de um ano depois dos eventos da Rio+20<sup>159</sup>.

Em 2015, foi registrado o ano mais quente desde 1880, que foi o ano quando o registro anual da temperatura começou a ser feito<sup>160</sup>. Também iriam ocorrer no mesmo ano, quase um mês depois da publicação da encíclica, os XVII Jogos Pan-Americanos, sediados em Toronto, no Canadá, considerados os primeiros ecologicamente corretos, uma vez que a emissão de carbono durante o evento foi considerada nula<sup>161</sup>.

É notável que as preocupações com as questões ecológicas tenham se tornado ordem do dia no século XX e perdurado como tal no Século XXI. Essas iniciativas demonstram a possibilidade do ser humano atuar de maneira conjunta para a preservação de sua casa comum, como propõe a encíclica. Refletem a capacidade (advinda do avanço tecnológico) do ser humano de agir em conformidade com a capacidade do planeta, e em respeito às outras espécies, muitas das quais sofrem de maneira bastante grave com a ação ecologicamente irresponsável da espécie humana<sup>162</sup>. Entrementes, ocorreria, no Brasil, em 2017, a Campanha da Fraternidade anual promovida pela Igreja Católica, cujo tema seria justamente “Fraternidade: biomas brasileiros e defesa da vida”, e cujo lema seria: “Cultivar e guardar a criação”.<sup>163</sup>

O Vaticano tem uma longa tradição de política externa atuando diplomaticamente na resolução de conflitos entre outros Estados nacionais<sup>164</sup>. Foi dessa forma, por exemplo, que atuaram de maneira eficiente na resolução do impasse que ocorreu entre o Chile e a Argentina, em 1978, no tocante à posse das ilhas no Canal de Beagle<sup>165</sup>. Logo, não seria de

<sup>158</sup> JORNAL DO BRASIL. *Diferentemente da Rio+20, Cúpula dos Povos supera divergências no texto final*. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/ambiental/noticias/2012/06/22/diferentemente-da-rio20-cupula-dos-povos-supera-divergencias-no-texto-final/>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

<sup>159</sup> A Jornada Mundial da Juventude inclusive teria auxiliado o pontífice a adquirir livros de Leonardo Boff, cuja consultoria para a *Laudato Si'* já foi mencionada na seção anterior. UOL. *Papa consulta Boff para escrever nova encíclica*. 2014.

<sup>160</sup> JORNAL DE NOTÍCIAS. *2015 foi o ano mais quente desde que há registro*. 2016. Disponível em: <<https://www.jn.pt/mundo/interior/2015-foi-o-ano-mais-quente-desde-que-ha-registo-4990332.html?id=4990332>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

<sup>161</sup> GONÇALVES, André. *Jogos Pan-Americanos de 2015 começam sexta em Toronto. Boa Vontade*. Disponível em: <<http://www.boavontade.com/pt/esporte/jogos-pan-americanos-de-2015-comecam-sexta-em-toronto>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

<sup>162</sup> Entretanto, será visto no capítulo 3 que a tecnologia ser considerada digna de “fé irrestrita” também acaba por prejudicar o meio ambiente. Isso levará ao que o papa chamará de “Paradigma Tecnocrático”.

<sup>163</sup> CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2017. *Campanha da Fraternidade 2017*. Disponível em: <<http://www.campanhadafraternidade2017.com.br/>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

<sup>164</sup> ALLEN JR., 2003, p. 23-28.

<sup>165</sup> ALLEN JR., 2003, p. 28-30.

admirar que o Vaticano adotasse políticas que promovessem o uso consciente de recursos, em conformidade com o proposto na encíclica. Foi assim, por exemplo, que ainda em julho de 2015 o Vaticano, em seu próprio território, lançou seminário no qual prefeitos de várias cidades estavam presentes para discutir, além de questões relativas ao combate à escravidão no mundo contemporâneo, questões de políticas públicas voltadas para as questões sociais e ambientais<sup>166</sup>. Atendendo o convite feito pelo Pontifício Sacro Colégio de Ciências, prefeitos brasileiros que estavam no evento emitiram carta aberta, na qual diziam:

A dificuldade na construção de um acordo internacional entre os chefes de Estado que contemple diretrizes mais audaciosas e efetivas no enfrentamento às mudanças climáticas já tem reflexos na piora da qualidade de vida das pessoas, em especial dos mais pobres. Essa situação coloca em risco os avanços conquistados no enfrentamento da miséria e das desigualdades nas últimas décadas, refletindo-se no dia-a-dia das cidades que governamos. Em sintonia com a Encíclica ‘Laudato Si’’, reconhecemos a urgência de atender as necessidades dos mais pobres. Para enfrentar esse injusto cenário de desigualdades os 5.570 prefeitos brasileiros estão empreendendo esforços para que os excluídos possam superar a situação de vulnerabilidade. São políticas públicas estratégicas de inclusão social abrangendo educação, saúde, habitação, saneamento, transporte público, geração de renda, emprego, empreendedorismo e cooperativismo. Reconhecemos também a responsabilidade dos governos locais em contribuir com a reversão da atual crise climática global. Há prefeitos brasileiros adotando metas para desatrelar o desenvolvimento das cidades do aumento de emissões de Gases de Efeito Estufa em seus territórios e nos padrões de produção e consumo. E, sabendo que esses esforços iniciais ainda são insuficientes, trabalharemos para incorporar a visão do desenvolvimento urbano de baixo carbono e resiliente às mudanças climáticas nos planejamentos das cidades brasileiras.<sup>167</sup>

Como dito na carta, há o reconhecimento da questão ambiental pelos líderes políticos. A questão, contudo, parecia, à época, como conciliar tais questões com o desenvolvimento econômico. Acerca disso, por exemplo, Jeb Bush, irmão do ex-presidente americano George W. Bush, e neste período já cogitado a ser um dos pré-candidatos à presidência nas eleições que iriam ocorrer no ano de 2016, colocou<sup>168</sup>: “Espero não ser castigado pelo meu padre ao retornar, mas eu não recebo conselhos sobre economia de meus bispos, de meu cardeal ou de meu papa”<sup>169</sup> e completou: “Eu acho que a religião é sobre como nos tornar melhores e não sobre coisas que dizem respeito ao domínio da política”.<sup>170</sup>

<sup>166</sup> SÃO PAULO SÃO. *Prefeito diz no Vaticano que agendas social e ambiental são indissociáveis*. 2015. Disponível em: <<http://saopaulosao.com.br/nossas-acoas/385-prefeito-diz-no-vaticano-que-agendas-social-e-ambiental-s%C3%A3o-indissoci%C3%A1veis.html>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

<sup>167</sup> SÃO PAULO SÃO, 2015.

<sup>168</sup> GOLDENBERG, Suzanne; SIDDIQUI, Sabrina. Jeb Bush Joins Republican Backlash Pope Climate Change. *The Guardian*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2015/jun/17/jeb-bush-joins-republican-backlash-pope-climate-change>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

<sup>169</sup> “I hope I’m not going to get castigated for saying this by my priest back home, but I don’t get economic policy from my bishops or my cardinal or my pope”. GOLDENBERG, Suzanne; SIDDIQUI, Sabrina. Jeb Bush

Esse posicionamento dos líderes mundiais (principalmente de Estados Unidos e China, que são os países com maior emissão de gases causadores do Efeito Estufa no mundo e, coincidentemente, também as duas maiores economias do planeta<sup>171</sup>) mostra como, apesar da necessidade colocada de modo veemente na encíclica, de uma mudança de postura no tocante às questões ambientais, o apoio à causa pode ser mais nominal do que real em muitos casos, isso quando não totalmente rejeitado. A China, já liderada à época por Xi Jinping, é a maior poluidora do planeta<sup>172</sup>, uma vez que grande parte de sua matriz energética, voltada prioritariamente para o setor industrial, é baseada na utilização de carvão (a China, desde 1980, consome pelo menos metade de todo o carvão produzido no planeta<sup>173</sup>). Embora seja destaque a grande importância que a China adquiriu no cenário global, se tornando em pouco mais de cinquenta anos uma superpotência econômica e militar (a China possui o maior exército do mundo<sup>174</sup>), tal avanço não se deu sem graves prejuízos ao meio ambiente. A China se encontra em uma corrida para alcançar o desenvolvimento presenciado no mundo ocidental<sup>175</sup>, e mesmo reconhecendo a necessidade de mudanças, não as via, no ano de 2014, um ano antes do lançamento da *Laudato Si'*, como sendo possíveis de implantar de modo efetivo para um período anterior ao ano de 2030, embora admitisse que seria possível que esse período fosse abreviado<sup>176</sup>.

No caso americano, a mudança política revelou-se ainda mais comprometedor de medidas visando à preservação do meio ambiente e a adoção de políticas econômicas de conformidade com princípios sustentáveis. Ainda em 2014, em conferência com a China, os Estados Unidos, segundo maior emissor de gases que causam Efeito Estufa, se comprometeram a reduzir em até 11 anos, de 26% a 28% de suas emissões de gases, em

---

Joins Republican Backslash Pope Climate Change. *The Guardian*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2015/jun/17/jeb-bush-joins-republican-backslash-pope-climate-change>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

<sup>170</sup> “I think religion ought to be about making us better as people and less about things that end up getting in the political realm.” GOLDENBERG, Suzanne; SIDDIQUI, Sabrina. Jeb Bush Joins Republican Backslash Pope Climate Change. *The Guardian*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2015/jun/17/jeb-bush-joins-republican-backslash-pope-climate-change>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

<sup>171</sup> INSTITUTO DE PESQUISA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS. *As 15 maiores economias do Mundo*. 2017. Disponível em: <<http://www.funag.gov.br/ipri/index.php/o-ipri/47-estatisticas/94-as-15-maiores-economias-do-mundo-em-pib-e-pib-ppp>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

<sup>172</sup> OBSERVATÓRIO DO CLIMA. O desafio chinês de crescer sem poluir. 2015. Disponível em: <<http://www.observatoriodoclima.eco.br/o-desafio-chines-de-crescer-sem-poluir/>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

<sup>173</sup> OBSERVATÓRIO DO CLIMA, 2015.

<sup>174</sup> Segundo se estima, com cerca de 2 milhões e 200 mil militares. “8 Países com mais tropas militares ativas em 2017”. Disponível em: <<http://forbes.uol.com.br/listas/2017/04/8-paises-com-mais-tropas-militares-ativas-em-2017/>>. Acesso em 10 mar. 2018.

<sup>175</sup> OBSERVATÓRIO DO CLIMA, 2015.

<sup>176</sup> G1. *EUA e China Anunciam acordo para reduzir a emissão de gases poluentes*. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/natureza/noticia/2014/11/eua-e-china-anunciam-acordo-para-reduzir-emissao-de-gases-poluentes.html>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

compromisso com uma contraparte realizada pela República Popular da China<sup>177</sup>. No entanto, o presidente à época era Barack Obama; ao assumir em 2016, Donald Trump, que durante toda a sua campanha presidencial havia expressado seu desejo de retirar os Estados Unidos do Acordo de Paris, anunciou em junho de 2017 que os Estados Unidos enfim saíam do pacto. Porém, antes mesmo disso, em março do mesmo ano, o presidente americano já retirava algumas das políticas implantadas ou sugeridas por seu antecessor no aspecto ambiental feitas já no ano de 2009<sup>178</sup>. Na pauta das duas maiores nações emissoras de gases do planeta, a mesma questão: políticas ambientais podem diminuir a capacidade e o desenvolvimento econômico e industrial<sup>179</sup>.

No mesmo ano de 2015, no período de 12 a 17 de abril, seria realizado, nas cidades de Daegu e Geyongbuk, na Coreia do Sul, o 7º Fórum Mundial da Água<sup>180</sup>. A iniciativa é uma proposta do Conselho Mundial da Água, que é uma associação internacional com mais de 300 organizações-membros e existente desde 1996, com sede em Marselha, na França. O evento ocorre a cada três anos, desde sua primeira realização, em 1997, no Marrocos, e em 2015 contou com “mais de 40.000 participantes de 168 países. Participaram nove Chefes de Estado, governos e secretários da Comunidade Europeia, 80 Ministros, Vice-Ministros e Secretários de Estado e mais de 100 membros dos poderes locais, incluindo prefeitos e parlamentares.”<sup>181</sup> Seu tema naquele ano foi “Água para o nosso futuro”, e este foi considerado o maior fórum entre aqueles que haviam sido até então realizados pela instituição<sup>182</sup>. Neste evento, foram apresentados quatro documentos considerados chave para a política da utilização consciente e renovável da água e de seus efeitos paralelos e conjuntos na preservação ambiental<sup>183</sup>, dentre os quais o qual será destacado aqui será o “Water and the Post-2015 Framework”<sup>184</sup>, no qual uma meta para o desenvolvimento do uso sustentável da água deveria ser apresentado junto à Organização das Nações Unidas, e desta para os países-membros da Organização, de modo

<sup>177</sup> G1. 2014.

<sup>178</sup> ESTADÃO. *Obama propõe cortar 83% de gases poluentes até 2050*. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,obama-propoe-cortar-83-de-gases-poluente-ate-2050,330302>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

<sup>179</sup> PEREDA, Cristina F. Trump desmantela política ambiental de Obama contra a mudança climática. *El País Brasil*. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/28/internacional/1490664173\\_797143.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/28/internacional/1490664173_797143.html)>. Acesso em: 10 mar. 2018.

<sup>180</sup> WORLD WATER FORUM. *Edições Anteriores*. Disponível em: <<http://www.worldwaterforum8.org/pt-br/edi%C3%A7%C3%B5es-antiores>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

<sup>181</sup> WORLD WATER FORUM. *Edições Anteriores*.

<sup>182</sup> HIRIA & SEMINÁRIOS VALOR ECONÔMICO. *Reporte sobre o 7º Fórum Mundial da Água*. 2015. Disponível em: <<http://hiria.com.br/forum/water/pdfs/report-setimo-forum-agua.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

<sup>183</sup> HIRIA & SEMINÁRIOS VALOR ECONÔMICO, 2015.

<sup>184</sup> “A Água e o Quadro pós ano de 2015”.

que as nações, em conjunto, se articulassem em suas políticas ambientais, de modo a dar à água “a devida e necessária proeminência”<sup>185</sup>.

É colocado que a questão da utilização consciente da água será premente no século XXI devido às mudanças climáticas<sup>186</sup>. José Galizia Tundisi, conhecido ecólogo brasileiro e com formação em História Natural, já colocava em 2008, que

Alterações climáticas terão papel relevante no ciclo hidrológico e na quantidade e qualidade da água. Essas alterações podem promover inúmeras mudanças na disponibilidade de água e na saúde da população humana. [...] A solução para o enfrentamento das conseqüências dos efeitos das mudanças globais nos recursos hídricos é adaptar-se a essas alterações, promovendo melhor governança em nível de bacias hidrográficas, desenvolvendo tecnologias avançadas de monitoramento e gestão, ampliando a participação da comunidade – usuários e público em geral – nessa gestão e no compartilhamento dos processos tecnológicos que irão melhorar a infra-estrutura do banco de dados e dar maior sustentabilidade às ações.<sup>187</sup>

Sendo as alterações dificilmente reversíveis, cabe ao ser humano adaptar-se a elas e promover uma política onde suas ações sejam menos destrutivas no porvir. Neste aspecto, caberia, como seria proposto pelo papa Francisco mais tarde na *Laudato Si'*,

Em face das mudanças climáticas cujas evidências são bastante claras já a partir dos últimos do século XX e neste início do século XXI (IPCC, 2007), há a necessidade de intensa cooperação internacional, especialmente em bacias compartilhadas por vários países. O desenvolvimento dessas parcerias internacionais na gestão de bacias hidrográficas tem sido objeto de discussões, análises, propostas e algumas ações que visam compartilhar problemas, diagnosticar as causas e promover soluções conjuntas.<sup>188</sup>

A necessidade de articulação nas políticas ambientais pelos governos; a necessidade de desenvolvimento de novas práticas, de um reforço da melhoria de condições gerais na sociedade, do fortalecimento e desenvolvimento de tecnologias que pudessem permitir a utilização dos recursos naturais de forma menos danosa ao conjunto das relações ambientais era assunto forte na época e em períodos imediatamente anteriores à encíclica. A iniciativa do papa Francisco, líder político, mas também espiritual de uma parte significativa da população do planeta, de endosso dos posicionamentos que estavam até então sendo colocados, de trazer esse debate para o plano religioso e doutrinal, dá a este debate uma característica singular, não alcançada pelo posicionamento de cientistas, ativistas, militantes ou líderes políticos. Por sua própria condição, a encíclica, como visto na seção anterior, aparece como ensinamento que

<sup>185</sup> HIRIA & SEMINÁRIOS VALOR ECONÔMICO, 2015.

<sup>186</sup> TUNDISI, José Galizia. Recursos Hídricos no Futuro: problemas e soluções. *Estudos Avançados*, São Paulo, V. 22 (63), p. 7-16. 2008.

<sup>187</sup> TUNDISI, 2008, p. 11.

<sup>188</sup> TUNDISI, 2008, p. 11-12.

deve ser posto em prática por milhões de pessoas no mundo, e como princípio que deve reger a conduta de mais de um bilhão de pessoas (católicas) no seu trato com o ambiente, em uma visão não de disposição da criação divina como um utensílio, mas como um bem que deve ser por todos preservado e respeitado, como será visto na análise a ser feita no capítulo três deste trabalho.

Na primeira seção desse capítulo vimos o que é uma encíclica, e a importância desse tipo de documento no âmbito da Igreja Católica Apostólica Romana. Nesta seção, vimos o contexto histórico no qual a *Laudato Si'* foi escrita, sua consonância com as questões ambientais até então levantadas, eventos de importância que ocorreram durante ou em períodos imediatamente anteriores ou posteriores à sua aplicação. Na próxima seção, será visto como a repercussão da encíclica nos mais variados meios demonstra sua singularidade, a controvérsia e a importância da questão ambiental, e da sobrevivência da relevância das palavras do papa no mundo contemporâneo.

### 2.3 Repercussões da *Laudato Si'*

Apesar da *Laudato Si'* ser uma encíclica papal e, como tal, ter uma série de significados religiosos atravessados (ou talvez por isso mesmo), sua repercussão não se limitou aos círculos católicos ou mesmo religiosos<sup>189</sup>. Seu alcance foi além da esfera espiritual, tendo repercutido nos meios acadêmico, científico e político.

No mesmo dia de seu lançamento (18 de junho de 2015), a Organização das Nações Unidas, na pessoa do seu secretário-geral à época, Ban Ki-moon, emitiu nota na qual afirmava que

O Secretário-Geral saúda a encíclica papal divulgada hoje por Sua Santidade, o Papa Francisco, que destaca que a mudança climática é um dos principais desafios que a humanidade enfrenta e que é uma questão moral que exige um diálogo respeitoso com todas as esferas da sociedade. O Secretário-Geral ressalta as conclusões da encíclica de que há 'um consenso científico muito sólido' mostrando um aquecimento significativo do sistema climático e que a maior parte do aquecimento global nas últimas décadas é 'principalmente resultado da atividade humana'. O Secretário-Geral reafirma que a humanidade tem uma obrigação significativa de cuidar e proteger nosso lar comum, o planeta Terra, e mostrar solidariedade aos membros mais pobres e mais vulneráveis da sociedade que sofrem mais com os impactos climáticos. O Secretário-Geral, portanto, conclama os governos a colocar o

<sup>189</sup> Por sinal, esta dicotomia vem sendo cada vez mais superada no âmbito do catolicismo desde o concílio Vaticano II.

bem comum global acima dos interesses nacionais e a adotar um acordo climático universal ambicioso em Paris este ano.<sup>190</sup>

A colocação de Ban Ki-moon de que a encíclica coopera para o combate às mudanças climáticas se reflete em seu desejo de posteriormente, na Assembleia Geral da ONU, cumprimentar o pontífice, se coaduna a visão do papa como um líder religioso, mas também como uma pessoa de influência<sup>191</sup>. Observe-se que o Secretário-Geral da ONU vê a discussão suscitada pela encíclica como uma discussão a nível moral, ou seja, entre outras palavras, como uma questão que deve ser suscitada na própria vivência dos indivíduos e em seu comprometimento com suas ações, e não apenas como uma mera discussão científica, acadêmica, econômica ou política.

Esse posicionamento terá também eco na fala da chefe da Seção do Clima da mesma Organização das Nações Unidas, Christiana Figueres. Em reportagem do conhecido jornal britânico *The Guardian*, que considerou que a encíclica *Laudato Si'* foi a encíclica papal mais aguardada em décadas<sup>192</sup>, Christiana Figueres dirá que “O papa Francisco está pessoalmente comprometido com essa questão [climática] como nenhum outro papa antes dele. A encíclica terá um grande impacto. Falará ao imperativo moral de abordar a mudança climática de maneira oportuna a fim de proteger os mais vulneráveis”<sup>193</sup> Ou seja: a encíclica tem uma dimensão ética, que se traduz não apenas na defesa do meio ambiente, mas na reafirmação do imperativo cristão de amor ao próximo, figurado nos mais vulneráveis.

Se a encíclica é celebrada por seu comprometimento com as questões ambientais e com os mais vulneráveis socialmente, é questionada em muitos outros meios. Nessa mesma reportagem do *The Guardian* é dito que consultores do Vaticano já consideravam que a encíclica seria mal recebida pela ala Republicana dos Estados Unidos, por endossar o posicionamento corrente dos cientistas e acadêmicos quanto às mudanças climáticas e a necessidade da alteração do relacionamento humano com o meio ambiente<sup>194</sup>. Nem mesmo entre os católicos a encíclica é unanimidade, posto que figuras importantes como o já citado

<sup>190</sup> UNITED NATIONS. *Statement attributable to the Spokesman for the Secretary-General on the Papal Encyclical by His Holiness Pope Francis*. 2015. Disponível em: <<https://www.un.org/sg/en/content/sg/statement/2015-06-18/statement-attributable-spokesman-secretary-general-papal-encyclical>>. Acesso em: 10 jan. 2018. Tradução do autor.

<sup>191</sup> UNITED NATIONS, 2015.

<sup>192</sup> VIDAL, John. Explosive intervention by Pope Francis set to transform climate change debate. 2015. *The Guardian*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2015/jun/13/pope-francis-intervention-transforms-climate-change-debate>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

<sup>193</sup> “Pope Francis is personally committed to this [climate] issue like no other pope before him. The encyclical will have a major impact. It will speak to the moral imperative of addressing climate change in a timely fashion in order to protect the most vulnerable”. VIDAL, John. 2015.

<sup>194</sup> VIDAL, John. 2015.

Jeb Bush e Stephen Moore, economista e líder de um grupo de cientistas e acadêmicos norte-americanos consideraria o papa “um desastre” e que ele inverteria a relação meio ambiente-ser humano, colocando este como o problema nessa equação e não como aquele que poderia prover soluções<sup>195</sup>. Este posicionamento, entretanto, sofreu forte contrabalanço pelo posicionamento do então presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, que se postou favorável à intervenção “clara e poderosa” do papa, afirmando a necessidade dos demais líderes políticos mundiais lerem e refletirem sobre o que diz a encíclica. O presidente norte-americano pronunciou-se assim acerca da encíclica:

Dou as boas-vindas à encíclica de Sua Santidade, o Papa Francisco, e admiro profundamente a decisão do Papa de apresentar o caso - com clareza, poder e com toda a autoridade moral de sua posição – promovendo ação sobre a mudança climática global. [...] Enquanto nos preparamos para as negociações sobre o clima global em Paris em dezembro deste ano, espero que todos os líderes mundiais e todos os filhos de Deus reflitam sobre o chamado do Papa Francisco a se unir para cuidar de nosso lar comum. Temos uma responsabilidade profunda de proteger nossos filhos e os filhos de nossos filhos dos impactos nocivos da mudança climática.<sup>196</sup>

Contudo, mesmo sendo questionada por católicos proeminentes, a encíclica foi acolhida pelas lideranças de outros grupos religiosos. David Mesquiati de Oliveira, pastor evangélico pentecostal e também pós-doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, colocará que

Tais preocupações [presentes na encíclica] deveriam ser compartilhadas e reverberar entre todos os seres humanos que compartilham a mesma casa. Entre os religiosos, respeitando a linguagem própria de cada um, a preocupação com o mundo que nos tocou viver e entregar para nossos filhos reveste-se de um tom exortativo. Como nossa confissão de fé tem contribuído para pensar o mundo criado? Que cuidados temos expressado diante da obra divina? Como pentecostal, um dos aspectos que mais valorizamos é o agir especial e direto de Deus sobre sua criação. Vemos a mão de Deus em tudo. O que precisamos fazer para demonstrar que nos importamos de veras com a obra da criação de Deus?<sup>197</sup>

Alonso de Souza Gonçalves, mestre em ciências da religião pela Universidade Metodista de São Paulo e também pastor batista, colocará que os batistas reconhecem na encíclica do papa ecos da preocupação da Convenção Batista Brasileira, que em 2011 emitiu um documento chamado “carta de Niterói”, onde reconhecia a ação humana motivada por

<sup>195</sup> VIDAL, John. 2015.

<sup>196</sup> WISER, Danny. Obama calls for world leaders to heed Pope Francis’s message. *Catholic Herald*. Disponível em: <<http://www.catholicherald.co.uk/news/2015/06/19/obama-calls-for-world-leaders-to-heed-pope-franciss-message/>>. Acesso em: 18 mar. 2018. Tradução do autor.

<sup>197</sup> OLIVEIRA, David Mesquiati de. Os pentecostais também podem cantar juntos “Louvado sejas, meu Senhor”. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (ORG.). *Evangélicos e o Papa: Olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si’*, do Papa Francisco. São Paulo: Editora Reflexão, 2016. p. 83.

uma relação desequilibrada motivada pelo sistema econômico capitalista como danosa ao meio ambiente e por isso mesmo precisava de revisões a nível teológico e pastoral para que fossem promovidas mudanças<sup>198</sup>. O posicionamento de respeito, amor e admiração à criação de Deus, e das implicações da má compreensão do ser humano quanto à sua relação com ela são pontos que também são suscitados na mesma obra por membros das igrejas presbiteriana<sup>199</sup>, metodista<sup>200</sup> e anglicana<sup>201</sup> no Brasil, inclusive por questões ambientais prementes à época no Brasil, como a falta de água no estado de São Paulo, a seca sempre constante no nordeste e a tragédia ambiental de Mariana, no qual toneladas de detritos químicos acabaram por poluir o rio Doce, em Minas Gerais e no estado do Espírito Santo<sup>202</sup>.

Por seu próprio teor, de apelo a um novo relacionamento do ser humano com o mundo, a encíclica também teve repercussões no meio econômico e financeiro. Jim Yong Kim, desde 2012 presidente do Banco Mundial, além de médico e antropólogo<sup>203</sup>, assim se posicionou acerca da encíclica do papa Francisco:

A publicação de hoje da primeira encíclica do Papa Francisco deve servir como um lembrete gritante para todos nós da ligação intrínseca entre a mudança climática e a pobreza. Conhecemos o argumento científico, comercial e econômico para combater as mudanças climáticas e celebro a ênfase do papa em nossa obrigação moral de agir.<sup>204</sup>

O vínculo entre mudanças ambientais e prejuízos aos mais vulneráveis é algo admissível, e na maior parte dos casos onde a encíclica é festejada, é reconhecido. Edgar

<sup>198</sup> GONÇALVES, Alonso de Souza. Um pastor à serviço da terra: a encíclica *Laudato Si'* e os batistas brasileiros. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (ORG.). *Evangélicos e o Papa: Olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. São Paulo: Editora Reflexão, 2016. p. 63-73.

<sup>199</sup> KLEIN, Carlos Jeremias. A Carta Encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco: a encíclica *Laudato Si'* e os batistas brasileiros. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (ORG.). *Evangélicos e o Papa: Olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. São Paulo: Editora Reflexão, 2016. p. 87-89.

<sup>200</sup> RENDERS, Helmut. Por que os metodistas brasileiros/as deveriam ler a carta encíclica papal *Laudato Si'*. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (ORG.). *Evangélicos e o Papa: Olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. São Paulo: Editora Reflexão, 2016. p. 75-79.

<sup>201</sup> CALVANI, Carlos Eduardo. “*Laudato Si'* – Sobre o cuidado da Casa Comum”: um convite gentil, generoso e sensível ao diálogo e à reflexão. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (ORG.). *Evangélicos e o Papa: Olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. São Paulo: Editora Reflexão, 2016. p. 91-97.

<sup>202</sup> CALVANI, Carlos Eduardo. “*Laudato Si'* – Sobre o cuidado da Casa Comum”: um convite gentil, generoso e sensível ao diálogo e à reflexão. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (ORG.). *Evangélicos e o Papa: Olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. São Paulo: Editora Reflexão, 2016. p. 91.

<sup>203</sup> O GLOBO. *Jim Yong Kim renomeado Presidente do Banco Mundial*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/jim-yong-kim-renomeado-presidente-do-banco-mundial-20188840>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

<sup>204</sup> VAUGHAN, Adam. The Pope's Encyclical on climate change – as it happened. 2015. *The Guardian*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/environment/blog/live/2015/jun/18/pope-encyclical-climate-change-live-reaction-analysis#block-5582b62de4b0c09f64bfa923>>. Acesso em: 10 mar. 2018. Tradução do autor.

Morin, sociólogo e antropólogo francês de origem sefardita e pesquisador emérito do Centre National de la Recherche Scientifique (Centro Nacional de Pesquisa Científica, o maior órgão público francês destinado à pesquisa científica<sup>205</sup>), colocou, em entrevista dada ao jornal francês *La Croix*, que a encíclica seria providencial para a abolição de um estado de “deserto do pensamento”, onde uma visão fragmentária deve ser combatida em favor de uma visão mais completa e complexa do quadro total da realidade<sup>206</sup>. O pesquisador assinala que

A última encíclica é uma completa refontalização evangélica. Os cristãos, quando animados pela fonte da sua fé, são tipicamente pessoas de boa vontade, que pensam no bem comum. A fé pode ser uma salvaguarda contra a corrupção de políticos ou de administradores. A fé pode dar coragem. Se, hoje, numa época de virulência, as religiões voltassem à sua mensagem inicial – em particular o islã, onde Alá é o Clemente e o Misericordioso –, elas seriam capazes de se compreender. Hoje, para salvar o planeta, que está verdadeiramente ameaçado, a contribuição das religiões é bem vinda. Esta encíclica é uma brilhante manifestação disso.<sup>207</sup>

A posição de Morin, contato, não isenta o pensamento religioso de críticas. O grande mérito da encíclica seria, do ponto de vista teológico, uma mudança de paradigma em relação ao considerado cristianismo “clássico”, onde para o pesquisador

O Santo Padre é levado a encontrar na Bíblia um certo número de elementos que justificam sua abordagem. Mas eu penso, ao contrário, que a Bíblia narra uma criação do homem totalmente separada dos animais, e que ela começou a gerar este pensamento antropocêntrico, que a mensagem de Paulo continuou, separando o destino pós-morte dos humanos dos outros seres vivos. Esta concepção separa, na minha opinião, a civilização judaico-cristã das outras grandes civilizações.<sup>208</sup>

O pensamento de Morin condiz, assim, com a própria autoreflexão sobre o pensamento religioso até então propagado em larga escala proposto pela encíclica e pelos líderes religiosos aqui colocados. Na esteira da repercussão sobre o lançamento de uma encíclica pela Igreja Católica Apostólica Romana, outros líderes de outras religiões se uniram no Reino Unido sob o direcionamento do Arcebispo de Canterbury, Justin Welby, e o Arcebispo de York, John Sentamu, e emitiram um documento, chamado “Lambeth Declaration”, do qual participaram representantes dos mulçulmanos, judeus, siques, de

<sup>205</sup> CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS. Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS). Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/cnrs>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

<sup>206</sup> PEILLON, Antoine; GAULMYN, Isabelle de. *A Laudato Si' é, talvez, o ato número 1 de um apelo para uma nova civilização*: Entrevista com Edgar Morin. 2015. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/543811-a-laudato-si-e-talvez-o-ato-numero-1-de-um-apelo-para-uma-nova-civilizacao-entrevista-com-edgar-morin>>. Acesso em: 10 jan. 2018

<sup>207</sup> PEILLON; GAULMYN, 2015.

<sup>208</sup> PEILLON; GAULMYN, 2015.

membros da Igreja Católica Apostólica Romana da Inglaterra e Gales, da Igreja Metodista, entre outros, no qual afirmavam que

Como representantes de um vasto número de pessoas crentes em todo o mundo, instamos o nosso governo a usar sua influência para alcançar um compromisso juridicamente vinculante nas conversações internacionais sobre as mudanças climáticas em Paris e com programa contínuo além. Através de nossas várias tradições, trazemos nossas orações para o sucesso das negociações. Nós conclamamos com humildade, com uma determinação animada pela nossa fé e com consciência da necessidade de coragem, justiça e esperança. Estamos diante de um enorme desafio. Mas estamos esperançosos de que as mudanças necessárias possam ser feitas - para o bem de todos que compartilham este mundo hoje - e aqueles que irão compartilhá-lo amanhã.<sup>209</sup>

Esse posicionamento de lideranças religiosas de que a encíclica do papa confirma pontos que já afirmavam se coaduna com o pensamento de que por ser o papa um grande líder religioso (e também político) no mundo ocidental, a questão ambiental e de justiça social a ela agregada pode ser melhor apreciada pelas lideranças políticas e a população como um todo. Guillermo Kerber, à época diretor do World Council of Churches, instituição que conta entre seus afiliados com diferentes igrejas e movimentos cristãos, abrangendo cerca de 110 países e de 500 milhões de cristãos<sup>210</sup>, disse

O Conselho Mundial de Igrejas acolhe a encíclica do Papa Francisco, que catalisa o que igrejas e organizações ecumênicas vêm fazendo há décadas ao cuidar das questões da justiça climática e da terra. Ao ratificar as alterações climáticas induzidas pelos seres humanos e os seus impactos nas comunidades mais pobres e vulneráveis, a Encíclica torna-se importante apelo a agir urgentemente como indivíduos, cidadãos e também a nível internacional para responder eficazmente à crise climática.<sup>211</sup>

Assim, a encíclica papal, parece não só ter encontrado boa acolhida e ressonância nas lideranças religiosas em geral, mas chamado a devida atenção à questão ambiental, a ponto de encorajar os demais líderes espirituais do mundo a se posicionarem quanto a essa questão. Sobre esse assunto, no mesmo período, também se pronunciaria Sua Santidade, O Dalai Lama Tenzin Gyatso, reafirmando o senso de unidade que a questão ambiental exige<sup>212</sup>. Tendo em vista o posicionamento dos líderes siques na Lamberth Declaration e do líder do budismo

<sup>209</sup> POCKLINGTON, David. Lamberth Declaration on Climate Change. *Law & Religion UK*. Disponível em: <<http://www.lawandreligionuk.com/2015/06/17/lambeth-declaration-on-climate-change/>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

<sup>210</sup> WORLD COUNCIL OF CHURCHES. *What is the World Council of Churches?*. Disponível em: <<http://www.oikoumene.org/en/about-us>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

<sup>211</sup> VAUGHAN, Adam, 2015. Tradução do autor.

<sup>212</sup> MARTÍN, Inés San. *Laudato Si' Will be an encyclical for the ages. Crux: Taking the Catholic Pulse*. Disponível em: <<https://cruxnow.com/church/2015/06/17/laudato-si-will-be-an-encyclical-for-the-ages/>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

tibetano, é possível considerar que a encíclica, longe de ter uma repercussão que se limitou ao hemisfério ocidental do globo, obteve realmente alcance mundial. Ambientalistas, cientistas e autoridades políticas nacionais e de organizações mundiais também celebraram a encíclica, embora esta, no que diz respeito a seus opositores, tenha recebido muitas críticas quanto a seu posicionamento relativo à questão econômica. Essa polarização parece ter sido mais forte nos Estados Unidos, país com grande número de cristãos, mas cuja encíclica do papa sofreu muitas críticas devido à mudança política que seria efetuada mais tarde e que acarretaria as mudanças em sua agenda ambiental como colocado no decorrer deste capítulo. Neste aspecto, a fala de uma autoridade espiritual de forte influência no mundo ocidental como o papa reveste a discussão de outro viés, e tendo em vista sua primazia no que concerne à religião cristã, que vem da tradição, e do apelo à tradição cristã presente na encíclica, a questão do meio ambiente, de uma ecologia integral, ganha grande visibilidade, e se opor a uma opinião de um pontífice pode soar a eleitores de maneira bastante desfavorável. Esse é o pensamento de líderes como Bob Perciasepe, presidente do Center for Climate and Energy Solutions, e que anteriormente foi administrador adjunto da Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos da América<sup>213</sup>. Ele divulgou no site da organização quando da divulgação da encíclica *Laudato Si'* que

O Papa Francisco traz uma voz moral clara e poderosa para um debate sobre mudança climática, debate muitas vezes obscurecido por ideologias concorrentes. Ele nos lembra de nossas responsabilidades para com o planeta e uns para com os outros, e torna claras as possibilidades e a urgência de uma ação mais forte. Cientistas, ambientalistas, políticos, executivos de empresas e líderes militares levantaram preocupações por anos sobre os reais riscos da mudança climática. Mas poucos indivíduos são tão influentes quanto o papa. Ao chamar as pessoas para agirem de acordo com suas consciências, o Papa Francisco oferece um poderoso contraponto ao que se tornou um debate em grande parte ideológico, especialmente aqui nos Estados Unidos. [...] O papa também enfatiza nosso dever moral de cuidar dos doentes, dos fracos e dos pobres. Muitas das nações com maior risco de impactos climáticos também estão entre as mais pobres do mundo. Os pequenos países insulares e de baixa altitude estão perdendo terreno para a elevação dos mares, e os países africanos pobres enfrentam um risco maior de secas, doenças e fome. Mesmo nos países ricos, a mudança climática prejudica desproporcionalmente os pobres, que não têm acesso a aparelhos de ar condicionado, assistência médica ou recursos para lidar com enchentes ou secas mais frequentes. [...] O papa faz um apelo apaixonado por uma ação climática urgente baseada em fatos e imperativos morais. Emprestando sua voz em um momento crítico, o Papa Francisco esclarece as possibilidades e a urgência. Espero que sua voz ajude a despertar nossa consciência e fortalecer um terreno comum para a ação climática.<sup>214</sup>

<sup>213</sup> CENTER FOR CLIMATE AND ENERGY SOLUTIONS. *Bob Perciasepe*. Disponível em: <<https://www.c2es.org/profile/bob-p-board/>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

<sup>214</sup> CENTER FOR CLIMATE AND ENERGY SOLUTIONS. *Pope Francis highlights the moral imperative of climate action*. Disponível em: <<https://www.c2es.org/2015/06/pope-francis-highlights-the-moral-imperative-of-climate-action/>>. Acesso em: 10 mar. 2018. Tradução do autor.

Tanto de líderes religiosos, como de autoridades políticas, ambientalistas e cientistas das mais variadas áreas, a opinião é que a encíclica, ousada e muito bem redigida, servirá como referência e como esperança de que seus posicionamentos sobre a questão ambiental e ecológica recebam a devida atenção da parte da população e dos líderes políticos e empresariais. A encíclica lhes dá respaldo moral na discussão, e a possibilidade de que as discussões tocantes a essa causa adentrem outras esferas.



## 2.4 Resumo do capítulo

Neste capítulo vimos o que é uma encíclica, as origens da prática, e a importância do documento dentro do contexto do Vaticano e da tradição católica romana, e que tais documentos não raros são vinculados a questões prementes de seu próprio tempo. Posteriormente, vimos como a *Laudato Si'*, posto o que foi dito anteriormente, é fruto de sua época, e eventos que podem ter promovido ou influenciado de alguma forma sua escrita e divulgação. Por fim, vimos como essa encíclica repercutiu de forma ampla nos meios acadêmico, científico, político e religioso, reforçando a importância dela no que diz respeito às questões ambientais e sociais.



### 3 A LAUDATO SI' SOB A ANÁLISE DO DISCURSO

Esta seção será dedicada à análise da Encíclica propriamente dita, de maneira a ver os atravessamentos nela presentes. A encíclica possui 246 parágrafos, divididos em seis capítulos. Cita em seu corpo textos apresentados em conferências de bispos de todos os cinco continentes povoados, além de contribuições de papas anteriores, de teólogos e de santos da Igreja Católica, e é construída na maior parte seguindo o gênero dissertativo<sup>215</sup>, apresentando argumentos que defendem o ponto de vista das ideias apresentadas pelo papa em consonância com a visão de Francisco em relação a temas como a educação, a família, diferenças sociais, entre muitos outros, não se limitando, como se poderia pensar antecipada e inadvertidamente, à questão ambiental. Até porque, segundo o próprio papa Francisco, isso não seria possível:

Quando falamos de ‘meio ambiente’, fazemos referência também a uma particular relação: a relação entre a natureza e a sociedade que a habita. Isto nos impede de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. Estamos incluídos nela, somos parte dela e compenetramo-nos. As razões pelas quais um lugar se contamina exigem uma análise do funcionamento da sociedade, da sua economia, do seu comportamento, das suas maneiras de entender a realidade. Dada a amplitude das mudanças, já não é possível encontrar uma resposta específica e independente para cada parte do problema. É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza.<sup>216</sup>

O fato de Francisco apresentar o tema de forma argumentativa, tentando chamar o leitor à ação através de argumentos bem distribuídos, amarrados e coesos é algo que deve ser levado em consideração na análise da encíclica. O papa não usa simplesmente de sua autoridade como chefe da Igreja Católica e como professor mais proeminente do catolicismo romano para impor aquilo que considera correto; busca, antes, que através do que é dito o leitor julgue por si próprio o que está sendo apresentado e opte por fazer uma escolha que seja coerente com o que está sendo apresentado. Obviamente, como será visto, a argumentação expõe uma visão do mundo que possui em si um conteúdo moral que, ao ser negligenciado ou contrariado, tende a ser considerado “errado” em busca de todos os pressupostos que a encíclica coloca. Contudo, o papa não impõe isso de modo abstruso. Sua argumentação ecoa no íntimo daquele que lê a encíclica, mostrando de maneira totalmente lógica os benefícios

<sup>215</sup> VILARINHO, Sabrina. Estrutura do texto dissertativo. *Mundo Educação Bol.* Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/redacao/estrutura-texto-dissertativo.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

<sup>216</sup> PAPA FRANCISCO. *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Editora Paulinas, 2015. p. 114.

presentes e a retidão produzida na ação que a encíclica elencará como justa e correta. Seu tom em relação ao leitor é de tutor e conciliador, de expositor de um ponto de vista que é em si bastante complexo.

Em muitos momentos o papa apresentará memórias do posicionamento da Igreja no decorrer do tempo em relação à causa ambiental. Isto será visto principalmente nas primeira e terceira seções deste capítulo, onde será discutido a ideologia religiosa e a ideologia ambiental presentes na *Laudato Si'*, respectivamente. Embora o faça de maneira conscienciosa, apontando falhas na conduta em relação ao meio ambiente no decorrer dos séculos pelos cristãos, Francisco mantém o seu lugar de fala como papa, e é bastante comum que nos argumentos se apresentem menções a erros dos “cristãos” ou a alguma figura indeterminada, não da Igreja Católica como instituição, e muito menos da figura do papa, considerada pela doutrina da Igreja Católica como infalível, como já visto anteriormente nesta dissertação. Seu tom, contudo, em relação a aqueles que de uma forma ou de outra contrariam a visão apresentada pelo papa e que constantemente são citados como exemplos a serem abandonados na encíclica é de condenação e repreensão severa. Neste aspecto, embora seja sempre bastante otimista em relação ao ser humano, é mais duro em relação a essas pessoas. E é possível que ambas as coisas ocorram. Da posição de sua fala, de pontífice, o que “cria pontes”<sup>217</sup>, e neste caso não só a “ponte” pressuposta entre o “ser humano” e “Deus”, o papa busca criar pontes entre os diferentes argumentos em favor de uma causa (a defesa de uma ecologia integral), mas entre os próprios indivíduos do planeta, uma vez que todos, direta ou indiretamente, somos influenciados pelas políticas relativas ao meio ambiente. Inclusive, deve-se levar em conta que, simplesmente por ser o papa, com todas as questões relativas a isso vistas no capítulo dois desta dissertação, a encíclica se reveste de aspecto especial por si. Não se trata de um simples dado científico que é apresentado em um texto qualquer, de um ponto de vista ou ideologia de um sujeito qualquer, de uma defesa de um grupo de políticas feita por um político qualquer: é de um documento escrito por “Sua santidade”. Em suma: “foi o papa que disse!”.

Tendo isto em mente, buscar os atravessamentos propostos é apenas uma possibilidade e foco, dado que a encíclica, ao abordar vários outros assuntos que considera interligados à questão ambiental, é atravessada por várias outras matrizes. No caso específico desta dissertação, nos dedicaremos às questões religiosas primeiro.

---

<sup>217</sup> CONCEITOS. Pontífice: Conceito, o que é, significado. Disponível em: <<https://conceitos.com/pontifice/>>. Acesso em: 2 nov. 2018.

### 3.1 A ideologia religiosa na Laudato Si'

O papa Francisco propõe, nos parágrafos iniciais da encíclica (3 a 6)<sup>218</sup> que é necessária uma visão abrangente sobre a questão ecológica. O meio ambiente perpassa todas as relações humanas e naturais, sendo impossível a separação de instâncias e sua especialização. Como na citação anterior foi dito, se trata de crise de caráter socioambiental. E a religião não poderia estar de fora da discussão. O papa colocará, no parágrafo 62, por exemplo, que

Por que motivo incluir, neste documento dirigido a todas as pessoas de boa vontade, um capítulo referente às convicções de fé? Não ignoro que alguns, no campo da política e do pensamento, rejeitam decididamente a ideia de um Criador ou consideram-na irrelevante, chegando ao ponto de relegar para o reino do irracional a riqueza que as religiões possam oferecer para uma ecologia integral e o pleno desenvolvimento do gênero humano; outras vezes, supõe-se que elas constituam uma subcultura, que se deve simplesmente tolerar. Todavia, a ciência e a religião, que fornecem diferentes abordagens da realidade, podem entrar num diálogo intenso e frutuoso para ambas.<sup>219</sup>

Se for considerado, como colocado na seção 1.1, que “ideologia” é a “visão de mundo” que o indivíduo imprime, de maneira consciente ou não, em seu discurso, poderíamos considerar que a ideologia religiosa de Francisco consiste em uma visão que engloba oposição e cooperação entre fé e ciência. Há um mundo cientificamente dominado, inclusive por aquilo que ele chamará de “paradigma tecnocrático”, que em última análise determinará o progresso – a seu ver, retrocesso – econômico, o posicionamento político das potências, e caberá às religiões de modo geral, e à Igreja Católica, de modo específico, ser o esteio moral a contrabalançar esse domínio, uma vez que a ciência, tão promissora em relação a soluções, não é ela mesma amoral em suas construções e interesse em descobertas. Para isso, no aspecto religioso, como visto, Francisco lançará mão de várias ferramentas.

A proposta é seguida inclusive de modo ecumênico, colocando contribuições da Igreja Católica Ortodoxa (parágrafos 7 a 9)<sup>220</sup> e que as outras religiões também trazem doutrinas e visões que devem ser levadas em conta (parágrafo 7)<sup>221</sup>, o que sugere a promoção de um diálogo inter-religioso para tratar da questão ambiental. Observe-se aí aquilo que Fiorin já aponta: os discursos, com base ideológica sempre presente, se fundamentam por si mesmos em outros discursos, em outras visões de mundo. Esta interdiscursividade é utilizada em larga

<sup>218</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 4-7.

<sup>219</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 51.

<sup>220</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 8-10.

<sup>221</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 8.

escala na *Laudato Si'*, de modo a dar respaldo aos argumentos suscitados pelo papa em pelo menos quatro direções, no aspecto da formação da ideologia religiosa presente na encíclica, que fundamentará inclusive a construção de sentido da encíclica: 1) dar validade à sua sugestão de que as religiões sejam ouvidas no que diz respeito ao debate sobre meio ambiente, pois todas elas apontam uma mesma direção (ou direções bastante próximas) de cuidado com o planeta; 2) por esse motivo, isso é basal para entender e dar validade ao discurso da Igreja Católica presente na *Laudato Si'* (ou seja: assim como as outras religiões tratam e vêem essa temática, o que a *Laudato Si'* apresenta também está em concordância com estes posicionamentos, dando autoridade a eles e sendo por eles mesmos autorizada, em um processo de alimentação e realimentação); 3) Isto, se acrescente, não é novo: por ser presente em todas as crenças do planeta, de modo similar, isso dá ar de autoridade e validade inclusive pelo tempo, pela tradição, aspecto tão caro à Igreja – o que seria “novo” seria reconhecer que, durante muito tempo, a interpretação dessa visão teria sido equivocada, tendo voltado apenas recentemente ao que sempre foi correto e; 4) pelo fato de tantas pessoas no planeta seguirem alguma fé – seja a cristã, e não só a católica, como presente na encíclica, mas qualquer outra fé (leve-se em conta o argumento 1 apresentado acima) – é imperativo que as religiões sejam levadas em conta no diálogo ambiental, pelo seu número insuperável de adeptos. Siga-se então a ver pontos levantados por Francisco que embasem essa visão de mundo que foi ora apresentada.

O papa aponta que, através da natureza, Deus é louvado (§ 72)<sup>222</sup>, mas que, devido às ações da espécie humana, já há espécies extintas que não dão mais glória a Deus (§ 33)<sup>223</sup>. Mesmo o ser humano sendo uma criatura com “dignidade especial” (§ 43)<sup>224</sup> (única das criaturas a ter identidade, pois “não é somente alguma coisa, mas alguém”).<sup>225</sup> Esse posicionamento será ampliado no parágrafo 81, quando argumentará que a identidade, um fato na espécie humana, não pode ser satisfatoriamente explicado pela evolução das espécies), Francisco dedicará os oito parágrafos iniciais do capítulo II (“O evangelho da criação”) a rever o posicionamento histórico cristão do ser humano como “dominador” da criação, que pode por e dispor do meio ambiente da maneira que melhor lhe aprouver. Acerca disto, coloca no parágrafo 67:

Não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada. Isto permite responder a uma acusação lançada contra o pensamento judaico-cristão: foi dito que a narração

<sup>222</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 60-61.

<sup>223</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 28.

<sup>224</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 35.

<sup>225</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 53.

do Gênesis, que convida a ‘dominar’ a terra (cf. Gn 1, 28), favoreceria a exploração selvagem da natureza, apresentando uma imagem do ser humano como dominador e devastador. Mas esta não é uma interpretação correta da Bíblia, como a entende a Igreja. Se é verdade que nós, cristãos, algumas vezes interpretamos de forma incorreta as Escrituras, hoje devemos decididamente rejeitar que, do fato de ser criados à imagem de Deus e do mandato de dominar a terra, se deduza um domínio absoluto sobre todas as criaturas. É importante ler os textos bíblicos no seu contexto, com uma justa hermenêutica, e lembrar que nos convidam a ‘cultivar e guardar’ o jardim do mundo (cf. Gn 2, 15). Enquanto ‘cultivar’ quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno, ‘guardar’ significa proteger, cuidar, preservar, velar. Isto implica uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza. Cada comunidade pode tomar da bondade da terra aquilo de que necessita para a sua sobrevivência, mas tem também o dever de protegê-la e garantir a continuidade da sua fertilidade para as gerações futuras. Em última análise, ‘do Senhor é a terra’ (Sl 24/23, 1), a Ele pertence ‘a terra e tudo o que nela existe’ (Dt 10, 14). Por isso, Deus proíbe-nos toda a pretensão de posse absoluta: ‘As terras não se venderão a título definitivo, porque a terra é minha, e vós sois estrangeiros e meus agregados’ (Lv 25, 23).<sup>226</sup>

Observe-se a colocação “Se é verdade que nós, cristãos, algumas vezes interpretamos de forma incorreta as Escrituras, *hoje* devemos”, ou seja: há a necessidade de mudança de paradigma (ou de retorno a um antigo paradigma; isto será visto adiante) dentro da concepção da própria Igreja cristã (em especial a católica, mas não somente) para que, como seres humanos e habitantes de um planeta compartilhado por outras espécies, não venhamos, através de nossa, ação, a nos autodestruir (como colocado no parágrafo 55, onde ao criticar o paradigma econômico presente, diz: “Se alguém observasse de fora a sociedade planetária, maravilhar-se-ia com tal comportamento que às vezes parece suicida”<sup>227</sup>). Francisco, cujo nome, como visto, assim como a encíclica, é inspirado pela figura de Francisco de Assis, recorrerá tanto a interdiscursividade, como muitas vezes à intertextualidade, para fazer menção a essa personagem histórica<sup>228</sup>. Isto será utilizado inclusive de modo argumentativo, quando esta figura será utilizada como exemplo perfeito de conduta reta no trato com o meio ambiente, dando legitimidade ao discurso papal, que apela que seu discurso toma como base Francisco de Assis, uma figura proeminente de santidade dentro do folclore católico, conhecida até mesmo por muitos fora desse meio, e inclusive muito admirada.

Por se dedicar a tratar de uma crise que considera de caráter socioambiental, Francisco dedicará um bom número dos parágrafos da encíclica a opor o que o cristianismo diz aos paradigmas social, econômico, tecnocrático, consumista, antropocêntrico e relativista.

<sup>226</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 55-56.

<sup>227</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 45-46.

<sup>228</sup> Tenha-se em mente o já colocado na seção 1.1, de que, mesmo que não apareça de modo explícito – o que não ocorre na maioria do espaço da encíclica, mas ocorre em vários momentos dela de modo intertextual, ou seja, realmente material – a interdiscursividade em relação ao que o papa entende como proposto na vida, obra e oração de Francisco de Assis sempre estará atravessando aquilo que aparece na encíclica. Isto é fundamental para entender como a encíclica apresenta-se ao leitor e gera sentido aquele que a lê.

Isto não só se opõe à sua defesa da causa ambiental, mas também se opõe, por uma construção lógica, à própria Igreja Católica, que respalda na encíclica, através de sua pessoa, a visão de cristianismo que está sendo apresentada, o que é, em última instância, uma ameaça ao catolicismo como instituição e como doutrina – o que pode (ou deveria) ecoar no íntimo de qualquer católico ou cristão comprometido. Ao falar, por exemplo, da disposição da água às pessoas, o papa Francisco coloca, no parágrafo 30:

Enquanto a qualidade da água disponível piora constantemente, em alguns lugares cresce a tendência para se privatizar este recurso escasso, tornando-se uma mercadoria sujeita às leis do mercado. Na realidade, *o acesso à água potável e segura é um direito humano essencial, fundamental e universal, porque determina a sobrevivência das pessoas e, portanto, é condição para o exercício dos outros direitos humanos*. Este mundo tem uma grave dívida social para com os pobres que não têm acesso à água potável, porque isto *é negar-lhes o direito à vida radicado na sua dignidade inalienável*. Esta dívida é parcialmente saldada com maiores contribuições econômicas para prover de água limpa e saneamento as populações mais pobres. Entretanto, nota-se um desperdício de água não só nos países desenvolvidos, mas também naqueles em vias de desenvolvimento que possuem grandes reservas. Isto mostra que o problema da água é, em parte, uma questão educativa e cultural, porque não há consciência da gravidade destes comportamentos num contexto de grande desigualdade (grifos meus).<sup>229</sup>

Neste caso, ao falar de “sua dignidade inalienável”<sup>230</sup>, o papa faz referência àquela dignidade que o ser humano possui por ter sido criado à imagem e semelhança de Deus. Une, no corpo da encíclica, menções na forma dos direitos humanos, que no ano de 2018 viriam a ser comemorados, ao se completarem os cinquenta anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em cujo preâmbulo e artigo primeiro se fala de que “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos”<sup>231</sup>, o conteúdo legal e o religioso, em uma condenação do paradigma econômico atual que se baseia no lucro e coloca, subordinados a essa meta, outros valores que devem ser levados em conta para a manutenção dessa dignidade que é inalienável. Ao tratar do que chama “bem comum” (parágrafos 156 a 158)<sup>232</sup>, coloca que “O bem comum pressupõe o respeito pela pessoa humana enquanto tal, com direitos fundamentais e inalienáveis orientados para o seu desenvolvimento integral”.<sup>233</sup> Coloca, que independente de posses, “O rico e o pobre têm igual dignidade, porque ‘a ambos, o Senhor é

<sup>229</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 26-27.

<sup>230</sup> Essa dignidade é, inclusive, um princípio fundamental da Constituição Federal do Brasil, de 1988, onde no artigo 1º, Inciso III, aparece a “dignidade da pessoa humana” como um dos fundamentos do Estado Democrático de Direito que ora se formava, após 24 anos de regime de exceção. PLANALTO. *Constituição Federal de 1988*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>. Acesso em: 02 jan. 2019.

<sup>231</sup> UNITED NATIONS HUMAN RIGHTS. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Disponível em: <[https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR\\_Translations/por.pdf](https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf)>. Acesso em: 30 dez. 2018.

<sup>232</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 127-129.

<sup>233</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 128.

quem os fez”<sup>234</sup>. Essa argumentação, pela estrutura da encíclica, toma sempre por base a concepção de que esses direitos são fundamentais e inalienáveis ao ser humano por sua origem divina e especial.

Ao tratar da questão da relação do homem com o trabalho, por exemplo, uma condição básica ao desenvolvimento econômico e social, Francisco critica o desvirtuamento do trabalho, que deveria ser um processo através do qual o homem se torna com Deus co-criador<sup>235</sup>, para uma relação utilitarista e pragmática. Diz o parágrafo 127:

Afirmamos que ‘O homem é o protagonista, o centro e o fim de toda a vida econômico-social’. Apesar disso, quando no ser humano se deteriora a capacidade de contemplar e respeitar, criam-se as condições para se desfigurar o sentido do trabalho. Convém recordar sempre que o ser humano é ‘capaz de, por si próprio, ser o agente responsável do seu bem-estar material, progresso moral e desenvolvimento espiritual’. O trabalho deveria ser o âmbito deste multiforme desenvolvimento pessoal, onde estão em jogo muitas dimensões da vida: a criatividade, a projeção do futuro, o desenvolvimento das capacidades, *a exercitação dos valores*, a comunicação com os outros, *uma atitude de adoração*. Por isso, a realidade social do mundo atual exige que, *acima dos limitados interesses das empresas e de uma discutível racionalidade econômica*, ‘se continue a perseguir como prioritário o objetivo do acesso ao trabalho para todos’. (grifos meus)<sup>236</sup>

A atitude de “adoração” propiciada pelo trabalho seria o cumprimento da ordenança bíblica de “cultivar e guardar a terra” antes colocada. Para além do aspecto puramente econômico e social, o trabalho implica comprometimento com o divino. Ao perder-se esse aspecto de vista, o resultado é o dano a toda a criação, pois o homem cai no relativismo e antropocentrismo. Observe-se, novamente neste trecho, a prática da intertextualidade (usada em larga escala) por Francisco para fundamentar seus argumentos – ao apelar à citação de textos de colegiado de bispos, de pontífices ou de santos anteriores, assim como citar de modo indireto os ensinamentos presentes em outros credos, Francisco tanto procura demonstrar continuidade dos ensinamentos destes dentro da Igreja Católica, como dar legitimidade ao seu discurso por uma suposta tradição sempre presente, seja no catolicismo, seja em outra religião.

Francisco coloca que tal relativismo, presente na sociedade atual em todas as esferas, que se interpenetram, acaba por corromper as relações sociais em nome do lucro rápido (§ 128)<sup>237</sup>, causa eventual sofrimento aos animais que, utilizados para o avanço científico, o que seria legítimo e benéfico em muitos casos, são tratados como objetos e maltratados para a

<sup>234</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 78.

<sup>235</sup> Cf. PAPA FRANCISCO, 2015, p. 101-106.

<sup>236</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 103-104.

<sup>237</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 104-105.

formulação de novos produtos que possam ser vendidos (§130)<sup>238</sup>, conduz ao utilitarismo, no qual

Quando o ser humano se coloca no centro, acaba por dar prioridade absoluta aos seus interesses contingentes, e tudo o mais se torna relativo. Por isso, não deveria surpreender que, juntamente com a onipresença do paradigma tecnocrático e a adoração do poder humano sem limites, se desenvolva nos indivíduos este relativismo no qual tudo o que não serve aos próprios interesses imediatos se torna irrelevante. Nisto há uma lógica que permite compreender como se alimentam mutuamente diferentes atitudes, que provocam ao mesmo tempo a degradação ambiental e a degradação social.<sup>239</sup>

A menção ao homem “se colocar no centro” ou se render à “adoração do poder humano sem limites” se opõe à concepção cristã do homem como criatura que deve se render a um Deus que é seu criador e superior, em consonância com a ideologia religiosa proposta desde o início. Fala o papa no parágrafo 75:

Não podemos defender uma espiritualidade que esqueça Deus todo-poderoso e criador. Neste caso, acabaríamos por adorar outros poderes do mundo, ou colocarmos-nos no lugar do Senhor chegando à pretensão de espezinhar sem limites a realidade criada por Ele. A melhor maneira de colocar o ser humano no seu lugar e acabar com a sua pretensão de ser dominador absoluto da terra, é voltar a propor a figura de um Pai criador e único dono do mundo; caso contrário, o ser humano tenderá sempre a querer impor à realidade as suas próprias leis e interesses.<sup>240</sup>

Este viés antropocêntrico será duramente criticado nos parágrafos 115 a 121. Entre as críticas feitas, estão o fato de o homem perder-se de si mesmo, ao se dedicar um papel no conjunto da criação que não lhe pertence (§ 115)<sup>241</sup>, ao fato deste antropocentrismo ser concordante com a visão superada e inicialmente criticada na encíclica, do homem como dominador, e não como administrador da criação (§ 116)<sup>242</sup>, a em conjunto com o relativismo, considerar outras vidas humanas como objetos (§ 118, 119 e 120). Considerar o homem a si mesmo como centro, põe em risco toda a criação, inclusive outros seres humanos, pois

Esta situação leva-nos a uma esquizofrenia permanente, que se estende da exaltação tecnocrática, que não reconhece aos outros seres um valor próprio, até à reação de negar qualquer valor peculiar ao ser humano. Contudo, não se pode prescindir da humanidade. Não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo. Não há ecologia sem uma adequada antropologia. Quando a pessoa humana é considerada apenas mais um ser entre outros, que provém de jogos do acaso ou de um determinismo físico, ‘corre o risco de atenuar-se, nas consciências, a noção da responsabilidade’. Um antropocentrismo desordenado não deve necessariamente ser substituído por um ‘biocentrismo’, porque isto implicaria introduzir um novo

<sup>238</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 106-107

<sup>239</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 99-100.

<sup>240</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 62.

<sup>241</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 95.

<sup>242</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 95-96.

desequilíbrio que não só não resolverá os problemas existentes, mas acrescentará outros. Não se pode exigir do ser humano um compromisso para com o mundo, se ao mesmo tempo não se reconhecem e valorizam as suas peculiares capacidades de conhecimento, vontade, liberdade e responsabilidade.<sup>243</sup>

Observe-se que a crítica de Francisco novamente perpassa o religioso, dessa forma de maneira subtendida ao criticar uma teoria da evolução irrestrita da qual o homem “provém de jogos do acaso ou de um determinismo físico”. Exacerbar essa concepção, passar de um “antropocentrismo” para um “biocentrismo” é trocar um problema por outro, e não buscar uma solução realmente eficaz. Essa visão retira do homem sua “noção de responsabilidade”, a qual lhe é peculiar, posta que foi, como visto anteriormente, dada por Deus.

Diante disto, ao tratar da formulação de propostas de intervenção à crise socioambiental global, o papa propõe sempre, como contraponto em várias seções, exemplos bem-sucedidos de ações que reafirmaram o valor do ser humano e do meio ambiente como um todo. No parágrafo 205, por exemplo, Francisco assinala a possibilidade do ser humano de agir de maneira proveitosa e responsável:

Mas nem tudo está perdido, porque os seres humanos, capazes de tocar o fundo da degradação, podem também se superar, voltar a escolher o bem e regenerar-se, para além de qualquer condicionalismo psicológico e social que lhes seja imposto. São capazes de se olhar a si mesmos com honestidade, externar o próprio pesar e encetar caminhos novos rumo à verdadeira liberdade. Não há sistemas que anulem, por completo, a abertura ao bem, à verdade e à beleza, nem a capacidade de reagir que Deus continua a animar no mais fundo dos nossos corações. A cada pessoa deste mundo, peço para não esquecer esta sua dignidade que ninguém tem o direito de lhe tirar.<sup>244</sup>

Francisco fundamenta seu apelo e sua visão de redenção nas ações humanas como provenientes de Deus e do caráter similar à divindade que o ser humano possui. Em vários momentos da encíclica, como visto, critica uma visão de mundo que se fundamente puramente no material e no experimentável. Não nega que há uma dimensão material e corporal, que muitas vezes é, mas não deve ser negada pelo ser humano, ou, por outra via, ser traduzida em uma busca irresponsável por prazeres corporais (§ 222, 223)<sup>245</sup>, advinda de uma concepção errônea de, por dominar seu corpo, pode dispor dele e da criação como um todo como bem entenda (§ 155)<sup>246</sup>, e afirma que a Igreja estará sempre aberta ao novo e ao diálogo (§ 121)<sup>247</sup>, pois o cristianismo, ele mesmo, tem por natureza o renovar-se. A sua crítica é à

<sup>243</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 97-98.

<sup>244</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 165.

<sup>245</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 177-178.

<sup>246</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 126-127.

<sup>247</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 99.

eliminação de uma visão espiritual neste debate, posto que as religiões podem e devem contribuir ao mesmo (§ 199, 200, 201)<sup>248</sup>. Acerca disto, põe o papa no parágrafo 200:

Além disso, qualquer solução técnica que as ciências pretendam oferecer será impotente para resolver os graves problemas do mundo, se a humanidade perde o seu rumo, se esquece das grandes motivações que tornam possível a convivência social, o sacrifício, a bondade. Em todo o caso, será preciso fazer apelo aos crentes para que sejam coerentes com a sua própria fé e não a contradigam com as suas ações; será necessário insistir para que se abram novamente à graça de Deus e se nutram profundamente das próprias convicções sobre o amor, a justiça e a paz. Se às vezes uma má compreensão dos nossos princípios nos levou a justificar o abuso da natureza, ou o domínio despótico do ser humano sobre a criação, ou as guerras, a injustiça e a violência, nós, crentes, podemos reconhecer que então fomos infiéis ao tesouro de sabedoria que devíamos guardar. Muitas vezes os limites culturais de distintas épocas condicionaram esta consciência do próprio patrimônio ético e espiritual, mas é precisamente o regresso às respectivas fontes que permite às religiões responder melhor às necessidades atuais.<sup>249</sup>

E complementa, no parágrafo seguinte:

A maior parte dos habitantes do planeta declara-se crente, e isto deveria levar as religiões a estabelecerem diálogo entre si, visando ao cuidado da natureza, à defesa dos pobres, à construção de uma rede de respeito e de fraternidade. De igual modo é indispensável um diálogo entre as próprias ciências, porque cada uma costuma fechar-se nos limites da sua própria linguagem, e a especialização tende a converter-se em isolamento e absolutização do próprio saber. Isto impede de enfrentar adequadamente os problemas do meio ambiente.<sup>250</sup>

O papa rotineiramente enfatizará na encíclica a necessidade de um diálogo inter e transdisciplinar. Se muitas vezes sua visão em relação às ciências e à tecnologia é bastante ácida, não isenta totalmente a religião de sua contribuição na atual condição do planeta, e vê contribuições bastante positiva daquelas. Sua crítica é à absolutização de todos esses valores que, não concordantes muitas vezes com sua ideologia religiosa, na sua concepção trazem graves prejuízos ao ser humano e à criação como um todo.

Anteriormente, foi citada a visão de mundo religiosa atravessando outros temas e sendo crítica de várias instâncias, entre as quais os próprios crentes e a Igreja. Mas qual seriam as bases elencadas por Francisco da visão da Igreja sobre a criação? Três das matérias elencadas foram que, através dela, Deus é louvado; que o homem pode se tornar co-criador com Deus, ao auxiliar a criação a desenvolver seu pleno potencial; e que o homem possui responsabilidades grandes para com essa criação justamente pela sua primazia nela. Mas há muitas outras matérias acerca desta temática que podem ser elencadas.

<sup>248</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 159-161.

<sup>249</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 160.

<sup>250</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 161.

Somos instrumentos de Deus para fazer a terra retornar ao plano original traçado por Deus para ela (§ 53)<sup>251</sup>; É necessária a reflexão, pois a partir dela e em oposição à vida corrida atual, o homem pode ter noção do seu papel na e em benefício da natureza (§ 225)<sup>252</sup>; a humildade é um valor cultivado dentro da religião, e acaba por novamente reafirmar o papel do ser humano dentro da criação e dar um parâmetro de ação para consigo mesmo (§ 223, 224)<sup>253</sup>; A doutrina cristã se opõe à lógica consumista (§ 222)<sup>254</sup>; Cristo dá o exemplo de como agir em relação à vida, ao trato com os outros e ao meio ambiente, valorizando-a ao tornar-se parte dela (§ 98, 99, 100<sup>255</sup>, 226<sup>256</sup>); a visão de comunhão no cristianismo, no qual Deus é visto como trino, se reflete na criação, e deve nortear o trato do ser humano para com a criação e para consigo mesmo (§ 238, 239, 240)<sup>257</sup>; José e Maria, pais terrenos de Jesus, revelam também o cuidado de Deus para com a criação servindo de exemplo (§ 241, 242)<sup>258</sup>; o cristianismo como um religião de amor, que invade todas as esferas (§ 228 a 231)<sup>259</sup>. Todas estas concepções acerca da religião estão presentes e são fundamentais para o entendimento das críticas e das propostas de solução presentes na encíclica. Não há, como seria de se esperar em um documento redigido por um líder religioso em nome de uma instituição religiosa, como pôr isso de lado. Este é seu ministério de sacerdote e de professor em ação.

Na próxima seção, o espaço será dedicado à percepção da ideologia política na encíclica, e nela veremos principalmente as críticas do pontífice a uma política que é em larga escala subserviente aos interesses econômicos.

### 3.2 A ideologia política na *Laudato Si'*

Assim como na seção anterior, é preciso entender, antes de tudo, qual a ideologia política presente no discurso da *Laudato Si'*, para entender como se dá a construção de sentido por ela proposta, de maneira que, como texto dissertativo-argumentativo, alcance seu objetivo de defesa de pontos de vista e de linhas de ação, assim como perceber, também, que outros discursos são nela presentes.

<sup>251</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 44.

<sup>252</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 179-180.

<sup>253</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 177-179.

<sup>254</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 177.

<sup>255</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 80-82.

<sup>256</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 180.

<sup>257</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 189-191.

<sup>258</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 191-192.

<sup>259</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 181-183.

O papa verá a política como largamente subserviente aos interesses da economia, sendo o aspecto mais prejudicial desta corporificada e promovida pelas empresas multinacionais que, em nome de ganhos temporários, causam danos permanentes e de qualidade catastrófica ao planeta como um todo. Em suma: para manter o *status* atual, no qual a economia resulta em poder, políticos e empresas, através dos meios mais fáceis – mas não mais corretos, ou moralmente justificáveis, segundo a ótica do cristianismo proposto pelo papa (com todas as questões levantadas na seção anterior)<sup>260</sup> – não hesitam em dispor do planeta – e mesmo de outros seres humanos – como meios ou mercadorias para se chegar a um fim, que normalmente objetiva a obtenção ou manutenção de (mais) poder. Tendo esta visão de mundo, a opinião do papa sobre tais entidades não será elogiosa e, sempre sem citar nomes, valendo-se de generalizações, de verdadeiros tipos ideais, as usará como exemplos negativos ou como opositores àquilo que seria a real vontade de Deus para a humanidade e para o planeta, à criação como um todo – recurso que, no seio da argumentação, torna favorável à mudança de atitude do leitor, uma vez que, se suas atitudes se identificam em alguma escala com as adotadas por essas entidades, demonstrariam ao leitor seu afastamento da conduta que é considerada moralmente correta pela Igreja Católica, esta instituição cujo idealizador e promotor teria sido o próprio Deus Criador.

As críticas de Francisco ao modo de fazer política atualmente e aos políticos aparecem já no parágrafo 14 da encíclica, ao dizer que muitos esforços para vencer os desafios ambientais “acabam, com frequência, frustrados não só pela recusa dos poderosos, mas também pelo desinteresse dos outros”.<sup>261</sup> Esse tipo de pensamento perpassará toda a encíclica, a ponto do papa dizer no parágrafo 232, já no fim do documento, que “Nem todos são chamados a trabalhar de forma direta na política”<sup>262</sup>. A percepção dá a entrever, várias vezes, que o problema reside nos políticos contemporâneos, e não na política em si como instituição, posto que muitos exemplos de ação política da sociedade civil são celebrados, como os que estão presentes no próprio parágrafo 232, mas também em outros parágrafos. Por exemplo, no parágrafo 26, Francisco coloca:

Muitos daqueles que detêm mais recursos e poder econômico ou político parecem concentrar-se, sobretudo, em mascarar os problemas ou ocultar os seus sintomas,

<sup>260</sup> É preciso ter em mente que a separação aqui presente ocorre apenas de forma a tornar mais inteligível a argumentação e geração de sentido presentes na *Laudato Si'*. Tal divisão é puramente artificial. No discurso da encíclica tal caráter argumentativo relacionado à política aparece em consonância (lembrar do que foi falado de “polifonia”, das várias vozes presentes no texto) e concomitantemente, atravessando e sendo atravessado por todas as outras ideologias estudadas ou não nesta dissertação.

<sup>261</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 14.

<sup>262</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 183.

procurando apenas reduzir alguns impactos negativos de mudanças climáticas. Mas muitos sintomas indicam que tais efeitos poderão ser cada vez piores, se continuarmos com os modelos atuais de produção e consumo. Por isso, tornou-se urgente e imperioso o desenvolvimento de políticas capazes de fazer com que, nos próximos anos, a emissão de anidrido carbônico e outros gases altamente poluentes se reduza drasticamente, por exemplo, substituindo os combustíveis fósseis e desenvolvendo fontes de energia renovável. No mundo, é exíguo o nível de acesso a energias limpas e renováveis. Mas ainda é necessário desenvolver adequadas tecnologias de acumulação. Entretanto, em alguns países, registraram-se avanços que começam a ser significativos, embora estejam longe de atingir uma proporção importante. Houve também alguns investimentos em modalidades de produção e transporte que consomem menos energia exigindo menor quantidade de matérias-primas, bem como em modalidades de construção ou reestruturação de edifícios para se melhorar a sua eficiência energética. Mas estas práticas promissoras estão longe de se tornar onipresentes.<sup>263</sup>

Algo que Francisco também proporá a todo o momento na encíclica é a união, seja da população, seja dos países, para o combate aos danos ao meio ambiente e para a luta por sua preservação. Assim, a encíclica, como se propõe, entra em diálogo “com todos”<sup>264</sup>, de modo que, embora trate em muitos casos de Estados nacionais, não se restrinja a eles, assim como às populações neles presente.

Ao tratar, por exemplo, da economia em caráter globalizado, Francisco criticará de forma dura, como já foi adiantado, as empresas multinacionais e os governos dos países que se dobram aos interesses dessas empresas. No parágrafo 37 coloca que muitos países já reconheceram a importância do meio ambiente e se dedicam ao seu cuidado, ainda mais quando se trata de grandes ecossistemas cujos efeitos de degradação são ainda mais trágicos. Contudo, no 38, pontua:

Mencionemos, por exemplo, os pulmões do planeta repletos de biodiversidade que são a Amazônia e a bacia fluvial do Congo, ou os grandes lençóis freáticos e os glaciares. A importância destes lugares para o conjunto do planeta e para o futuro da humanidade não se pode ignorar. Os ecossistemas das florestas tropicais possuem uma biodiversidade de enorme complexidade, quase impossível de conhecer completamente, mas quando estas florestas são queimadas ou derrubadas para desenvolver cultivos, em poucos anos perdem-se inúmeras espécies, ou tais áreas transformam-se em áridos desertos. Todavia, ao falar sobre estes lugares, impõe-se um delicado equilíbrio, porque não é possível ignorar também os enormes interesses econômicos internacionais que, a pretexto de cuidar deles, podem atentar contra as soberanias nacionais. Com efeito, há ‘propostas de internacionalização da Amazônia que só servem aos interesses econômicos das corporações internacionais’. É louvável a tarefa de organismos internacionais e organizações da sociedade civil que sensibilizam as populações e colaboram de forma crítica, inclusive utilizando legítimos mecanismos de pressão, para que cada governo cumpra o dever próprio e não-delegável de preservar o meio ambiente e os recursos naturais do seu país, sem se vender a espúrios interesses locais ou internacionais.<sup>265</sup>

<sup>263</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 25-25.

<sup>264</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 4.

<sup>265</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 31-32.

A crítica a esses interesses econômicos internacionais transparece em outros momentos da encíclica. Isso ocorre porque muitas empresas agem seguindo a lógica do lucro acima de tudo colocada na seção anterior. No caso das multinacionais, especificamente, Francisco dirá, recorrendo à intertextualidade, citando os bispos da patagônia, no parágrafo 51:

Constatamos frequentemente que as empresas que assim procedem são multinacionais, que fazem aqui o que não lhes é permitido em países desenvolvidos ou do chamado primeiro mundo. Geralmente, quando cessam as suas atividades e se retiram, deixam grandes danos humanos e ambientais, como o desemprego, aldeias sem vida, esgotamento de algumas reservas naturais, desflorestamento, empobrecimento da agricultura e pecuária local, crateras, colinas devastadas, rios poluídos e qualquer obra social que já não se pode sustentar.<sup>266</sup>

O paradigma suscitado por Francisco na encíclica é sempre de exploração dos mais fracos pelos mais poderosos, dos mais pobres pelos mais ricos, sejam aqueles pessoas ou países. Este argumento é fundamental na construção lógica presente na encíclica. Muitas vezes ele recorrerá a discursos afins para legitimar algum ponto específico. É preciso ter em mente a figura de Francisco de Assis e de sua valorização da humildade e da pobreza. Em muitos trechos da Bíblia Jesus ou Deus parece ser mais favorável àqueles que possuem menos recursos – “os pobres de espírito” podem ser tanto os mais humildes no trato, como em outros trechos pode se referir realmente àqueles que têm menos condições materiais. Logo, aqueles que se associam a essas práticas acabam por estar do lado oposto ao que deveriam estar, e a encíclica aponta para isto. Em suma: há lados, e o lado correto é aquele que, seja pobre materialmente, ou “de espírito” (em oposição ao antropocentrismo visto na seção anterior), não se vale de sua posição para conquistar ou manter o poder. São aqueles que agem em favor realmente de uma “igualdade”, posto que todos são criação de Deus, mas só há um grupo que cuida desta criação da maneira correta. Por ser tão forte esse argumento, e ele ser fundamental na geração de sentido do discurso, é que o papa dará tamanha importância ao caráter socioambiental da crise, que na construção da encíclica extrapolará sua participação apenas na formação da proposta de adoção de uma “ecologia integral”. Uma coisa leva à outra, e esta realimenta àquela. É assim que, por exemplo, ele fará menção a que dentro de uma sociedade, há verdadeiros espaços “privatizados”, inclusive “áreas residenciais ‘ecológicas’ postas à disposição só de poucos, procurando-se evitar que outros entrem e perturbem uma tranquilidade artificial”<sup>267</sup>, enquanto

<sup>266</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 42.

<sup>267</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 36.

A falta de habitação é grave em muitas partes do mundo, tanto nas áreas rurais como nas grandes cidades, nomeadamente porque os orçamentos estatais em geral cobrem apenas uma pequena parte da procura. E não só os pobres, mas uma grande parte da sociedade encontra sérias dificuldades para ter uma casa própria. A propriedade da casa tem muita importância para a dignidade das pessoas e o desenvolvimento das famílias. Trata-se duma questão central da ecologia humana. Se num lugar concreto já se desenvolveram aglomerados caóticos de casas precárias, trata-se primariamente de urbanizar estes bairros, não de erradicar e expulsar os habitantes.<sup>268</sup>

Esse contraste dentro da sociedade é extrapolado para a relação entre os países. O papa coloca, por exemplo, no parágrafo 52, que a dívida externa tornou-se o veículo através do qual os países desenvolvidos mantêm seu *status* através do comprometimento do futuro e do presente dos países devedores<sup>269</sup>; que na lógica econômica vigente de lucro, os recursos naturais se esgotem, o que favorece cenários “para novas guerras, disfarçadas sob nobres reivindicações” (§ 57)<sup>270</sup>; que o “meio ambiente é um bem coletivo, patrimônio de toda a humanidade e responsabilidade de todos”, e que ao seguir um paradigma utilitário que se rege pela privatização de um bem que deve ser coletivo, se estará negando a existência de outras pessoas (§ 95)<sup>271</sup>; que se estabelece uma visão perniciosa de trabalho, onde se anulam valores básicos em favor dos interesses empresariais (§ 128) – valores esses que são, inclusive, respaldados por sua visão cristã; e por fim, neste primeiro momento de análise, uma contundente crítica ao liberalismo econômico irrestrito, posto que

As autoridades têm o direito e a responsabilidade de adotar medidas de apoio claro e firme aos pequenos produtores e à diversificação da produção. Às vezes, para que haja uma liberdade econômica da qual todos realmente beneficiem, pode ser necessário pôr limites àqueles que detêm maiores recursos e poder financeiro. A simples proclamação da liberdade econômica, enquanto as condições reais impedem que muitos possam efetivamente ter acesso a ela e, ao mesmo tempo, se reduz o acesso ao trabalho, torna-se um discurso contraditório que desonra a política. A atividade empresarial, que é uma nobre vocação orientada para produzir riqueza e melhorar o mundo para todos, pode ser uma maneira muito fecunda de promover a região onde instala os seus empreendimentos, sobretudo se pensa que a criação de postos de trabalho é parte imprescindível do seu serviço ao bem comum.<sup>272</sup>

Não é de admirar que, frente a discursos tão eloquentes contra a visão atual de economia, e em um ambiente tão tradicional e conservador quanto a Igreja Católica Romana, o papa tenha sido acusado de “comunismo” – tenha-se em mente o lugar de fala do papa, de um argentino que viveu na época de várias ditaduras de direita semeadas na América Latina,

<sup>268</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 124.

<sup>269</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 42-43.

<sup>270</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 46.

<sup>271</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 78.

<sup>272</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 106.

normalmente com anuência ou participação dos Estados Unidos, desde aquela época representantes da corrente econômica oposta<sup>273</sup>. Contudo, e na verdade, sua crítica não se dirige à economia capitalista em si, mas como pôde e ainda será mais observado, às relações de poder promíscuas entre essa economia e a política, ao “discurso contraditório que desonra a política”. E a desonra por tomar atitudes que, segundo sua ideologia religiosa e política, são contrárias àquilo que o cristianismo, que a Igreja Católica, que Deus, considera errado.

Este “discurso contraditório” já se inicia nos debates relativos às questões ambientais que não põem todas as cartas na mesa. O papa coloca no parágrafo 135:

Às vezes não se coloca sobre a mesa a informação completa, mas é selecionada de acordo com os próprios interesses, sejam eles políticos, econômicos ou ideológicos. Isto torna difícil elaborar um juízo equilibrado e prudente sobre as várias questões, tendo presente todas as variáveis em jogo. É necessário dispor de espaços de debate, onde todos aqueles que poderiam de algum modo ver-se, direta ou indiretamente, afetados (agricultores, consumidores, autoridades, cientistas, produtores de sementes, populações vizinhas dos campos tratados e outros) tenham possibilidade de expor as suas problemáticas ou ter acesso a uma informação ampla e fidedigna para adotar decisões tendentes ao bem comum presente e futuro.<sup>274</sup>

Expandem-se para o fato de que os políticos, em conjunto com a economia, não acompanham as transições requeridas para a utilização de fontes de energia limpa, para não terem de arcar com o ônus advindo dessa transição (§ 165)<sup>275</sup>, de onde resulta que as cúpulas e os debates acerca do meio ambiente se resultem infrutíferos frente à inércia política, embora haja sempre bons exemplos da sociedade civil (§ 166)<sup>276</sup>. Buscam ferramentas ineficazes de controle, de modo que brechas aparecem tornando inúteis as resoluções e punições (§ 167)<sup>277</sup>

O papa atenta para as metas injustas, onde os países menos desenvolvidos tem de se submeter às mesmas metas que os desenvolvidos em muitos casos (§170)<sup>278</sup> e, no fim, que o que acaba por prevalecer são os interesses econômicos nacionais, pois quando se vêem “em risco”, os países mais desenvolvidos e poderosos não consideram problemático se furtar a cumprir suas partes nos acordos (§ 169)<sup>279</sup>. Leve-se em conta o contexto da encíclica e o fato de que um desses países, os Estados Unidos, iria sair do Acordo de Paris em 2017 justamente sob essa justificativa. Sob a ótica de igualdade, transparece também a da “equidade” como

<sup>273</sup> Acerca disto, ver BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Formação do Império Americano: da guerra contra a Espanha à Guerra no Iraque*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 211-289.

<sup>274</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 111.

<sup>275</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 134-135.

<sup>276</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 135.

<sup>277</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 135-136.

<sup>278</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 137-138.

<sup>279</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 136-137.

valor cristão e justo, e isto ao seria respeitado, novamente, pelos mais poderosos, em oposição aos mais fracos.

Nem mesmo medidas anteriormente consideradas válidas para o combate à degradação ambiental, como os créditos de carbono, escapam da dinâmica de mercado, e acabam por reproduzir as diferenças de poder e riqueza entre os países. Francisco coloca no parágrafo 171:

A estratégia de compra-venda de ‘créditos de emissão’ pode levar a uma nova forma de especulação, que não ajudaria a reduzir a emissão global de gases poluentes. Este sistema parece ser uma solução rápida e fácil, com a aparência dum certo compromisso com o meio ambiente, mas que não implica de forma alguma uma mudança radical à altura das circunstâncias. Pelo contrário, pode tornar-se um diversivo que permite sustentar o consumo excessivo de alguns países e setores.<sup>280</sup>

Contudo, como dito antes e Francisco lembra no parágrafo 176, “as questões relacionadas com o meio ambiente e com o desenvolvimento econômico já não se podem olhar apenas a partir das diferenças entre os países”<sup>281</sup>. É preciso olhar para o interior de cada povo, de cada comunidade.

O papa nota logo no início do capítulo I que os pobres (novamente. O retorno constante a este ponto demonstra seu caráter fundamental na construção argumentativa como um todo) são os mais prejudicados pelo regime atual das coisas (§ 20 a 22)<sup>282</sup>. Os debates dos poderosos normalmente não levam os pobres em consideração, pois

com frequência parece que os seus problemas são colocados como um apêndice, como uma questão que se acrescenta quase por obrigação ou periféricamente, quando não são considerados meros danos colaterais. Com efeito, na hora da implementação concreta, permanecem frequentemente no último lugar. Isto se deve, em parte, ao fato de que muitos profissionais, formadores de opinião, meios de comunicação e centros de poder estão localizados longe deles, em áreas urbanas isoladas, sem ter contato direto com os seus problemas. Vivem e refletem a partir da comodidade de um desenvolvimento e de uma qualidade de vida que não está ao alcance da maioria da população mundial. Esta falta de contato físico e de encontro, às vezes favorecida pela fragmentação das nossas cidades, ajuda a cauterizar a consciência e a ignorar parte da realidade em análises tendenciosas.<sup>283</sup>

Note-se uma expressão comum no meio religioso (“cauterizar a consciência”) sendo utilizada em uma crítica política. Não é de admirar, pois como visto na seção anterior, é notável a influência da ideologia religiosa na encíclica. É a partir dela que virá a concepção

<sup>280</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 138-139.

<sup>281</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 142.

<sup>282</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 18-20.

<sup>283</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 39.

ideológica política de desigualdade e as categorias de “poderoso”, “em desenvolvimento”, “rico” e “pobre”.

Aos países mais pobres as prioridades devem ser a “erradicação da miséria e o desenvolvimento social de seus habitantes”<sup>284</sup>. Porém, a lógica que dificulta a implementação de medidas eficazes nas questões ambientais é a mesma que perpetua a pobreza (§ 175)<sup>285</sup>, de onde decorre que o combate à degradação ambiental é de caráter sócio-cultural também. O que é dificultado, pois a política normalmente se submete à economia e ao paradigma tecnocrático (§ 189)<sup>286</sup>, que enviesam as avaliações, reduzindo tudo a uma lógica de custo-benefício que acaba por não reproduzir o valor real das coisas e das relações (§ 190).<sup>287</sup>

O paradigma tecnocrático, que segundo o papa acaba por nortear a economia (e através desta a política), se baseia fundamentalmente em uma visão distorcida de “progresso”. Partindo desta visão, sempre se pode crer que a tecnologia pode resolver os problemas que surgem, pois, mesmo que alimentadas pela busca de ganho material imediato (e não raro prejudicando o meio ambiente)<sup>288</sup>, a tecnologia, baseada na engenhosidade humana, poderia dar soluções às questões ambientais independente do dano já causado à natureza. Francisco coloca:

Precisamos de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental que vivemos e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós. O movimento ecológico mundial já percorreu um longo e rico caminho, tendo gerado numerosas agregações de cidadãos que ajudaram na conscientização. Infelizmente, muitos esforços na busca de soluções concretas para a crise ambiental acabam, com frequência, frustrados não só pela recusa dos poderosos, mas também pelo desinteresse dos outros. As atitudes que dificultam os caminhos de solução, mesmo entre os crentes, vão da negação do problema à indiferença, à resignação acomodada ou à *confiança cega nas soluções técnicas* (Grifos Meus).<sup>289</sup>

A tecnologia propicia àqueles que as produzem ou os que dela tem dispor, poder, normalmente utilizado de forma inconveniente (§ 104)<sup>290</sup>, de onde decorre que “Tende-se a crer que ‘toda a aquisição de poder seja simplesmente progresso’.”<sup>291</sup> Contudo, o papa coloca, no parágrafo 113, que

as pessoas parecem já não acreditar num futuro feliz nem confiam cegamente num amanhã melhor a partir das condições atuais do mundo e das capacidades técnicas.

<sup>284</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 139.

<sup>285</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 140-141.

<sup>286</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 151-152.

<sup>287</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 152-153.

<sup>288</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 28-30.

<sup>289</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 13-14.

<sup>290</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 85.

<sup>291</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 85.

Tomam consciência de que o progresso da ciência e da técnica não equivale ao progresso da humanidade e da história, e vislumbram que os caminhos fundamentais para um futuro feliz são outros. Apesar disso, também não se imaginam renunciando às possibilidades que oferece a tecnologia. A humanidade mudou profundamente, e o avolumar-se de constantes novidades consagra uma fugacidade que nos arrasta à superfície numa única direção. Torna-se difícil parar para recuperarmos a profundidade da vida. Se a arquitetura reflete o espírito de uma época, as megaestruturas e as casas em série expressam o espírito da técnica globalizada, onde a permanente novidade dos produtos se une a um tédio enfadonho.<sup>292</sup>

Essa descrença ocorre da percepção que nem sempre o desenvolvimento tecnológico é acompanhado do mesmo desenvolvimento de consciência humana (§ 105)<sup>293</sup>. O papa critica tanto a visão fragmentada da ciência da realidade por ele considerada, como visto na seção sobre ideologia religiosa (§ 110, 111)<sup>294</sup>, no tratamento de questões complexas, que é frustrado pela especialização delas, quanto sua suposta neutralidade, uma vez que se tornou corrente que a ciência não é isenta (§ 106, 107)<sup>295</sup>. Embora pareça ser impossível fugir da lógica desse paradigma (§ 108)<sup>296</sup>, pois, normalmente, as questões ambientais são acusadas de se oporem ao progresso (assim como as religiões!), mesmo que, na realidade, apresentem novos desafios à criatividade humana (§ 191)<sup>297</sup>, é possível fugir dessa lógica autodestrutiva. Francisco coloca no parágrafo 114:

O que está acontecendo põe-nos perante a urgência de avançar em uma corajosa revolução cultural. A ciência e a tecnologia não são neutras, mas podem, desde o início até ao fim dum processo, envolver diferentes intenções e possibilidades que se podem configurar de várias maneiras. Ninguém quer o regresso à Idade da Pedra, mas é indispensável abrandar a marcha para olhar a realidade de outra forma, recolher os avanços positivos e sustentáveis e ao mesmo tempo recuperar os valores e os grandes objetivos arrasados por um desenfreamento megalômano.<sup>298</sup>

Na política e na economia, há um jogo de empurra-empurra, no qual os pobres são os mais prejudicados (§ 198)<sup>299</sup>, pois normalmente perdem aos interesses econômicos, como os de empresas e bancos (§ 189)<sup>300</sup> e, como no caso da dificuldade de adoção de medidas a princípio mais custosas na matriz energética, isso decorre em larga escala de uma visão ruim de mundo, propagada justamente por esse paradigma tecnocrático fundamentado em uma concepção distorcida de progresso. Na defesa dos pobres e na interlocução entre políticos e

<sup>292</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 93-94.

<sup>293</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 85-86.

<sup>294</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 91-92.

<sup>295</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 87-89.

<sup>296</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 89.

<sup>297</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 153.

<sup>298</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 94-95.

<sup>299</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 158.

<sup>300</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 151-152.

população, o papa exerce seus papéis de chefe de estado e diplomata, em concordância com os já citados sacerdotal e de magistério. Na próxima seção, a análise se voltará às questões ambientais propriamente ditas, cujos problemas em larga escala advêm de concepções fundamentadas em uma cultura de descarte e consumista.

### 3.3 A ideologia ambiental na *Laudato Si'*

Nesta seção, assim como nas anteriores, será necessário se deter na percepção da ideologia ambiental proposta pelo papa, que será comprovada com os exemplos dados no decorrer da seção. Contudo, cabe aqui, antes, retomar os paradigmas presentes que até agora foram suscitados no discurso presente na encíclica. Esses discursos se interpenetram, trazem ecos de outros discursos (interdiscursividade) que lhe dão suporte na argumentação e aparecerão também nessa seção. Não há maneira de isolá-los no discurso corrido.

Na “visão de mundo” do papa acerca da questão religiosa e política: 1) A Igreja Católica e outras religiões são relevantes na discussão sobre o meio ambiente; 2) porque a ciência não é isenta, e, se se apresenta como tal, cabe as religiões atuarem como “consciência”, como o aspecto moral nessa discussão; 3) porque as religiões no geral e a católica romana em especial tratam desses assuntos relativos ao meio ambiente em seu escopo e há muito tempo; 4) porque a grande maioria das pessoas segue alguma fé, e isso influi em seu modo de vida; 5) porque a política normalmente não leva tais pessoas e aspectos religiosos em sua discussão, por estar subserviente aos interesses econômicos; 6) interesses econômicos estes que tomam como código de conduta valores que contrariam outros valores que são maiores e melhores, por serem básicos a todos os seres humanos, e do que resulta que normalmente os pobres, “preferidos” por Deus, são os mais prejudicados, e que; 7) tais valores são defendidos e propagados pelas religiões, inclusive e principalmente, a católica romana.

Tendo esses argumentos que constroem todo o sentido dissertativo-argumentativo da encíclica em mente, e que apontam para os caracteres ideológicos nela presentes, vamos ao que o papa propõe como ideologia ambiental na *Laudato Si'*: sua visão da natureza é de que ela é criação do Divino, o Deus cristão católico, que nela pôs o homem como sua imagem e semelhança, atuando este ser humano, como mantenedor e cuidador da natureza, como co-criador com Deus, cumprindo assim sua vocação refletida na sua imagem e semelhança com o Criador; que, por muito tempo, o ser humano se equivocou na interpretação acerca de como deveria ser sua relação com a meio ambiente, que deveria ser a anteriormente dita; que essa

visão também indica a necessidade de comunhão, entre as pessoas, entre as outras criaturas, entre as instituições e países; que ainda hoje, muitas pessoas e entidades, inclusive as que defendem e as de defesa do meio ambiente, adotam valores que são contrários aos ideais, revelados pelas religiões; que os valores defendidos pelas religiões, se tomados em conjunto, impelem para uma visão da realidade que seja abrangente, não fragmentária; que tais valores, na práxis, indicariam a adoção de uma visão de ecologia que seja integral, posta que a questão ambiental, assim como a realidade, como visto na religião, não pode ser vista, tratada e vivida de modo fragmentário; e que tais valores, para os adeptos, devem traspasar toda sua vivência, como as religiões normalmente exigem, e a questão ambiental também, não podendo esta ser deixada de fora, mas todos devem agir em conjunto, tanto pela manutenção da comunhão que a religião propõe, como por ser mais efetivo no atendimento das exigências que a questão ambiental impõe, incluindo em si, mas não se restringindo à economia, política, religião, educação e cultura. Perceba-se quão bem amarrado sua argumentação na esfera ambiental é em si, como com os demais discursos na esfera religiosa e política, cujas ideologias embasam e são embasadas por esta, em um estado de completa e permanente ressonância.

Ao se dedicar a escrever uma encíclica que trate sobre a questão ambiental<sup>301</sup>, o papa ressaltou como visto anteriormente, a impossibilidade de dissociar a causa ambiental da social. Sob este aspecto, muitas vezes na encíclica o próprio movimento ambientalista sofreu críticas, como a que está presente no parágrafo 91:

Não pode ser autêntico um sentimento de união íntima com os outros seres da natureza, se ao mesmo tempo não houver no coração ternura, compaixão e preocupação pelos seres humanos. É evidente a incoerência de quem luta contra o tráfico de animais em risco de extinção, mas fica completamente indiferente perante o tráfico de pessoas, desinteressa-se dos pobres ou procura destruir outro ser humano de que não gosta. Isto compromete o sentido da luta pelo meio ambiente. Não é por acaso que São Francisco, no cântico onde louva a Deus pelas criaturas, acrescenta o seguinte: 'Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam por teu amor'. Tudo está interligado. Por isso, exige-se uma preocupação pelo meio ambiente, unida ao amor sincero pelos seres humanos e a um compromisso constante com os problemas da sociedade.<sup>302</sup>

---

<sup>301</sup> A título de aprofundamento aqueles que são entusiastas em conhecer ou em defender a causa ambiental, é recomendada a leitura da Legislação Ambiental Básica, documento que traz a compilação e desenvolvimento de vários aspectos legais relativos ao meio ambiente, iniciando a partir da Constituição Federal do Brasil e perpassando leis que dizem respeito ao aspecto ambiental. Em tempos de grandes desastres naturais no país e de desmantelamento das políticas nacionais em defesa do meio ambiente em nome do pretenso desenvolvimento econômico que o papa critica na encíclica, a leitura e conhecimento dessas leis urge ser cada vez mais necessário e compartilhado. "Legislação Ambiental Básica". Disponível em: <[http://www.mma.gov.br/estruturas/secex\\_conjur/\\_arquivos/108\\_12082008084425.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/secex_conjur/_arquivos/108_12082008084425.pdf)>. Acesso em: 03 jan. 2019.

<sup>302</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 75.

Para Francisco, essa incoerência é “evidente”, porque é impossível a dissociação. Mas também porque, não raro, há o “esquecimento” prático da proeminência do ser humano no conjunto da criação. Se há o risco de se confundir as criaturas com o criador, de maneira que aquelas saiam prejudicadas, pois nós, seres humanos, “não reconheceríamos o seu lugar verdadeiro e próprio” (§ 88)<sup>303</sup>, ou dos seres humanos, pelo antropocentrismo, se colocarem no lugar de Deus, há também o perigo do homem perder seu devido lugar de proeminência nas discussões ambientais. E como já visto, normalmente os primeiros a perderem essa posição de primazia dentro da humanidade são os pobres. Por isso o reconhecimento de que o discurso ecológico deve ser dentro de uma ecologia que seja “integral”, em oposição a discursos ecológicos “superficiais” (§ 59)<sup>304</sup>, que não raro são cooptados para manter a visão econômica e de progresso atual gerando meio-termos que “são apenas um pequeno adiamento do colapso”<sup>305</sup>. Com base nisso, o papa dedicará todo o capítulo IV à discussão do que é ecologia integral e de porque ela é necessária ao tratar da questão ambiental presente.

Ele o faz a partir dos vários aspectos que a discussão ecológica pode ter. Seu argumento se baseia no fato de que, para uma realidade complexa, todos os possíveis vieses da discussão ecológica têm com o que contribuir, mas são insuficientes, por si só, para darem conta de soluções legítimas para o quadro atual.

A ecologia estuda as relações entre os organismos vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem. E isto exige pensar e discutir acerca das condições de vida e de sobrevivência de uma sociedade, com a honestidade de pôr em questão modelos de desenvolvimento, produção e consumo. Nunca é demais insistir que tudo está interligado. O tempo e o espaço não são independentes entre si; nem os próprios átomos ou as partículas subatômicas podem ser consideradas separadamente. Assim como os vários componentes do planeta – físicos, químicos e biológicos – estão relacionados entre si, assim também as espécies vivas formam uma trama que nunca acabaremos de individualizar e compreender. Boa parte da nossa informação genética é partilhada com muitos seres vivos. Por isso, os conhecimentos fragmentários e isolados podem tornar-se uma forma de ignorância, quando resistem a integrar-se em uma visão mais ampla da realidade.<sup>306</sup>

Como visto na seção anterior, Francisco se oporá a todo momento na encíclica a discussões que sejam fragmentárias, seja no âmbito da ciência, seja no âmbito religioso. Seu convite é à união, tomando por base a comunhão cristã.

É necessário o entendimento das questões epistemológicas colocadas pelo papa, porque assim se pode compreender boa parte de suas propostas em relação às ações

<sup>303</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 72-73.

<sup>304</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 48.

<sup>305</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 155.

<sup>306</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 113-114.

necessárias para a resolução da crise ambiental. Assim, quando, por exemplo, no parágrafo 144, ao tratar de uma ecologia “cultural”, ele diz:

A visão consumista do ser humano, incentivada pelos mecanismos da economia globalizada atual, tende a homogeneizar as culturas e a debilitar a imensa variedade cultural, que é um tesouro da humanidade. Por isso, pretender resolver todas as dificuldades através de normativas uniformes ou por intervenções técnicas, leva a negligenciar a complexidade das problemáticas locais, que requerem a participação ativa dos habitantes. Os novos processos em gestação nem sempre se podem integrar dentro de modelos estabelecidos do exterior, mas hão de ser provenientes da própria cultura local. Assim como a vida e o mundo são dinâmicos, assim também o cuidado do mundo deve ser flexível e dinâmico. As soluções meramente técnicas correm o risco de tomar em consideração sintomas que não correspondem às problemáticas mais profundas. É preciso assumir a perspectiva dos direitos dos povos e das culturas, dando assim provas de compreender que o desenvolvimento de um grupo social supõe um processo histórico no âmbito dum contexto cultural e requer constantemente o protagonismo dos atores sociais locais *a partir da sua própria cultura*. Nem mesmo a noção da qualidade de vida se pode impor, mas deve ser entendida dentro do mundo de símbolos e hábitos próprios de cada grupo humano.<sup>307</sup>

Ele pode sugerir, mais adiante, no parágrafo 173, que

Urgem acordos internacionais que se cumpram, dada a escassa capacidade das instâncias locais para intervirem de maneira eficaz. *As relações entre os Estados devem salvaguardar a soberania de cada um*, mas também estabelecer caminhos consensuais para evitar catástrofes locais que acabariam por danificar a todos (grifos meus).<sup>308</sup>

Normalmente, as soluções dadas por Francisco em seu discurso ambiental partem de três origens: a sociedade civil, muitas vezes em oposição ou como fiscalizadora da política institucionalizada e da economia; das pequenas sociedades, principalmente as religiosas, nas formas dos povos aborígenes, cujo exemplo deve ser seguido pela sociedade industrializada; e por fim, de uma revisão da cultura de consumo e de descarte, normalmente através da educação. Conhecimentos da esfera da economia, da antropologia e da educação são utilizados. Para fundamentar seu discurso, se vale dos discursos que considera corretos e/ou convenientes dessas áreas.

Como visto na seção anterior, sua visão da política dirigida por boa parte dos políticos atuais não é favorável à discussão ambiental ora por sua subserviência à esfera econômica, ora pelo favorecimento de questões pessoais dos próprios governantes. É baseado nesta visão desfavorável, que Francisco dirá, por exemplo, no parágrafo 178:

<sup>307</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 119.

<sup>308</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 140.

O drama de uma política focalizada nos resultados imediatos, apoiada também por populações consumistas, torna necessário produzir crescimento a curto prazo. Respondendo a interesses eleitorais, os governos não se aventuram facilmente a irritar a população com medidas que possam afetar o nível de consumo ou pôr em risco investimentos estrangeiros. A construção míope do poder trava a inserção de uma agenda ambiental com visão ampla na agenda pública dos governos. Esquece-se, assim, que ‘O tempo é superior ao espaço’ e que sempre somos mais fecundos, quando temos maior preocupação por gerar processos do que por dominar espaços de poder. A grandeza política mostra-se quando, em momentos difíceis, se trabalha com base em grandes princípios e pensando no bem comum a longo prazo. O poder político tem muita dificuldade em assumir este dever em um projeto de nação.<sup>309</sup>

E é, com base nessa visão de uma sociedade consumista e de uma política subordinada aos interesses econômicos, que ele sugerirá no parágrafo 206 ações como “boicotes”, em uma clara utilização desse mesmo paradigma econômico contra as empresas e os governos subservientes a estas.<sup>310</sup> Tal ação inclusive foi bem sucedida em vários momentos da história, e o papa propô-la evidencia tanto memória histórica quanto uma posição mais pacífica em uma instituição que se valeu muitas vezes da força para fazer adotados seus pontos de vista. Em um mundo que vê a Igreja Católica como agente aglutinador e mesmo balsâmico, atitudes não-violentas, mas de grande impacto como esta realmente acabam por ser as mais indicadas.

As duas outras linhas de ação sugeridas pelo papa partem para campos que unem cultura, religião e educação. Sua sugestão de observação e respeito a comunidades aborígenes, no parágrafo 146, quando diz

Neste sentido, é indispensável prestar uma atenção especial às comunidades aborígenes com as suas tradições culturais. Não são apenas uma minoria entre outras, mas devem tornar-se os principais interlocutores, especialmente quando se avança com grandes projetos que afetam os seus espaços. Com efeito, para eles, a terra não é um bem econômico, mas dom gratuito de Deus e dos antepassados que nela descansam, um espaço sagrado com o qual precisam de interagir para manter a sua identidade e os seus valores. Eles, quando permanecem nos seus territórios, são quem melhor os cuida. Em várias partes do mundo, porém, são objeto de pressões para que abandonem suas terras e as deixem livres para projetos extrativos e agropecuários que não prestam atenção à degradação da natureza e da cultura.<sup>311</sup>

Dará respaldo a ações de cunho religioso e psicológico que são sugeridas mais à frente ou anteriormente, interligadas à questão ambiental, como a presença real no momento presente (§ 226)<sup>312</sup>; a necessidade de preocupação com as gerações futuras (§ 22, 53, 67, 95, 109, 159, 160, 161, 162, 169, 190, 195)<sup>313</sup>; fortalecimento da justiça social (por exemplo, §

<sup>309</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 143.

<sup>310</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 165-166.

<sup>311</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 120.

<sup>312</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 180.

<sup>313</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 20; 44; 55-56; 78-79; 89-91; 129-132; 137; 152-153; 156.

158)<sup>314</sup>; cuidado com os espaços, para que haja sentimento de pertencimento (§ 147 a 152)<sup>315</sup>; contemplação da natureza para a consciência de preservá-la (§ 215)<sup>316</sup>; A necessidade de empatia (§ 208)<sup>317</sup>; de dar uma parada na rotina frenética moderna para uma oração (§ 227)<sup>318</sup>. É interessante, novamente, trazer à memória o mercantilismo que se desenvolveu de maneira tão forte no período colonial, nas colônias ibéricas inclusive e em vários momentos com o respaldo ou oposição da própria Igreja Católica, que ora fundamentava ora condenava a exploração dos povos aborígenes. Todos estes são exemplos de sugestões de ação dadas pelo papa tanto para as questões ambientais diretamente quanto para a mudança da cultura de descarte e consumismo a partir de uma educação ambiental, e que são fundamentadas na relação com a natureza e com o sagrado dos povos aborígenes, com os quais a Igreja Católica manteve relação indecisa e conflituosa por tanto tempo.

A terceira linha de ação de Francisco toma por base a educação e a cultura, como elementos constitutivos de uma nova visão de mundo, voltada ao ambiental. Embora sugestões deste tipo apareçam em vários locais da encíclica, é no capítulo VI que a maioria dos parágrafos atravessados por essa temática aparece. Um parágrafo essencial é o 216, no qual o papa diz:

*A grande riqueza da espiritualidade cristã, proveniente de vinte séculos de experiências pessoais e comunitárias, constitui uma magnífica contribuição para o esforço de renovar a humanidade. Desejo propor aos cristãos algumas linhas de espiritualidade ecológica que nascem das convicções da nossa fé, pois aquilo que o Evangelho nos ensina tem consequências no nosso modo de pensar, sentir e viver. Não se trata tanto de propor ideias, como, sobretudo, de falar das motivações que derivam da espiritualidade para alimentar uma paixão pelo cuidado do mundo. Com efeito, não é possível empenhar-se em coisas grandes apenas com doutrinas, sem uma mística que nos anima, sem ‘uma moção interior que impele, motiva, encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária’. Temos de reconhecer que nós, cristãos, nem sempre recolhemos e fizemos frutificar as riquezas dadas por Deus à Igreja, nas quais a espiritualidade não está desligada do próprio corpo nem da natureza ou das realidades deste mundo, mas vive com elas e nelas, em comunhão com tudo o que nos rodeia (grifos meus).<sup>319</sup>*

O argumento de Francisco é o de que, mesmo tendo cometido muitos erros e por muito tempo, o cristianismo, por sua espiritualidade que não nega o corpo nem a natureza (nisto pareando-se com as crenças aborígenes anteriormente citadas) pode fornecer grandes contribuições nessa construção de nova visão de mundo e de meio ambiente. Seu apelo aos

<sup>314</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 128-129.

<sup>315</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 121-125.

<sup>316</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 171-172.

<sup>317</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 166-167.

<sup>318</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 180.

<sup>319</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 172-173.

crístãos para agirem de acordo com a crença exige, nas entrelinhas, a formulação dessa nova visão abrangente por ele proposta. Essa visão se fundamenta nos aspectos listados na seção 3.1 deste capítulo, já vistas, mas não se restringem apenas aos crístãos seus possíveis benefícios. No campo educacional, no qual a Igreja pode (e deve) juntar-se ao governo e às iniciativas civis, a Igreja tem contribuições valiosas a dar.

A base primordial da educação é a família:

Vários são os âmbitos educativos: a escola, a família, os meios de comunicação, a catequese, e outros. Uma boa educação escolar em tenra idade coloca sementes que podem produzir efeitos durante toda a vida. Mas quero salientar a importância central da família, porque 'é o lugar onde a vida, dom de Deus, pode ser convenientemente acolhida e protegida contra os múltiplos ataques a que está exposta, e pode desenvolver-se segundo as exigências de um crescimento humano autêntico. Contra a denominada cultura da morte, a família constitui a sede da cultura da vida'. Na família, cultivam-se os primeiros hábitos de amor e cuidado da vida, como, por exemplo, o uso correto das coisas, a ordem e a limpeza, o respeito pelo ecossistema local e a proteção de todas as criaturas. A família é o lugar da formação integral, onde se desenvolvem os distintos aspectos, intimamente relacionados entre si, do amadurecimento pessoal. Na família, aprende-se a pedir licença sem servilismo, a dizer 'obrigado' como expressão de uma sentida avaliação das coisas que recebemos, a dominar a agressividade ou a ganância, e a pedir desculpa, quando fazemos algo de mal. Estes pequenos gestos de sincera cortesia ajudam a construir uma cultura da vida compartilhada e do respeito pelo que nos rodeia.<sup>320</sup>

Obviamente, a visão do papa Francisco sobre a família é bastante favorável, idealista inclusive, quando se sabe que em muitos casos a família não corresponde a essa idealização. Possivelmente a visão seja sustentada pela ideologia religiosa já vista anteriormente e que se expande agora ao campo educacional.

Uma das grandes contribuições do cristianismo nessa construção de uma nova visão de mundo é sua oposição ao consumismo. Essa oposição se fundamenta tanto pela questão de certo hedonismo presente na sociedade, no qual a busca de prazeres se opõe à felicidade simples que o cristianismo propõe (§ 222, 223)<sup>321</sup>, quanto no utilitarismo subjacente ao consumismo, que faz com que a sociedade, na política e na economia, disponha também dos próprios seres humanos também como objetos, como coloca no parágrafo 196:

A lógica que não deixa espaço para uma sincera preocupação pelo meio ambiente é a mesma em que não encontra espaço a preocupação por integrar os mais frágeis, porque, 'no modelo 'do êxito' e 'individualista' em vigor, parece que não faz sentido investir para que os lentos, fracos ou menos dotados possam também singrar na vida'.<sup>322</sup>

<sup>320</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 170-171.

<sup>321</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 177-178.

<sup>322</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 157.

A construção de uma consciência ecológica toma por base, na visão de Francisco, um dos conceitos mais caros e principal norteador da doutrina cristã: o amor. No parágrafo 211, coloca: “Voltar – com base em motivações profundas – a utilizar algo em vez de desperdiçá-lo rapidamente pode ser um ato de amor que exprime a nossa dignidade”<sup>323</sup>. Este cuidado com a natureza reflete o amor cristão. É a partir do amor que é possível, mesmo em condições bastante adversas, que seja possível a ação de modo a preservar o meio ambiente. E, se é possível, há para os religiosos, o imperativo moral de ação – uma vez que a omissão se opõe aos valores religiosos. Frisa o papa no parágrafo 49:

Inversamente, está provado que a penúria extrema vivida em alguns ambientes privados de harmonia, magnanimidade e possibilidade de integração, facilita o aparecimento de comportamentos desumanos e a manipulação das pessoas por organizações criminosas. Para os habitantes de bairros periféricos muito precários, a experiência diária de passar da superlotação ao anonimato social, que se vive nas grandes cidades, pode provocar uma sensação de desenraizamento que favorece comportamentos antissociais e violência. *Todavia, tenho a coragem de reiterar que o amor é mais forte.* Muitas pessoas, nestas condições, são capazes de tecer laços de pertença e convivência que transformam a superlotação em uma experiência comunitária, onde se derrubam os muros do eu e superam as barreiras do egoísmo. Esta experiência de salvação comunitária é o que muitas vezes suscita reações criativas para melhorar um edifício ou um bairro (grifo meu).<sup>324</sup>

Superar esse egoísmo várias vezes citado é uma necessidade para ações efetivas no que tange ao meio ambiente, e é um dos aspectos cardeais da doutrina cristã, pois no cristianismo, como já visto e explicitado pelo papa na encíclica, há comunhão inclusive no âmbito da divindade. Acerca disto, falam os parágrafos 228 e 229:

O cuidado da natureza faz parte de um estilo de vida que implica capacidade de viver juntos e em comunhão. Jesus lembrou-nos que temos Deus como nosso Pai comum e que isto nos torna irmãos. O amor fraterno só pode ser gratuito, nunca pode ser uma paga a outrem pelo que realizou, nem um adiantamento pelo que esperamos venha a fazer. Por isso, é possível amar os inimigos. Esta mesma gratuidade leva-nos a amar e aceitar o vento, o sol ou as nuvens, embora não se submetam ao nosso controle. Assim podemos falar de uma *fraternidade universal*. É necessário voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo, que vale a pena ser bons e honestos. Vivemos já muito tempo na degradação moral, descartando a ética, a bondade, a fé, a honestidade; chegou o momento de reconhecer que esta alegre superficialidade de pouco nos serviu. Tal destruição de todo o fundamento da vida social acaba por colocar-nos uns contra os outros na defesa dos próprios interesses, provoca o despertar de novas formas de violência e crueldade e impede o desenvolvimento duma verdadeira cultura do cuidado do meio ambiente.<sup>325</sup>

<sup>323</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 169.

<sup>324</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 122-123.

<sup>325</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 181.

O último atravessamento que será observado será o oposto do muito que foi observado até agora. Muito foi falado do que o discurso ambiental do papa é traspassado pela ideologia religiosa e política. Contudo, o movimento contrário também pode ser observado (inclusive em alguns pontos dos que já foram destacados nessa seção anteriormente), no qual a ideologia ambiental acaba por atravessar o discurso religioso e político. Isto ocorre de maneira mais perceptível na seção final. Mas, como sempre cabe frisar, toda a encíclica é perpassada por todas as ideologias até aqui apresentadas.

O parágrafo 235 é emblemático dessa visão de cristianismo embasada no discurso ambiental. Nele, os sacramentos, que nos ofícios sacralizam a natureza, o fazem justamente por fazer uso de aspectos da já sagrada natureza:

Os sacramentos constituem um modo privilegiado em que a natureza é assumida por Deus e transformada em mediação da vida sobrenatural. Através do culto, somos convidados a abraçar o mundo em um plano diferente. A água, o azeite, o fogo e as cores são assumidas com toda a sua força simbólica e incorporam-se no louvor. A mão que abençoa é instrumento do amor de Deus e reflexo da proximidade de Cristo, que veio para Se fazer nosso companheiro no caminho da vida. A água derramada sobre o corpo da criança batizada é sinal de vida nova. Não fugimos do mundo, nem negamos a natureza, quando queremos encontrar-nos com Deus. Nota-se isto particularmente na espiritualidade do Oriente cristão. ‘A beleza, que no Oriente é um dos nomes mais queridos para exprimir a harmonia divina e o modelo da humanidade transfigurada, mostra-se em toda a parte: nas formas do templo, nos sons, nas cores, nas luzes, nos perfumes’. Segundo a experiência cristã, todas as criaturas do universo material encontram o seu verdadeiro sentido no Verbo encarnado, porque o Filho de Deus incorporou na sua pessoa parte do universo material, onde introduziu um germen de transformação definitiva: ‘O cristianismo não rejeita a matéria; pelo contrário, a corporeidade é valorizada plenamente no ato litúrgico, onde o corpo humano mostra sua íntima natureza de templo do Espírito Santo e chega a unir-se a Jesus Senhor, feito também Ele corpo para a salvação do mundo’.<sup>326</sup>

A presença de Deus é constante entre a humanidade, porque os seres humanos estão inseridos em sua criação, e Ele está presente nela (§ 245)<sup>327</sup>; Embora se creia em um paraíso vindouro, o paraíso tem por base este mundo transformado (§ 243)<sup>328</sup>; e, cabe ao ser humano, por isso, o cuidado deste mundo até a eternidade (§ 244)<sup>329</sup>.

A encíclica *Laudato Si'* possui outras questões que lhe atravessam, e seu estudo comporta uma riqueza de detalhes que não é possível apreender neste trabalho. Contudo, neste trabalho, foi possível perceber as características exigidas da pessoa e do ofício de papa: o de sacerdote, dirigente de uma religião; a de professor, exercendo o magistério junto aos seus fiéis, mas através da encíclica, em larga escala a toda a raça humana; a de estadista, ao

<sup>326</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 185-186.

<sup>327</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 193.

<sup>328</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 192.

<sup>329</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 193.

confrontar a dinâmica política e econômica de outros líderes políticos; e por fim, a de diplomata e conciliador, ao sempre ser cuidadoso nas suas asserções, buscar dirimir as desigualdades entre nações e estratos sociais dentro de cada povo, propor soluções que, dentro das possibilidades, possam atender aos interesses de todos; e, quando não, sua voz, em concordância à sua visão de cristianismo, se ergue em favor dos mais fracos.

### 3.4 Resumo do capítulo

Neste capítulo, a encíclica *Laudato Si'* foi analisada a partir de três ideologias: a religiosa, a política e a ambiental. Detectou-se como ela se apresenta como um texto dissertativo-argumentativo, no qual o papa apresenta, a partir dessas ideologias, argumentos que fundamentam sua solicitação de mudança de atitudes dos cristãos em especial em relação ao meio ambiente. Com base nessas ideologias, foi possível ver que o discurso do papa e do cristianismo por ele defendido fundamenta suas críticas e reflexões sobre questões como a economia comprometida apenas com o lucro, com o consumismo e com uma visão tecnocêntrica e antropocêntrica; critica a política subserviente aos interesses econômicos e à busca incessante de poder, muitas vezes motivada por interesses egoístas; por fim, foi visto suas críticas e sua análise dos movimentos ambientais, alguns dos quais se submetem à economia, outros que são exemplo a ser seguidos, a contribuição do cristianismo à promoção de uma educação de onde surja uma cultura de respeito ao meio ambiente fundamentado em uma ecologia integral, respaldada essa ecologia integral em valores tradicionais e essenciais, considerados pelo papa melhores moralmente, e que são a base de várias religiões, entre estas a católica, sendo a não-adoção de atitudes pareadas a esses valores religiosos danosa ao mundo como o todo e contrária, em última instância, à natureza humana e à vontade divina para a criação em geral e para o ser humano, considerada a mais proeminente criatura, em particular; e como esses discursos analisados a partir destas três ideologias selecionadas se interpenetram constantemente, comprovando o que Fiorin diz ao afirmar que todo discurso é fundamentado em discursos anteriores, a importância de se definir as memórias, o lugar de fala do autor (a partir da análise, foi possível ver que a encíclica é atravessada pelos vários papéis desempenhados pelo papa, conforme o que havia sido dito no capítulo 2), a maneira como o discurso é construído, e a versatilidade e eficiência de conceitos como ideologia, interdiscursividade e intertextualidade para a análise do discurso deste documento.

## CONCLUSÃO

Sem dúvida, é uma tarefa hercúlea analisar o discurso de um documento papal de quase duzentas páginas e estruturado em 246 parágrafos, cada qual, em si, cheio de possibilidades de análise. A própria temática ambiental tem sido alvo de muita querela durante a segunda metade do século XX e nas décadas iniciais deste século XXI, e com certeza é um assunto para o qual a humanidade se voltará ainda mais, uma vez que os efeitos da destruição do meio ambiente já se fazem sentir e acabarão por requerer ainda mais, de particulares e de governos, posicionamentos satisfatórios a ações realmente eficazes para que, como a encíclica diz, a humanidade possa fugir da “espiral de autodestruição”<sup>330</sup> a que está se destinando.

A proposta de abordagem a partir das ideologias religiosa, política e ambiental revelou-se parcialmente satisfatória. Embora em cada momento de análise a esfera social estivesse presente, reconhece-se que seria necessária uma sessão dedicada ao assunto, possivelmente trazendo de maneira mais aprofundada a vida anterior de Francisco antes do papado, quando ainda era o Mestre de Noviços Jorge Mario Bergoglio, sua atuação na Argentina, sua disposição como bispo, cardeal. Todavia, uma obra dessa magnitude não seria possível dentro de um espaço tão limitado quanto uma dissertação acadêmica. Sob este prisma, a presente dissertação se manteve fiel a seu objetivo inicial e foi feliz na sua proposta.

Acertadamente, a escolha do referencial teórico de análise do discurso se revelou eficiente para a percepção dos discursos ideológicos presentes na encíclica. A partir dos conceitos elencados, tornou-se possível perceber de forma clara as constantes interdiscursividades e intertextualidades presentes no texto papal, a partir das três ideologias que nortearam a análise. Obviamente, no espaço curto destinado não é possível esgotar o conteúdo; nem era esse, também, o objetivo.

É interessante perceber como, ao realizar a análise do discurso da encíclica, é possível ver sempre essas ideologias de interpenetrando, de maneira que qualquer classificação estrita e organização será, de qualquer modo, artificial. Nisto lembramos a fala de Nietzsche de que a ordenação, classificação, categorização de mundo advinda da linguagem é ilusória.<sup>331</sup> Na vida prática, todas essas ideologias atuam em conjunto na construção do discurso individual, no caso específico da encíclica, pelo seu formato, na

<sup>330</sup> PAPA FRANCISCO, 2015, p. 133.

<sup>331</sup> Acerca deste assunto, ver SILVEIRA, Glauco dos Santos; SILVA, Lidiane da; SILVA, Marcos Felipe Vital da. A Crítica Nietzscheana à ordenação religiosa do mundo. *Revista Unitas*, Volume 5, nº 2, p. 648-661, Vitória-ES, 2017.

construção dos vários argumentos apresentados (que são bem mais plurais, cabe ressaltar, do que aqueles que foram apresentados no espaço desta dissertação e que são, por si mesmo, muitos e muito bem coerentes e estruturados nas ideologias escolhidas) formando tantos mundos ideológicos e de significado quanto existem pessoas no mundo, e ainda mais além.

A partir da análise do discurso é possível ter uma ideia melhor inclusive da maneira que o papa Francisco vê o mundo. Sua defesa sempre presente dos pobres parece ser a resposta, escrita, da solicitação a ele feita pelo arcebispo emérito de São Paulo Dom Cláudio Hummes, de não se esquecer dos pobres.<sup>332</sup> Neste contexto, sua escolha do nome “Francisco” se reflete na sua preocupação ambiental e no cuidado aos pobres presente na encíclica. Ignorar tal fato na construção da análise da encíclica se revelaria um erro; a percepção de seu valor ao analisar o contexto, foi um dos acertos presentes nesta dissertação.

A percepção de Francisco de mundo, do que se pôde depreender da encíclica e da análise dela, é de uma pessoa crítica dos sistemas de governo, econômico e, de forma indireta, educacional atual. Sua crítica da cultura perpassa essas esferas: tem-se um governo que se submete aos interesses empresariais – estes visando tão somente o lucro imediato, para manter-se no poder, muitas vezes não levando os danos às populações mais pobres em conta, adotando políticas imediatistas que parecem sanar os problemas, mas que a longo prazo se revelam infrutíferas contra os problemas estruturais. A população adota em larga escala o posicionamento governamental e econômico, e mesmos cristãos não agem de acordo com sua fé na visão do pontífice, endossando esse tipo de comportamento que só conduz à catástrofe, seja por desconhecimento, seja por comodidade. Contudo, há bondade no ser humano, e não são poucos os que, conscientes do quadro geral, ou pela sua própria matriz cultural, demonstram atitudes com o meio ambiente, com os governos, com a economia, e com as demais pessoas que devem servir de exemplo. Tais pessoas, comunidades, se mostram mais próximas da visão do papa de cristianismo, mesmo que não sejam, efetivamente, cristãs.

Esse posicionamento falho dos cristãos pode ocorrer por um erro centenário de interpretação das Escrituras. Contudo, o papa conclama que o verdadeiro cristianismo, fundamentado no amor, na comunhão e no cuidado inspira o ser humano a cuidar inclusive do mundo dado por Deus. Assim, a ordem de “domínio” do ser humano é traduzida para uma visão de responsabilidade para com o planeta, posto que, como imagem de Deus, ele se torna

---

<sup>332</sup> CARDILLI, Juliana. Papa diz que decidiu nome após frase de cardeal brasileiro. *GI*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/novo-papa-francisco/noticia/2013/03/papa-diz-que-decidiu-nome-apos-frase-cardeal-brasileiro.html>>. Acesso em: 14 out. 2018.

com a divindade co-criador e, portanto, responsável pela criação que deverá ser cuidada até o fim dos tempos.

A partir da encíclica, como demonstrado ao fim de cada seção do capítulo 3 desta dissertação, é possível perceber os diferentes papéis do papa, ligados ao seu lugar de fala, em ação: sacerdote, professor, estadista, diplomata, mediador. Mas no fim e ao cabo, a visão maior que fica é a de um conselheiro, que aponta sempre para a validade dos ensinamentos da Igreja Católica Apostólica Romana, que são de uma matriz diferente da científica, e por isso são sim necessários e podem e devem contribuir no debate sobre nosso planeta, nossa “casa comum”, embora em suas falas transpareça a memória ou contradição de erros no posicionamento do cristianismo em vários momentos da história, embora nunca ligados aos pontífices anteriores ou à Igreja Católica. Aponta os erros e critica o posicionamento de várias instituições, mas é sábio para demonstrar sempre exemplos bons destas mesmas instituições que devem ser seguidos; é sempre conciliador, criticando a opressão de um sistema financeiro e político corruptos, mas ressaltando a necessidade dessas instâncias e os benefícios que trazem quando agem de modo adequado e humano (que normalmente é considerado o modo “cristão”); defende a população, mostra que muitas das soluções podem e normalmente advêm desta, mas não a isenta de responsabilidade frente à crise atual; ao falar de políticos e de formadores de opinião, atribui seu descuido dos mais pobres em alguns casos por não terem conhecimento da realidade deles. Francisco deixa transparecer, em vários momentos da encíclica, que parece ter fé de que a humanidade é intrinsecamente boa e pode, mediante reflexão de suas próprias atitudes, mudar de postura. Neste aspecto, ele age como o conselheiro ou Pai espiritual que puxa a orelha de modo a que as pessoas lembrem da maneira correta de agir, pois já sabem.

Em sua encíclica amarra de forma coerente seus argumentos. Aponta falhas e a elas contrapõe os acertos de maneira consistente. Se a visão de cristianismo é distorcida aos seus olhos, mostra a visão correta, e instiga os cristãos a ser exemplo agindo de acordo com a fé que lhes está sendo ensinada. Usa exemplos de comunidades nativas e da Igreja Católica Ortodoxa como parâmetro a ser seguido pelos cristãos de outras correntes. Usa a fé para justificar o cuidado com a natureza; usa a natureza para fundamentar sua visão de cristianismo, baseada no amor e na comunhão. A partir desta comunhão, propõe a união da sociedade para combater as injustiças sociais, a cobrar dos governos ações eficazes em favor do meio ambiente; propõe a união dos países para tomarem ações conjuntas efetivas frente a uma crise que é global; conclama as religiões a se unirem na tarefa de ensinar e de orientar os debates; incita as ciências a saírem de suas caixas e dialogarem entre si para encontrar as

melhores alternativas. Fala de um amor divino que se revelou na criação e perpassa a tudo e a todos, tratando a todos como iguais, e ao ser humano, receptáculo de maior dignidade, incumbe também de maior responsabilidade.

A visão comunitária de Francisco, advinda da sua concepção de mundo em geral e do cristianismo em particular, explica muitas das acusações feitas a ele de “liberal” e de “comunista”, pois se opõe ao cristianismo e à visão de mundo ora pregada, nas quais a concepção de trabalho voltado ao lucro e ao ganho material impera, e que contradiz, a seu ver, de forma flagrante os valores do verdadeiro cristianismo, por suscitar no homem o egoísmo, autocentrismo e utilitarismo, que se cristalizam em uma política que se vende aos interesses econômicos, não sendo uma política autêntica, voltada ao “bem comum”.

Todas estas observações foram possíveis através da análise do discurso presente na encíclica através das três ideologias eleitas para esta dissertação. Como dito, muito mais ainda poderia ser feito a título de análise do discurso deste documento, mas o espaço presente é insuficiente para tal análise. Fica, entretanto, a contribuição deste trabalho para aqueles nos quais a causa ambiental toca, para aqueles que desejam conhecer mais sobre a visão do pontífice acerca destas variadas esferas e para os entusiastas da análise do discurso.

## REFERÊNCIAS

A BIBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2000.

ACOSTA, Jim; LIPTAK, Kevin. Trump on Paris accord: “We’re getting out”. *CNN Politics*. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2017/06/01/politics/trump-paris-climate-decision/index.html>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

ALCORÃO. Tradução de Mansour Challita. Rio de Janeiro: ACIGI, 1990.

ALLEN JR., John L. *Conclave: A política, as personalidades e o processo da próxima eleição papal*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

AMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ANSARI, Zafar Ishaq. Abu Hanifa. 2019. *Encyclopaedia Britannica*. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Abu-Hanifah>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

AQUINO, Felipe. Quais os documentos usados pelo papa?. *Canção Nova*. Disponível em: <<https://blog.cancaonova.com/felipeaquino/2007/08/09/quais-os-documentos-usados-pelo-papa/>>. Acesso em: 08 jan. 2018

ARISTÓTELES. *Política*. São Paulo: Martin Claret, 2009.

ARQRIO. *O que é uma encíclica*. 2015. Disponível em: <<http://arqrio.org/noticias/detalhes/3243/o-que-e-uma-enciclica>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

AZEVEDO, Reinaldo. Primeiro Papa do Continente Americano e Primeiro Jesuíta a assumir o controle da Igreja. 2017. *Veja*. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/primeiro-papa-do-continente-americano-e-primeiro-jesuita-a-assumir-o-comando-da-igreja/>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Formação do Império Americano: da guerra contra a Espanha à Guerra no Iraque*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BARBOSA, Daniela. As 50 maiores empresas dos Estados Unidos segundo a Fortune. *Revista Exame*. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/negocios/as-50-maiores-empresas-dos-estados-unidos-segundo-a-fortune/>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011.

BBC. *Papa divulga encíclica “histórica” sobre aquecimento global*. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150618\\_papa\\_enciclica\\_meio\\_ambiente\\_1\\_gb](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150618_papa_enciclica_meio_ambiente_1_gb)>. Acesso em: 16 fev. 2018.

BBC. *Seria o Papa Francisco comunista?*. 2015. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150608\\_papa\\_comunista\\_lgb.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150608_papa_comunista_lgb.shtml)>. Acesso em: 16 fev. 2018.

BIBLE HUB. *Genesis 1:26*. Disponível em: <<https://biblehub.com/commentaries/genesis/1-26.htm>>. Acesso em: 03 jan. 2019.

BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

BOXER, Charles Ralph. *A igreja militante e a expansão ibérica (1440-1770)*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007.

BOXER, Charles Ralph. *O império marítimo português: 1415-1825*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2002.

BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. Editora Contexto, 2005.

BROWN, Dee. *Enterrem meu coração na curva do rio: a dramática história dos índios norte-americanos*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

CALVANI, Carlos Eduardo. “*Laudato Si’* – Sobre o cuidado da Casa Comum”: um convite gentil, generoso e sensível ao diálogo e à reflexão. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (ORG.). *Evangélicos e o Papa: Olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si’*, do Papa Francisco. São Paulo: Editora Reflexão, 2016. p. 91-97.

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2017. *Campanha da Fraternidade 2017*. Disponível em: <<http://www.campanhadafraternidade2017.com.br/>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

CARDILLI, Juliana. Papa diz que decidiu nome após frase de cardeal brasileiro. *G1*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/novo-papa-francisco/noticia/2013/03/papa-diz-que-decidiu-nome-apos-frase-cardeal-brasileiro.html>>. Acesso em: 14 out. 2018.

CARTA CAPITAL. *Encíclica do Papa traz ecos da América Latina, diz Leonardo Boff*. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/enciclica-do-papa-traz-ecos-da-america-latina-diz-leonardo-boff-6793.html>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

CENTER FOR CLIMATE AND ENERGY SOLUTIONS. *Bob Perciasepe*. Disponível em: <<https://www.c2es.org/profile/bob-p-board/>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

CENTER FOR CLIMATE AND ENERGY SOLUTIONS. *Pope Francis highlights the moral imperative of climate action*. Disponível em: <<https://www.c2es.org/2015/06/pope-francis-highlights-the-moral-imperative-of-climate-action/>>. Acesso em: 10 mar. 2018. Tradução do autor.

CHAVES, Fábio. *Após décadas de pesquisa, cientistas afirmam que as outras espécies também criam cultura*. Disponível em: <<https://www.vista-se.com.br/apos-decadas-de-esquisas-cientistas-afirmam-que-as-outras-especies-tambem-criam-cultura/>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS. *Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS)*. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/cnrs>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

CONCEITOS. *Pontífice: Conceito, o que é, significado*. Disponível em: <<https://conceitos.com/pontifice/>>. Acesso em: 2 nov. 2018.

COSTA, Marcelo Timotheo da. Em nome do Pai: o Francisco de Assis de Leonardo Boff. *Revista Topoi*, Volume 17, número 33, p. 444-467. Rio de Janeiro, 2016.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *O que é realidade*. 7ª Ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1990.

EMBRAPA. *Quais são os países que mais emitem gases do Efeito Estufa*. Disponível em: <[http://www.aquecimento.cnpem.br/conteudo/historico\\_aq\\_paises.htm](http://www.aquecimento.cnpem.br/conteudo/historico_aq_paises.htm)>. Acesso em: 16 fev. 2018.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Malik ibn Anas*. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Malik-ibn-Anas>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Shafi'i*. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Shafiiyah>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

ESTADÃO. *Obama propõe cortar 83% de gases poluentes até 2050*. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,obama-propoe-cortar-83-de-gases-poluente-s-ate-2050,330302>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

EUROPEAN COMMISSION. *Paris Agreement*. Disponível em: <[https://ec.europa.eu/clima/policies/international/negotiations/paris\\_en](https://ec.europa.eu/clima/policies/international/negotiations/paris_en)>. Acesso em: 16 fev. 2018.

FIORIN, José Luiz. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, Beth; SOUZA-e-SILVA, Maria Cecília (Orgs.). *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos*. São Paulo: Contexto, 2006.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. 6ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.

FORBES. *8 Países com mais tropas militares ativas em 2017*. 2017. Disponível em: <<http://forbes.uol.com.br/listas/2017/04/8-paises-com-mais-tropas-militares-ativas-em-2017/>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p. 6.

G1. *A trajetória do Papa Bento XVI*. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/02/conheca-trajetoria-do-papa-bento-xvi.html>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

G1. *EUA e China Anunciam acordo para reduzir a emissão de gases poluentes*. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/natureza/noticia/2014/11/eua-e-china-anunciam-acordo-para-reduzir-emissao-de-gases-poluentes.html>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

G1. *Saiba Mais sobre as Encíclicas que marcaram a história da Igreja*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/as-enciclicas-pontificias-que-marcaram-a-historia.html>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

GAARDER, Jostein. Et Al. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GOETHE. *Fausto*. São Paulo: Martin Claret, 2011.

GOLDENBERG, Suzanne; SIDDIQUI, Sabrina. Jeb Bush Joins Republican Backslash Pope Climate Change. *The Guardian*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2015/jun/17/jeb-bush-joins-republican-backslash-pope-climate-change>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

GONÇALVES, Alonso de Souza. Um pastor à serviço da terra: a encíclica *Laudato Si'* e os batistas brasileiros. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (ORG.). *Evangélicos e o Papa: Olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. São Paulo: Editora Reflexão, 2016.

GONÇALVES, André. Jogos Pan-Americanos de 2015 começam sexta em Toronto. *BoaVontade*. Disponível em: <<http://www.boavontade.com/pt/esporte/jogos-pan-americanos-de-2015-comecam-sexta-em-toronto>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

HIRIA & SEMINÁRIOS VALOR ECONÔMICO. *Reporte sobre o 7º Fórum Mundial da Água*. 2015. Disponível em: <<http://hiria.com.br/forum/water/pdfs/report-setimo-forum-agua.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

HUBERMAN, Leo. *História da Riqueza do Homem*. Rio de Janeiro: LTC, 1973.

INSTITUTO DE PESQUISA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS. *As 15 maiores economias do Mundo*. 2017. Disponível em: <<http://www.funag.gov.br/ipri/index.php/o-ipri/47-estatisticas/94-as-15-maiores-economias-do-mundo-em-pib-e-pib-ppp>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. “O Papa Francisco é um dos nossos”: Entrevista com Leonardo Boff. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/563682-leonardo-boff-em-entrevista-o-papa-francisco-e-um-dos-nossos>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

JORNAL DE NOTÍCIAS. *2015 foi o ano mais quente desde que há registro*. 2016. Disponível em: <<https://www.jn.pt/mundo/interior/2015-foi-o-ano-mais-quente-desde-que-ha-registo-4990332.html?id=4990332>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

JORNAL DO BRASIL. *Diferentemente da Rio+20, Cúpula dos Povos supera divergências no texto final*. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/ambiental/noticias/2012/06/22/diferentemente-da-rio20-cupula-dos-povos-supera-divergencias-no-texto-final/>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

JORNAL DO BRASIL. *Rio+20 é o maior evento realizado pela ONU, diz porta-voz*. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/ambiental/noticias/2012/06/22/rio20-e-o-maior-evento-ja-realizado-pela-onu-diz-porta-voz/>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e Religião Oriental*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

KARNAL, Leandro (Et Al). *História dos Estados Unidos: das origens ao Século XXI*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

KLEIN, Carlos Jeremias. A Carta Encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco: a encíclica *Laudato Si'* e os batistas brasileiros. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (ORG.). *Evangélicos e o Papa: Olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. São Paulo: Editora Reflexão, 2016.

KRISTEVA, *Kristeva*. Disponível em: <<http://www.kristeva.fr/>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

LEVI, José Manuel. Primeiro papa a adotar o nome Francisco nasceu em Buenos Aires. *RTP Notícias*. Disponível em: <[https://www.rtp.pt/noticias/mundo/primeiro-papa-a-adotar-o-nome-francisco-nasceu-em-buenos-aires\\_v635481](https://www.rtp.pt/noticias/mundo/primeiro-papa-a-adotar-o-nome-francisco-nasceu-em-buenos-aires_v635481)>. Acesso em: 08 jan. 2018.

MAÇANEIRO, Marcial. *Religiões e ecologia*. São Paulo: Paulinas, 2011.

MAKDISI, George. Ahmad ibn Hanbal. 2019. *Encyclopaedia Britannica*. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Ahmad-ibn-Hanbal>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo: Martin Claret, 2012.

MARTÍN, Inés San. Laudato Si' Will be an encyclical for the ages. *CruX: Taking the Catholic Pulse*. Disponível em: <<https://cruXnow.com/church/2015/06/17/laudato-si-will-be-an-encyclical-for-the-ages/>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Martin Claret, 2008.

MIDDLETON, Richard. *A Guerra de Independência dos Estados Unidos da América: 1775-1783*. São Paulo: Madras, 2013.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. *Legislação Ambiental Básica*. Disponível em:

MOLTMANN, Jürgen. *Ciência e Sabedoria: Um diálogo entre ciência natural e teologia*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2007.

MOSES, Jeffrey. *Unidade: Os princípios comuns a todas as religiões*. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Para Além do Bem e do Mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Martin Claret, 2008.

O GLOBO. *Jim Yong Kim renomeado Presidente do Banco Mundial*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/jim-yong-kim-renomeado-presidente-do-banco-mundial-20188840>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

OBSERVATÓRIO DO CLIMA. *O desafio chinês de crescer sem poluir*. 2015. Disponível em: <<http://www.observatoriodoclima.eco.br/o-desafio-chines-de-crescer-sem-poluir/>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. Os pentecostais também podem cantar juntos “Louvado sejas, meu Senhor”. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (ORG.). *Evangélicos e o Papa: Olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. São Paulo: Editora Reflexão, 2016.

PAPA FRANCISCO. *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Editora Paulinas, 2015.

PEILLON, Antoine; GAULMYN, Isabelle de. *A Laudato Si' é, talvez, o ato número 1 de um apelo para uma nova civilização*: Entrevista com Edgar Morin. 2015. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/543811-a-laudato-si-e-talvez-o-ato-numero-1-de-um-apelo-para-uma-nova-civilizacao-entrevista-com-edgar-morin>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

PEREDA, Cristina F. Trump dismantela política ambiental de Obama contra a mudança climática. *El País Brasil*. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/28/internacional/1490664173\\_797143.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/28/internacional/1490664173_797143.html)>. Acesso em: 10 mar. 2018.

PINHEIRO, J. Q. Psicologia ambiental: A busca de um ambiente melhor. Estudos de Psicologia. Número Especial: Dossiê Psicologia Ambiental. *Estudos de Psicologia (Natal)*. V. 2 (2), p. 377-398. 1997

PLANALTO. *Constituição Federal de 1988*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>. Acesso em: 02 jan. 2019.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martin Claret, 2009.

POCKLINGTON, David. Lambeth Declaration on Climate Change. *Law & Religion UK*. Disponível em: <<http://www.lawandreligionuk.com/2015/06/17/lambeth-declaration-on-climate-change/>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

REDAÇÃO A12. *Dom Erwin Kräutler irá colaborar em encíclica sobre a ecologia*. Disponível em: <<http://www.a12.com/redacaoa12/santo-padre/dom-erwin-kraeutler-ira-colaborar-em-enciclica-sobre-a-ecologia>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

RENDERS, Helmut. Por que os metodistas brasileiros/as deveriam ler a carta encíclica papal *Laudato Si'*. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (ORG.). *Evangélicos e o Papa: Olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. São Paulo: Editora Reflexão, 2016. p. 75-79.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (Org.). *Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. São Paulo: Editora Reflexão, 2016.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Contrato Social ou Princípios do direito político*. São Paulo: Editora Escala, 2008.

SÃO PAULO SÃO. *Prefeito diz no Vaticano que agendas social e ambiental são indissociáveis*. 2015. Disponível em: <<http://saopaulosao.com.br/nossas-acoas/385-prefeito-diz-no-vaticano-que-agendas-social-e-ambiental-s%C3%A3o-indissoci%C3%A1veis.html>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

SCHERER, Bukhard (Org.). *As grandes religiões: Temas centrais comparados*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

SILVEIRA, Glauco dos Santos; SILVA, Lidianne da; SILVA, Marcos Felipe Vital da. A Crítica Nietzscheana à ordenação religiosa do mundo. *Revista Unitas*, Volume 5, nº 2, p. 648-661, Vitória-ES, 2017.

SKINNER, B. F. Seleção por Consequências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, Volume IX, nº 1, p. 129-137, Brasília, 2007.

STADELMANN, Luís. *Criação e ecologia na Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2007.

STREFLING, Sérgio. *A atualidade das confissões de Santo Agostinho*. Porto Alegre: Telecomunicação, 2007.

TERRA. *Número de católicos aumenta para 17,7% da população mundial*. 2017. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/numero-de-catolicos-aumentou-para-177-da-populacao-mundial,3c814a93b17b42d56d7086c94cb35870fzls4q7r.html>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

TUNDISI, José Galizia. Recursos Hídricos no Futuro: problemas e soluções. *Estudos Avançados*, São Paulo, V. 22 (63), p. 7-16. 2008.

UNITED NATIONS HUMAN RIGHTS. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Disponível em: <[https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR\\_Translations/por.pdf](https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf)>. Acesso em: 30 dez. 2018.

UNITED NATIONS. *Statement attributable to the Spokesman for the Secretary-General on the Papal Encyclical by His Holiness Pope Francis*. 2015. Disponível em: <<https://www.un.org/sg/en/content/sg/statement/2015-06-18/statement-attributable-spokesman-secretary-general-papal-encyclical>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. *Carta do Chefe Seattle*. Disponível em: <[http://www.ufpa.br/permacultura/carta\\_cacique.htm](http://www.ufpa.br/permacultura/carta_cacique.htm)>. Acesso em: 22 abr. 2018.

UNRIC. *Saiba tudo sobre a Conferência da ONU sobre Alterações Climáticas (COP 21) – Parte I*. Disponível em: <<https://www.unric.org/pt/actualidade/32066-saiba-tudo-sobre-a-cimeira-sobre-alteracoes-climaticas-parte-i>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

UOL. *Alemão adota o nome Bento XVI*. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/biografias/bento-16-joseph-ratzinger.jhtm>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

UOL. *Papa consulta Boff para escrever nova encíclica*. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2014/10/02/papa-consulta-boff-para-escrever-nova-enciclica.htm>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

UOL. *Veja os papas com os mandatos mais longos da história*. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/album/2013/02/14/veja-os-papas-com-os-mandatos-mais-longos-da-historia.htm#fotoNav=9>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

VATICANO. *Carta Encíclica non abbiamo bisogno del Summo Pontífice Pío XI, acerca del fascismo y la acción católica*. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/pius-xi/es/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_19310629\\_non-abbiamo-bisogno.html](http://w2.vatican.va/content/pius-xi/es/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310629_non-abbiamo-bisogno.html)>. Acesso em: 08 jan. 2018.

VATICANO. *Constituzione Dogmatica Pastor Aeternus, Del Sommo Pontefice Pio IX*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/i-vatican-council/documents/vat-i\\_const\\_18700718\\_pastor-aeternus\\_it.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/i-vatican-council/documents/vat-i_const_18700718_pastor-aeternus_it.html)>. Acesso em: 08 jan. 2018.

VATICANO. *Declaração sobre os livros do professor Hans Kung*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19750215\\_libri-kung\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19750215_libri-kung_po.html)>. Acesso em: 30 jul. 2018.

VATICANO. *Documentos Pontifícios*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/offices/papal\\_docs\\_list\\_po.html](http://www.vatican.va/offices/papal_docs_list_po.html)>. Acesso em: 16 fev. 2018.

VATICANO. *Laudato Si'*. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si)>.html. Acesso em: 08 jan. 2018.

VATICANO. *O crescimento na inteligência da Fé*. Parágrafos 50-141. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/p1s1c2\\_50-141\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p1s1c2_50-141_po.html)>. Acesso em: 08 jan. 2018.

VAUGHAN, Adam. The Pope's Encyclical on climate change – as it happened. 2015. *The Guardian*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/environment/blog/live/2015/jun/18/pope-encyclical-climate-change-live-reaction-analysis#block-5582b62de4b0c09f64bfa923>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

VEIGA, Edison. Em 192 páginas, papa Francisco celebra o meio ambiente. 2015. *Estadão*. Disponível em: <<http://sustentabilidade.estadao.com.br/noticias/geral,em-192-paginas--papa-francisco-celebra-meio-ambiente,1706677>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

VEIGA, José Eli da. Indicadores de Sustentabilidade. *Estudos Avançados*, V. 24 (68), p. 39-52. 2010.

VIDAL, John. Explosive intervention by Pope Francis set to transform climate change debate. 2015. *The Guardian*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2015/jun/13/pope-francis-intervention-transforms-climate-change-debate>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

VILARINHO, Sabrina. Estrutura do texto dissertativo. *Mundo Educação Bol*. Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/redacao/estrutura-texto-dissertativo.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

WIKIPÉDIA. *Cântico das Criaturas*. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2ntico\\_das\\_Criaturas#cite\\_note-2](https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2ntico_das_Criaturas#cite_note-2)>. Acesso em: 08 jan. 2018.

WIKISOURCE. *Tao Te Ching, Capítulo I*. Disponível em: <[https://pt.wikisource.org/wiki/Tao\\_Te\\_Ching/I](https://pt.wikisource.org/wiki/Tao_Te_Ching/I)>. Acesso em: 25 mar. 2018.

WILKINSON, Philip. *Guia Ilustrado Zahar Religiões*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

WISER, Danny. Obama calls for world leaders to heed Pope Francis's message. *Catholic Herald*. Disponível em: <<http://www.catholicherald.co.uk/news/2015/06/19/obama-calls-for-world-leaders-to-heed-pope-franciss-message/>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

WORLD COUNCIL OF CHURCHES. *What is the World Council of Churches?*. Disponível em: <<http://www.oikoumene.org/en/about-us>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

WORLD WATER FORUM. *Edições Anteriores*. Disponível em: <<http://www.worldwaterforum8.org/pt-br/edi%C3%A7%C3%B5es-antteriores>>. Acesso em: 10 mar. 2018.